

Remodelação do Governo ligada à Reforma Agrária

Reafirmada anteontem a plataforma política que serviu de base para a formação do VI Governo Provisório, os três partidos nele representados voltaram hoje a encontrar-se em Belém com o Presidente da República e com o Primeiro-Ministro «para continuar a discutir os assuntos relativos à ligeira recomposição do Governo». As palavras são do ministro Jorge Campinos, que sublinhou esta nova forma na política portuguesa de os partidos se reunirem todos ao mesmo tempo.

Embora o ambiente pareça bastante desanuviado, ou pelo

menos liberto da tensão política que noutras ocasiões tem constituído um obstáculo intransponível à ultrapassagem de divergências, admite-se que este problema da recomposição ministerial não fique hoje ainda concluído. Octávio Pato, um dos representantes do P. C. P. na reunião, considera «um bocado arriscado fazer vaticínios a este respeito e afirma que as coisas não dependem apenas do P. C. P., mas do conjunto».

Sabe-se que subsistem divergências — e este será provavelmente um dos pontos de mais difícil resolução — quan-

to ao cargo de secretário de Estado da Reestruturação Agrária, desempenhado até agora pelo dr. António Bica. O P. C. P. deu o seu acordo para a substituição, mas pretende que ela seja feita por um elemento daquele partido, não adiantando todavia qualquer nome. O problema da Reforma Agrária é, como se sabe, um dos pontos fundamentais do programa político e social do P. C. P., do que resultará ser neste ponto que se regista talvez maior determinação de objectivos.

A discussão, segundo Lopes Cardoso, do P. S., está no mes-

mo pé em que estava, ou seja, está resolvido o problema da saída do secretário de Estado da Reestruturação Agrária mas não está resolvida nem a sua substituição nem em os termos em que esta se processará. Lopes Cardoso entende que «tendo o P. S. a responsabilidade da pasta da Agricultura, deve ter uma equipa completa». Estas posições podem por isso levar a um impasse nos trabalhos de recomposição do VI Governo Provisório.

Quanto ao P. P. D., a sua posição era de exigir que os dissidentes membros do Governo fossem substituídos por

outros deputados do P. P. D.. Magalhães Mota não fez referências aos pontos de vista do seu partido no que respeita citada recomposição do Governo, mas emitiu uma opinião objectiva relativamente à revisão do Pacto M. F. A.-Partidos cujos trabalhos se iniciam esta tarde e, interrogado sobre a

questão do regresso do M. F. A. aos quartéis, disse que «o P. P. D. prefere ouvir a proposta dos militares, visto que foram eles que tiveram a iniciativa da revisão», mas pensa que «o M. F. A. vai pôr o problema dentro dos termos da lei constitucional, «com os quais o P. P. D. está de acordo».

Vasco Gonçalves exonerado

O general Vasco Gonçalves foi afastado do cargo de director do Instituto de Altos Estudos Militares, segundo conseguimos apurar esta manhã junto de fonte digna de crédito. O ex-primeiro-ministro, que iniciara as suas funções naquela escola do Exército em 3 de Novembro último, terá sido exonerado por decisão do actual chefe do Estado-Maior do Exército, general Ramalho Eanes.

O director interino, nomeado para aquele cargo, é o brigadeiro Themudo Barata. Entretanto o general Vasco Gonçalves apresentou-se esta manhã no Estado-Maior do Exército para «receber ordens».

Entretanto foi preso ontem em casa, por volta das 11 horas, Joaquim Simões, coronel de Cavalaria, que pertencia à Comissão de Inquérito ao 11 de Março. O referido oficial foi conduzido para o Presídio Militar de Santarém.

CÂMARA DE GONDOMAR

Presidente do P.S. Vice do P.P.D.

PORTO, 17 — Decorreu ontem ao fim da tarde, no Governo Civil do Porto, uma reunião com vista às dissidências verificadas ultimamente na Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Gondomar.

Presidiu o chefe do distrito, dr. Cal Brandão, tendo estado presentes representações do P. S., P. P. D. e P. C.

Foi resolvido por proposta do P. S. o alargamento da comissão na proporção de 5 representantes do P. S., 3 do P. P. D. e 1 do P. C. Tal proposta

fui aceite em princípio pelos referidos partidos. Também acordaram que o presidente e o vice-presidente sejam respectivamente elementos do P. S. e do P. P. D.

Amanhã efectuar-se-á, pelas 21 e 30, uma reunião na Câmara Municipal de Gondomar com elementos dos três partidos.

20 PÁGINAS

Mulheres dos "pides" protestam



Vieram a Lisboa em delegação. Desde o Minho ao Algarve. Estiveram em Belém e, quatro delas, foram recebidas pelo Presidente da República, general Costa Gomes. Ao todo, eram cerca de sessenta. Sessenta mulheres de elementos da P. I. D. E.-D. G. S. Conversámos com algumas delas, na escadaria do Palácio de São Bento, local para onde convergiram depois da recepção que tiveram na Presidência da República, ao mesmo tempo que outras se dirigiram à Comissão de Extinção da P. I. D. E.-D. G. S. e L. P. com vista à apresentação das reivindicações.

A iniciativa dispõe de directrizes e de organização conjunta. Já anteontem, no Porto, os familiares dos «pides» tinham realizado concentração paralela em frente do Quartel-Ge-

ral. Pires Veloso recebeu-os e, humanamente, comprometeu-se a interceder por eles junto do Conselho da Revolução.

Ao mesmo tempo em Cus-

tóias abria-se nova frente. Ali, paredes-meias com os militares do 25 de Novembro, uma legião de profissionais da repressão fascista enviava idêntico apelo ao mesmo Conselho da Revolução, invocando a sua «inocência criminal». Caso curioso: na sua exposição os «pides» protestavam contra «todas as injustiças que se têm vindo a registar no campo das prisões ao longo do período revolucionário». Protestavam contra a prisão dos Maltezes, Francos Nogueiras e C.ª ou pretendem-se defensores dos militares democratas que fo-

ram atirados para o mesmo presídio em que se encontram? Que miserável manobra de identificação é esta dos contestários em movimento não se sabe muito bem. Sabe-se, sim, que no texto das reivindicações afirmam não terem sido sequer funcionários da ex-P. I. D. E.-D. G. S. «Não somos ex-«pides» mas ex-militares», declaram agora e com todas as letras. (E aqui, mais uma vez, pretendem incluir-se no mesmo rol dos oficiais, sargentos e praças do 25 de Novembro...).

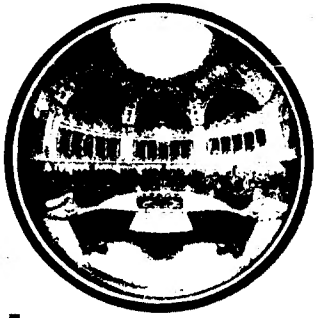
Continua na pag. 20

G.N.R. na Applied Magnetics (Pág. 9)

Negociações M.F.A./Partidos começam esta tarde (Pág. 20)

Portugal: que futuro? (Pág. 7)

Nacional



ASSEMBLEIA
CONSTITUINTE

Galvão de Melo continua em Rio Maior

Galvão de Melo dicit. «É discurso de demente» — gritou Vital Moreira do P.C.P. «Além de reaccionário é aldrabão» — uviu-se a deputados da Assembleia.

Além de anticomunista «sou humorista também quando se trata de comunistas» — esclareceu o deputado independente do C.D.S.

O general (deputado) falava. E falava. Contra Manuel Gusmão (P.C.P.), contra os comunistas que «saltaram e destruíram sedes de outros partidos». Por exemplo: as sedes do M.D.P. e P.C.P. em Leiria, as sedes do P.C. em Alcobaça, Fafe, Ponte de Lima, etc. Por exemplo: assaltos que provocaram o «regresso à clandestinidade» em Rio Maior de simpatizantes e militantes do P.C.P. e demais elementos de partidos progressistas. Galvão de Melo é de facto um humorista.

Interrogar-se-ia: «O que vale a «matracazinha» de 1/2 quilo, se a colocarmos ao lado das armas apreendidas nas sedes do vosso partido?» (Uma pequena correcção do próprio Galvão de Melo: a «matracazinha» pesa 550 gramas).

«Aldrabão! Mentiroso! Fascista!» — gritaram das bancadas do P.C. Mas Galvão de Melo continuava. Falando em banhos de mar. E sugerindo banhos de sangue. E Galvão de Melo bebeu água, como se chegado do deserto. Bebeu água, insistiu. Ninguém julgaria. Comentário de um deputado: «Afoga-te no copo».

Só um oficial-aviador consegue pôr-se em tão pouco tempo em Rio Maior. Ou Galvão de Melo tem o dom da ubiquidade. Ou Galvão de Melo acredita na simultaneidade de tempos diferentes. Galvão de Melo, se o fascismo não fosse um perigo tão real, seria personagem de ficção (a título de elogio: da colecção Argonauta).

ANTES DA ORDEM DO DIA

Como consideramos que o discurso de Galvão de Melo pertence a uma ordem que recusamos (antes, já ou depois) falemos da Constituição.

«O P.D.C. e o seu secretário-geral têm as mãos limpas de compromissos com a Revolução; resta saber se as têm limpas de compromissos com a reacção». Palavras de Manuel Alegre antes da ordem do dia. Aliás o P.D.C. viria a estar na ordem do dia. Com ele (coincidência, escalada ou o que se conclua) a fuga cardíaca de Henrique Tenreiro, a libertação ministerial de Silva Cunha e as «reivindicações» de Kaulza de Arriaga, esse personagem de Suetónio.

O reverso da medalha: os

revolucionários do 25 de Abril que no 25 de Novembro já são contra (-revolucionários) querem dar a entender) a prisão de Custóias, a vida de «habitat» incomunicável, a lembrança de Alcoentre, o «dolce far niente» com fugas fáceis à mistura. Manuel Alegre que reafirmou o «fascismo não passará», glosado no mesmo desejo e intenção pelo seu companheiro de partido, Romero Magalhães, sintetizou da tribuna, foi ao fundo do tacho de um partido com um primeiro secretário-geral fugido e o segundo em activo para as bandas da Rua do Passadiço, numa casa de 26 divisões; «O que contestamos é o facto de utilizar a sigla da democracia cristã para falar uma linguagem que não é cristã nem democrática, mas claramente revanchista e descaradamente reaccionária».

Romero Magalhães, a seguir inscrito, insistiu: «O fascismo não passará». E adiantou: o P.D.C. é «partido que deve, sem demora, ser ilegalizado pois a sua designação vai contra o votado nesta Câmara, em resolução em que o próprio C.D.S. se absteve — é bom lembrarmos-nos».

Romero de Magalhães viu na Televisão. Nós também vimos. O apontamento sobre o Congresso do P.D.C. por exemplo. O deputado do P.S. não quis dizer o nome do comentarista de serviço que «voltou à carga com a reacção católica do Centro e Norte do País». De acrescento: «Conhecemos a música e sabemos onde está a orquestra. O que interessa perguntar é se isso não é uma agressão contra mais de metade da população portuguesa». Em suma (diz Romero de Magalhães): «É urgente acabar com o balofo ideológico na Informação».

O terceiro deputado do P.S. (no caso uma deputada que pela primeira vez falava «em voz alta nesta sala») fez um ataque cerrado ao «estranho modo como está a ser levada a efeito a aplicação da Lei da Reforma Agrária, nomeadamente no campo da formação de cooperativas agrícolas e cooperativas de complexos agro-industriais».

ORDEM DO DIA

No período da ordem do dia, com a abstenção do deputado da U.D.P., foi aprovado o articulado elaborado pela 6.ª Comissão, relativo aos tribunais.

Em discussão ainda nesta sessão da Assembleia os primeiros três artigos dos «Princípios Gerais». A sua redacção não sofreu alteração em relação ao texto.

R.R.

Afonso Dias (U.D.P.)

Estreia no hemiciclo

Ontem foi o primeiro dia nas lides da Assembleia do novo deputado da U. D. P., Afonso Dias, o substituto de Américo Duarte. Afonso Dias que nos cadernos eleitorais vem como cantor popular, é um dos fundadores do Grupo de Acção Cultural, nasceu em Lisboa, foi criado no campo, começou a trabalhar aos 14 anos e tem uma actividade antifascista muito antes do 25 de Abril.

Encontramo-nos no intervalo para a bica e o bagaço. O primeiro requerimento apresentado pelo novo deputado da U. D. P. foi recusado pela mesa por não ter os considerandos. O requerimento falava «apenas» da fuga de Henrique Tenreiro, de Silva Cunha, de Kaulza de Arriaga, da repressão, da actual situação política.

Engatilhámos a primeira pergunta: Depois de duas horas de activo que acha da Assembleia?

Afonso Dias — A Assembleia está a reflectir de forma exemplar toda a minha política. Nela se vê a reacção a avançar. Galvão de Melo a fazer intervenções com um cunho altamente reaccionário. A serem lidos na Assembleia documentos de uma associação de latifundiários fascistas como é a ALA. O fascismo levanta a cabeça por toda a parte e na Assembleia não é uma excepção a isso. A Assembleia já permite que o fascista Galvão de Melo venha dirigir os

seus ataques anticomunistas por detrás de ataques ao P. C.

Entretanto Américo Duarte foi substituído...

Afonso Dias — Américo Duarte foi substituído porque é um operário de uma grande fábrica, é um dirigente sindical. Além disso é um chefe operário reconhecido pela classe. A prova é que foi eleito para a comissão de trabalhadores estando ainda na Constituinte. E nós pensamos que nesta situação não desprezando o grande campo de luta que é a Assembleia Constituinte, há que reforçar a acção junto dos operários e outras camadas do povo de forma a reerguer o movimento e cortar o passo ao avanço dos fascistas e da direita.

Existem de facto duas linhas no seio da U. D. P.?

Afonso Dias — A linha política da U. D. P. é uma defesa dos interesses do povo, contra o avanço dos fascistas, reforço dos órgãos de vontade popular, prosseguimento da Reforma Agrária, segundo a vontade dos camponeses e dos agricultores do Norte e Centro do País e ainda correr com a exploração do imperialismo.

Tem-se especulado com a posição de Pulido Valente...

Afonso Dias — O Pulido Valente é um camarada da Comissão Central da U. D. P., um grande antifascista, com um passado político exemplar que



só não está na Constituinte por motivos rigorosamente de saúde. Toda a especulação sobre as pretensas duas linhas e duas facções dentro da U. D. P. são provocações e a unidade da U. D. P. tem-no demonstrado.

Inscrições para o serviço cívico terminam amanhã

As inscrições para o Serviço Cívico Estudantil, assunto do último Conselho de Ministros, terminam amanhã, dia em que começam as férias do primeiro período deste ano lectivo. Entretanto hoje, às 7 da manhã, já havia na bicha das inscrições cerca de meia centena de estudantes.

Recorda-se que o S.C.E. foi institucionalizado durante o IV Governo Provisório, com o apoio do P.S. e do P.P.D., ainda então na coligação. Este apoio viria a ser negado na prática das respectivas organizações juvenis: Juventude Socialista e Juventude Social-Democrata. Na altura, vêm a Portugal as missões Marmoz e Pellegrin da O.C.D.E. e a missão Botti da Unesco que nos seus relatórios aprovam e defendem calorosamente a criação do S. C. E., ideia primeira do prof. Pereira de Moura.

No entanto, como se sabe, o S.C.E. sofreu contestações a todos os níveis, arrancou muito tarde e na prática os resultados foram negativos.

Este ano o S.C.E. começa em novos moldes, integrado num ano vestibular (ano de orientação) em que além de tarefas práticas, permitirá o ministério de cadeiras propedéuticas.

Quando arranca, como arranca sem o auxílio da Universidade Aberta, são perguntas que se põem. Mas, pensamos, à semelhança do que acontece nas escolas, este ano o serviço cívico estará facilitado, se considerarmos a pequena vaga, contestarária e o desemprego que grassa entre jovens prestes mas impedidos de entrar nas Universidades.

Sindicato dos Trabalhadores do Comércio do Distrito de Lisboa

Sede: Av. da República, 27-29 — Telef. 57 40 73
LISBOA

COMUNICADO

CCT RAMO RETALHISTA

- O combate continua.
- Os trabalhadores não abdicam.

O seu C.C.T. terá que ser negociado.

REUNIÃO GERAL
do sector retalhista

Dia 18 de Dezembro de 1975
às 21 horas

NO SALÃO NOBRE DO INSTITUTO SUPERIOR TÉCNICO

Todos no mesmo combate:

- ESCLAREÇAMO-NOS
- ESTUDEMOS FORMAS DE LUTA CASO O PATRONATO NÃO QUEIRA NEGOCIAR
- CONTRA O CONGELAMENTO DA CONTRATAÇÃO COLECTIVA.
- VENCE O COMODISMO. NÃO FIQUES EM CASA VEM, TRAZ OS TEUS CAMARADAS PARTICIPA NA LUTA

UNIDADE + DINAMISMO + LUTA = VITÓRIA

post scriptum

Cortes de luz: como é?

Moro na zona da Picheleira, onde há quatro dias a Companhia vem cortando a luz sem avisar. Os cortes são efectuados, regra geral entre as oito da noite e a meia-noite, com todas as consequências que possam imaginar-se.

Em minha casa não se cozinha a gás. Calculem v/ o desespero de minha mulher, que, depois de um dia de trabalho exterior, se vê obrigada a alimentar um agregado familiar de cinco pessoas (três filhos pequenos e um ainda bebé) com comida de recurso, fria ou mal aquecida no fogão da vizinha. Os miúdos queixam-se, não estão habituados a comer assim e os seus protestos avolumam o mal-estar geral. Quanto à luz, funcionamos durante essas quatro horas com um velho candeeiro a petróleo e algumas velas espalhadas pela casa, mas sempre de olho posto nos filhos, que poderão tomar uma e provocar um foco de incêndio.

Televisão e rádio — nada. O meu segundo esquerdo parece um túmulo! Gosto de ler, e faço-o regularmente; à luz da vela é que não suporto nem meia hora. Resumindo, mais uma semana como esta e fico, ficamos todos, com os nervos desfeitos. (...).

Jorge Henrique Dias — LISBOA

Mandel ou Soares: em que ficamos?

Li uma entrevista com Ernst Mandel na qual ele dizia que a possível entrada de Portugal para o Mercado Comum Europeu significaria um compromisso com o capitalismo de tal modo que comprometeria definitivamente a tão proclamada via para o socialismo. E seguir ouvi na Rádio o dirigente do P. S. Mário Soares à partida para Bruxelas, declarar que, embora não em missão diplomática mas com os poderes que tinha como responsável pelo P. S., teria contactos com personalidades ligadas à C.E.E., com vista a abrirem-se portas para a entrada do nosso País naquele organismo europeu.

Pergunto: Ernst Mandel, ou Mário Soares, em que ficamos? É bom que se encontre depressa a resposta, pois interessa-me saber se ainda há via para o tal socialismo.

H.S.Azevedo — Paço de Arcos

Como vê, o nosso processo está recheado de originalidades...

De retornado a retornado

Sou retornado de Angola e encontro-me — encontrar-me-ei ainda por algum tempo — internado no Hospital de Santa Maria, onde estive às portas da morte. Fui vítima de uma burla — não lhe posso chamar outra coisa — por parte de outro retornado e como a coisa foi tão bem feita, segundo parece, nem proceder judicialmente posso. Mas o dinheiro sem o qual fiquei, embora não seja muito, faz-me muita falta na situação em que me encontro, desempregado, doente e com família a meu cargo. Gostaria que o culpado, ao ler isto, tenha um rebate de consciência.

António Serrão — Hospital de Santa Maria — Lisboa

Se as colunas do nosso jornal servem para alertar a consciência dos nossos leitores, esperemos que esta carta surta o efeito que o seu autor procura através do «DL».

Há açambarcamento de comida?

Tenho ouvido dizer que apesar da crise económica que o nosso País atravessa não haverá necessidade de racionamento, no que se refere aos produtos básicos. No entanto, por mais de uma vez reparei, sobretudo nos supermercados, que há produtos básicos esgotados. É o caso do óleo alimentar, do arroz e, por vezes, até das batatas e dos ovos. Dizem-me os empregados dos supermercados que há clientes que compram grandes quantidades do mesmo produto, com a desculpa de que aí vem o Natal. Queriam saber se há qualquer verdade no boato que corre de que estes produtos se esgotarão, apesar dos sucessivos aumentos de preço.

M.Piedade Santos — Lisboa

Nos casos a que a leitora se refere, cremos que é sobretudo aos trabalhadores dos supermercados que compete a missão de vigilância, não permitindo uma só pessoa adquirir quantidades excessivas de um só produto.

Tabaco: falta e aumenta?

Já anunciado o aumento do tabaco, eu, fumador inveterado, vejo que de quase todas as tabacarias de Lisboa desapareceram certas marcas, as mais vendidas. Dizem-me os revendedores que a fábrica não manda, não produz, está à espera. De quê? Do aumento de preço? Ou da matéria-prima?

Não posso deixar de pensar que muitos maços estarão guardados à espera do prometido aumento, para de novo entrarem em circulação. Sabem algo sobre isso?

M.H.Gedeão — Loures — Lisboa

Lembre-se de que grande parte da atêria-prima vinha das ex-colónias e que os preços foram aumentados na orgiem. Portanto, é natural que falem ou escasseiem certas marcas... Quanto ao possível açambarcamento, faria bem, em caso de forte suspeita, em alertar a Direcção-Geral de Preços. Sobre o aumento de preço lembramos que ainda não foi confirmado oficialmente.

ABEL SALAZAR

Uma geração à margem da vitória sobre o nazismo; uma juventude traída e forjada no desespero; um despertar cultural de antemão colonizado (pela França — já se sabe), açaimado por um ensino teórico, pela frustração cívica, pelo isolacionismo, pelo velho, pelos velhos, — uma geração assim, a minha, formou-se ao acaso das contradições e com os vícios de uma ausência de sistematização.

Vivíamos numa oposição pragmática, como se calcula. Tínhamos apenas a dar-nos alento os pioneiros do neo-realismo, com todo o entusiasmo dessa corrente e — ponto fundamental — com toda a força unitária do seu conteúdo marxista: filosofia, arte e ciência constituindo um todo de relações para a explicação do homem.

Mas, submetidos a um ensino repressivo, éramos escolares autodidactas — e mais: viamos-nos rondados, tolhidos às vezes por enviados de boa-vontade que transportavam Bergson e Leonardo Coimbra, pelo menos. Reagimos a isso a traço duro. Perante as abordagens do irracionalismo e das interpretações menos imediatas e do fenómeno artístico, fechávamo-nos por dentro e punhamos diante dos olhos a legenda de Rodin: «Não acredite na inspiração, ela não existe. As verdadeiras qualidades do artista são a inteligência, a vontade e a modéstia.» Coisas destas. Contra a nebulosa chama das intuições e do ímpeto criativo, a água agreste da razão simplista...

Eno entanto, já alguns anos antes desse debate em que cada um de nós procurava organizar-se em projecto de escritor ou de artista, já então um mestre da Ciência, daqui e da nossa hora comum, tinha

lançado em termos claros e pedagógicos algumas das coordenadas mais sólidas para o traçado da nossa orientação. Vinham no *Sol Nascente* e no *Diabo*, sobretudo — precisamente as duas revistas onde a geração anterior, a mais irmã da nossa, tinha feito a sua aprendizagem.

Descobrimo-las mais tarde: Pela parte que me toca, eu, *mea culpa*, só depois da morte de Abel Salazar li esses artigos com olhos de ler. E a verdade é que estavam lá os sinais que nos tinham faltado e que, com tanto desperdício e erro, andámos procurando. Ali tínhamos a exposição clara de tantas teses de formulação obscura, desde o animismo aristotélico às reputações do kantismo, e, muito principalmente, achávamos lá o estímulo para a aventura científica, através da aproximação de um universo interpenetrado por diferentes formas de criar ciência e arte, filosofia e acção.

Num sábio de tanta ansia de comunicar e repartir como Abel Salazar, as descobertas imperfeitas ou os desmentidos parciais são acidentes menores de uma trajectória longa e feliz. Num ou noutro ponto haverá nele, penso eu, uma confiança reformista que o aproxima de Sérgio, seu contraditor de boa fé; terá mesmo — como observa Jofre Amaral Nogueira — pecado por optimismo em relação, principalmente, à Escola de Viena e às revoluções copernicianas; para uns o seu tipo de exposição afigura-se algumas vezes «divulgador» por excesso; para outros dogmático.

Embora, de tudo, o que prevalece e domina na gigantesca memória a corpo inteiro de Abel Salazar é o volumoso caudal de ciência e de teorização, derramado por todos os territórios do homem. O resto, as tais baixas de nível são as zonas superficiais que, afinal,

servem ainda para definir o sentido das profundas e tumultuosas correntes do saber. E foi isso que ele procurou e conseguiu: destruir a visão estática (ou mística); concretizar relações que unem a matéria à forma, a razão ao belo. Sistematizar.

Sistematizar, é isso. Todo o esforço de pedagogia e de doutrinação desenvolvido por Abel Salazar é um apelo à sistematização. Estávamos, não se esqueça, numa sociedade de «culturas fechadas» e de formação intelectual desordenada. Sem incentivos, sem escola livre. E nesse clima opressivo, acientífico (que Abel Salazar viveu e quis abrir) o que lhe interessava era, palavras do próprio, «reformatar integralmente a forma de pensar.» Criar método e libertar a nossa sociedade dos preconceitos aristotélicos para revelar a ciência num contexto humanizador.

Assim, ao homem médio, leitor eleito de Abel Salazar, a Ciência sai do *ghetto* da enurdição para se revelar surpreendentemente viva e criadora. A Ciência com os seus motores de imaginação — tal o poema, tal a escultura; embora com as suas representações abstractas, é certo, mas com as paralelas fantasias e audácias que avançam o real através da hipótese e da aventura; através da premissa que se nega e se contrapõe, e se desenvolve.

Por aqui compreendo eu a simpatia de Abel Salazar por Poincaré, o homem para quem a noção de Deus correspondia ao mais infinito: uma simples e necessária comodidade matemática. A objectividade com que o cientista francês «confessa» a mecânica do seu processo criador, a génese das suas descobertas, não pode deixar de impressionar um homem como ele, preocupado na

JOSÉ CARDOSO PIRES

destruição dos mitos correntes em relação ao investigador e à sua desumanização pelos códigos do *establishment*.

«O que é, com efeito, a invenção matemática?» pergunta Abel Salazar no ensaio *O Que É a Arte?*. «Não consiste em fazer novas combinações com as matemáticas já conhecidas. Isso qualquer pessoa poderia fazê-lo, mas as combinações que se poderiam obter assim seriam em número infinito e o maior número seria em absoluto destituído de interesse.» E conclui: «Poincaré insiste sobre o papel da harmonia e da ordenação — facto importante, pois aproxima a criação matemática da criação artística, sem as confundir.»

(Abro um parêntese: Mais de vinte anos sobre este trecho de Abel Salazar iriam surgir na União Soviética, Alemanha e Estados Unidos as primeiras aplicações da estatística matemática à análise das relações entre a linguagem oral e a linguagem escrita, através de textos poéticos. Desta «teoria das probabilidades do verso» têm-se obtido algumas formulações científicas dos princípios da intuição e da modulação da actividade intelectual que paralelamente são do maior interesse para o avanço da angiografia.)

Com a ilustração de Poincaré, e no fundo com toda a sua obra divulgadora, Abel Salazar pretendeu tornar a imagem do homem de ciência, mais próxima do nosso mundo comum. Como Watson, o jovem Prémio Nobel, quando escreveu *The Double Helix*, também ele quis desmitificar a imagem do saber e das suas instituições na sociedade contemporânea e, assim, em tudo e em toda a parte — nas aulas, nos livros, no convívio —

Continua na pág. 4

O GOSTO DO DESASTRE

PIERRE VIANSSON-PONTÉ

O mundo em que vivemos, o mundo de hoje, é duro, perigoso, sangrento, ninguém pode negá-lo. Será pior ou melhor do que o universo de ontem, os homens serão mais ameaçados do que há cem, há trezentos, há mil anos? Quase nos sentimos tentados a responder: pouco importa. O que conta não é o caminho percorrido, o que conta é menor a história do passado do que a do presente e, sobretudo, a do futuro, a vida de amanhã.

Uma grande parte da informação e da reflexão que nos é dada por escrito, a palavra, a imagem, têm precisamente por objectivo prever os segredos de amanhã, do nosso futuro. O facto de os jornais, a rádio, a televisão, o próprio livro não anunciarem boas notícias, serem pobres em certezas reconfortantes ou, pelo menos, encorajadoras, e estejam, pelo contrário, cheios de previsões alarmantes, é coisa natural. Os mediais são antes de mais o reflexo do excepcional e do inesperado, não do vulgar, dizem o que não corre bem e têm um papel útil de contra poderes. Noutros termos, não é notícia que todos os comboios cheguem à hora, que todos os trabalhadores tra-

balhem, que a prosperidade e a paz reinem. Pelo contrário, o descarrilamento, a greve ou o desemprego, a crise ou a guerra, isso sim é matéria de informação. Então, por uma tendência natural, o futuro que a imprensa nos pinta reveste-se a maioria das vezes de cores sombrias. No entanto, vendo bem, a tendência actual parece ser mais do que nunca a de cultivar com uma espécie de morbidez deleite, a angústia, o medo e o desespero, e privilegiar frequentemente, numa espécie de masoquismo incoerente, e até mesmo de sadismo involuntário, às vezes menos inocentemente, o gosto do desastre.

Os três grandes semanários franceses políticos e de informação, consagram todas as semanas a sua última secção a um grande documento, livro, entrevista ou relatório, muitas vezes projectado no futuro. A 1 de Dezembro, «l'Express» socorre-se de cinco sábios americanos para nos predizer «a guerra atómica em 1999?» Que não se enganem. O ponto de interrogação é um pro-forma porque, a acreditar nos peritos citados, o apocalipse nuclear está garantido antes do fim do século, nos próximos vinte e

cinco anos. O estudo é importante. Vai da página 120 à página 171 do número em questão, embora com alguma publicidade pelo meio. A capa desse mesmo semanário anuncia «Futuro: a vida será bela se...» Inútil precisar que a última palavra tem um grande peso nessa perspectiva atraente mas condicional.

«Le Point», por seu lado, escolheu nesta mesma semana um inquérito choque: «A tortura limpa». Tudo sobre todas as formas de tortura que existem no mundo. Compreende-se que o resumo do livro de Jean-Claude Laurent e Raymond Lasière, de onde é extraído o documento, ocupa, incluindo, bem entendido, a publicidade, as páginas 167 a 193 do jornal.

Quanto ao «Nouvel Observateur», mantem-se mais próximo da actualidade, anos de uma actualidade igualmente trágica: Hervé Chaballier conta a guerra do Dhofar, «a guerrilha do fim do 134».

Eis portanto cento e quinze páginas dos três principais semanários franceses da mesma semana, ocupadas pela guerra, pela tortura, pela morte. Que não se veja aqui uma crítica feita aos confrades: teríamos podido escolher qualquer ou-

tro jornal, ouvir a rádio, olhar todos os canais de televisão, que o resultado seria aproximadamente o mesmo. Reflectindo todos os dias um mundo muito rude, a imprensa prediz um futuro ainda mais selvagem. Mas isto não é tudo e não é o pior. O exemplo também aqui é escolhido sem malícia nem ideia preconcebida, ao acaso das publicações da mesma semana.

«Hoje», é o título de um número especial de uma revista bimestral, «L'homme d'abord». Este número reúne artigos publicados durante os últimos sete anos num boletim ecológico e pacifista intitulado «La voix de la paix». Os seus autores são homens de boa vontade, e a sua acção determinada, corajosa e obstinada a favor de uma tomada de consciência dos problemas do nosso tempo, merece todos os elogios. Mas em todo o caso, que pancada. Tudo por lá passa, vejamos.

Continua na pág. 4

Geral

Costa Gomes à televisão espanhola

«O 25 de Novembro não trouxe qualquer alteração à meta que nos propusemos com a revolução de 25 de Abril de 1974. Como se anunciou então, pretendemos que Portugal continue a caminhar para um socialismo democrático, pluripartidário, com total respeito pela idiossincrasia do povo português — eis as palavras do general Costa Gomes numa entrevista concedida ontem à TV espanhola. O Presidente da República respondia a uma pergunta do jornalista Alfonso Diaz sobre «que futuro aguarda a revolução portuguesa e para onde caminha o país», após o «25 de Novembro».

Disse ainda Costa Gomes: «O 25 de Novembro veio repor na sua pureza os princípios que foram enunciados no programa do Movimento das Forças Armadas, o qual foi dado a conhecer ao País na própria noite de 25 de Abril».

Pensa-se, depois de ver a Lei Constitucional sobre as Forças Armadas, no regresso do autoritarismo aos quartéis? — perguntou o repórter — neste caso, julga que ele poderia ser aceite? Resposta de Costa Gomes: «Eu julgo que realmente o 25 de Novembro também não se fez para voltarmos atrás daquilo que estava estabeleci-

do antes de 25 de Abril de 1974. Naturalmente que, depois do 25 de Abril de 1974, a disciplina militar, por razões variadíssimas, foi a pouco e pouco degradando-se nalgumas unidades: mas também se pode verificar que nem em todas as unidades a disciplina se agravou a ponto de elas responderem ao chamamento que se lhes fez e não obedecerem aos canais de comando que são normais em quaisquer forças armadas. O 25 de Novembro veio, portanto, repor um pouco a disciplina nas unidades, mas retirando-lhe aquele carácter material a anticerebral que poderia ter existido antes do 25 de Abril, em que os oficiais obedeciam mais ou menos cegamente ao Regulamento de Disciplina Militar, sem terem qualquer acção na execução das ordens que lhe eram dadas. A disciplina que pretendemos impor é uma disciplina consentida, em que cada um dos elementos no seu escalão seja chamado a dar a sua opinião, mas em que, ao fim e ao cabo, a decisão compete sempre ao comandante como lhe compete também toda a responsabilidade dessa decisão». Costa Gomes falou ainda de «alguns militares que, levados pelo entusiasmo revolucio-

nário, passaram os limites da democracia e pretendiam transformar algumas unidades nas vanguardas revolucionárias. Ora isso — acrescentou — não deu bons resultados, mas eu estou convencido de que a grande maioria dos militares tem espírito democrático e respeita cautelosa e prontamente as decisões do povo português no que respeita à política».

A uma pergunta sobre que partido terá hoje mais possibilidades de colocar-se à cabeça da política portuguesa, respondeu Costa Gomes: «É uma pergunta bastante difícil nesta altura. Como sabe, o partido que registou maior votação popular nas únicas eleições livres que se realizaram em Portugal, em 25 de Abril de 1975, foi o Partido Socialista. Ainda estou convencido de que o Partido Socialista, pela natureza do seu programa e pela forma como tem agido, continua a ser um grande partido. O que ignora nesta altura é se nas próximas eleições o Partido Socialista será o mais votado como foi nas últimas ou se porventura haverá modificações no eleitorado português no que respeita à sua opção por este ou por aquele partido político».

Sobre Timor: «A solução

viável continua a ser aquela que Portugal preconizou quando se efectuou a conferência de Macau, Portugal pretendeu, nesta conferência, estabelecer com os partidos políticos de Timor — a U.D.T., a Apodeti e a Fretilin — um acordo no qual se estabeleceria prontamente um Governo de transição que efectuariam um plebiscito ao povo timorense para se saber qual a sua vontade e qual o futuro que pretendia. Nessa conferência, não esteve a Fretilin, por razões surgidas à última hora, mas, de uma forma geral, concordou com as conclusões da conferência de Macau. Toda a gente sabe que em 10 de Agosto deste ano, a U.D.T. lançou um ataque em Dili, que alastrou a outras regiões do território, para expulsar a Fretilin, e com esse ataque inicia-se uma guerra civil que tem como desfecho, há poucos dias, a invasão da Indonésia, que levou à conquista, por parte deste país, de algumas posições do Timor-Leste, especialmente da capital, Dili. Nós protestamos, e já tínhamos, aliás, posto o problema à O.N.U.: o assunto foi discutido na sua assembleia e, como sabe, as razões apresentadas por Portugal já foram duas vezes votadas favoravelmente, pedindo à Indonésia para retirar o mais rapidamente possível as suas forças, e a O.N.U. preconizou que se seguissem as «démarches» que Portugal estava a empreender para resolução do problema timorense».

Sobre Angola. (Considera que Portugal abandonou Angola à sua sorte e partiu de cabeça baixa, como diziam em Luanda os dirigentes do M.P.L.A.?) — «Eu julgo que não e que cumprimos até ao fim as resoluções do acordo de Alvor. Empregámos todos os esforços até final para que em Angola se pudesse estabelecer um Governo de unidade nacional em que participassem os três partidos e que pusesse termo à guerra civil que infelizmente devastava Angola. Julgo que o problema de Angola, após a nossa saída se tem agudizado mais, porque o auxílio que os partidos emancipalistas e os partidos políticos tiveram do exterior acentuaram-se tendo as grandes potências não só enviado grandes quantidades de material para Angola como mercenários ou algumas forças estrangeiras que tornam o problema mais difícil e a guerra mais cruel. Entendo que o mundo civilizado deveria encerrar Angola como uma nação independente e rica, e, por isso, faria um apelo para que se retirassem também todas as forças que neste momento combatem em Angola ao lado dos movimentos emancipalistas e que deixassem de enviar para ali as quantidades de material de guerra que têm enviado, que têm feito aumentar a violência e as cruzes de uma guerra que já fez mais vítimas que os treze anos e meio de guerra colonial».

O M.F.A. Depois da Lei Constitucional sobre as Forças Armadas, diz-se com muita insistência que corresponde ao fim do M.F.A.. É certo isto? Respondeu Costa Gomes: «Não, não é correcto. O que realmente se pretende é que o M.F.A. se alargue até ao limite que englobe todas as Forças Armadas Portuguesas e é essa a finalidade da lei recentemente promulgada. Mas não há dúvida de que as Forças Armadas e o M.F.A., que devem tender, como digo, para um limite comum, por enquanto ainda não se identificam completamente».

Abel Salazar

Continuação da pág. 3

abrir-se num amplo e comovente desejo de enriquecer a vida, explicando-a.

É por isso que, com uma precisão funcional que faz lembrar os iluministas pombalinos ele vem até nós, e diz:

«Os meus esforços são sinceros. Não pretendo que ninguém pense desta ou daquela forma mas apenas com sentido e clareza, e em harmonia com as aquisições filosóficas actuais, em harmonia com o momento».

E nós a juventude que só pode lê-lo mais tarde (uns entre o romance e a Faculdade de Ciências, como eu), outros entre o poema e o escritório, entre a oficina e o cavalete) nós, geração desencontrada, descobrimos que «havia mais imaginação numa partícula de matéria, Literato de Sebenta, do que a tua filosofia pode abranger». Que na glória dos mártires e dos heróis cabiam outros génios de larga e tormentosa odisséia — e que não eram os Van Gogh ou o Aleijadinho, os Casanova, os Sade ou Jack London, os Cervantes ou Camões mas outros pares de grande majestade e de radiosa dimensão: Galileu, Kepler, Cardano, Newton, e tantos outros.

Compreendemos, mais, que estávamos perante um homem de perfil humanista, talhado a ponta seca, no bronze, mas de permanente e infinita entrega. Todo o seu desejo era demonstrar a convergência dos conhecimentos universais, transcendendo os limites da técnica e formular os problemas a um nível mais amplo. Explicar a vida, numa palavra.

Explicá-la nas leituras possíveis que ela oferece: através do microscópio e da linguagem matemática, através da teorização, do colóquio escolar, da caracterologia, da crónica de viagem, do desenho e da pintura, do barro e do bronze. A carga energética de um homem de tamanha estatua não podia estancar-se nem ser neutralizada. Pressupunha acção múltipla, movimento; incitação ao diálogo; entrega.

E foi precisamente isso que assustou o fascismo, o pavor do vulto que alastra e clarifica.

Violenta e desesperadamente, abriram-lhe a perseguição. Mas, estava escrito, tinha-o dito o próprio Abel Salazar, «a ética intelectual manda estudar os métodos do adversário antes de o combater». (Escrito assim. No estilo preciso duma instrução de campanha).

Sem ética, claro, mas com servilismo, os administradores da cultura esconderam-se na máscara de desprezo e ignoraram o aviso. Mas se erraram em relação a ele, errariam ainda mais em relação ao futuro, persistindo em não o ouvir. E que um cidadão como Abel Salazar não nasce e morre isolado, faz parte do processo duma nação, consta dela e dos homens que a continuam. Tanto que já muito antes do golpe que o fascismo lhe vibrava estava também escrito — e seria como que um segundo aviso do Mestre — que na sua tarefa «se esforçava igualmente, embora por outros processos, o moço e já ilustre matemático Rui Luís Gomes, bem como noutro campo o professor Carraça».

A «aurea mediocritas» que até ao 25 de Abril reinou na Universidade compreende agora a estreiteza dos seus juízos e a mesquinhez da sua memória cultural. Ela só ficará na História deste país pelos crimes e subserviências que apadrinhou, talvez em pé de página e em corpo seis, reduzido, quando se falar de expurgos culturais, de demissões, de denúncias e da extensa lista de vítimas que corajosamente não venderam o saber e a honra ao dirigismo obscurantista.

E bom que os polícias culturais ainda vivos levantem o capelo e ouçam: que essa é a única oportunidade de nos lembrarmos dos seus nomes. E por isso de os não pronunciar. Só por isso.

E que compreendam como continuam vivos, esses sim, aqueles que eles se empenharam em destruir e estão aqui, conosco, neste lugar, à volta de um dos maiores portugueses do nosso tempo:

Abel Salazar, Mestre e Português.

O gosto do desastre

Continuação da pág. 3

sobre nós as aves agoirentas». E ainda: «Quem sabe o que vai acontecer amanhã? O incêndio não irá reacender-se e abrasar a terra? E depois: «Eis onde estamos e há anos e anos que isto dura. E quando chegarmos ao fim, quando a crise chegar, inelutável, todos esses engenhos inutilizados até então servirão para semear a destruição e a morte. Será então preciso reconstruir — e haverá trabalhos para os sobreviventes. Então as fábricas trabalharão e tudo recomeçará».

A natureza? «Daqui por vinte anos, trinta talvez, toda a vida terá desaparecido do planeta...» Já os alimentos nos envenenam e consumimos demasiado. O processo é uma mistificação. A água vai faltar e o ar está podre. O nosso sistema de vida condena-nos; a nossa organização social é demencial; o dinheiro suja tudo; o Estado oprime-nos; a escola embrutece-nos e os nossos filhos, é inevitável, serão todos anormais. No entanto, nós, os «ricos», nós os países industrializados, os «super desenvolvidos», somos favorecidos? Que erro! Não acreditem que esses países sejam sem pro-

blemas. Os seus problemas são mesmo mais numerosos e difíceis do que nos países em vias de desenvolvimento».

Como se poderá viver ou até sobreviver na véspera de tantas catástrofes inelutáveis? O correspondente do «Monde» nos Estados Unidos, aonde os vendedores de angústia ainda são mais incisivos, contava há meses que há famílias assustadas que acumulam reservas de alimentos («survival food»), produtos secos ou congelados, na esperança de se precaver contra a guerra nuclear, a invasão dos comunistas ou dos marcianos, o afundamento da sociedade, a grande crise das sociedades industriais. «Por 500 dólares terão com que se alimentar durante quinze meses, aconteeça o que aconteeça», diz a publicidade. É o «gloom boom» ou o «doom boom», o boom da escuridão, dos sinos tocando a rebate.

De resto, tudo acabou, bem se sabe: não é a crise, é o fim do casamento, da moral, da religião, da abundância, da cultura, da civilização, numa palavra, o fim do mundo e da espécie humana.

© LE MONDE

CONFORTAVELMENTE ECONÓMICO

OLAIO

feito em Portugal

Um Natal mais feliz num ambiente mais cómodo com móveis OLAIO.

- 1 - 5450\$00
- 2 - 1990\$00
- 3 - 1280\$00
- 4 - 3970\$00
- 5 - 3200\$00
- 6 - 1400\$00
- 7 - 630\$00
- 8 - 3980\$00
- 9 - 830\$00

• Sem colchão. Entrega sem encargos.

LISBOA - Rua da Atalaia, 36, 46 - Praça de Alvalade, 18
Rua Passagem de São João, 93 - Rua Ferreira Borges, 26

PORTO - Rua 31 de Janeiro, 225/9
COIMBRA - Rua Rosa Falcão, 11-3
FUNCHAL - Rua 31 de Janeiro, 73/4

"O Século"**Nova administração pede inquérito**

Só após a conclusão de um inquérito pedido pela nova administração da Sociedade Nacional de Tipografia ao ministro da Comunicação Social para «apuração do grau de responsabilidades» dos elementos constantes das listas elaboradas pelos dois sectores divergentes da empresa, será possível o reaparecimento das respectivas publicações, nomeadamente «O Século», «Vida Mundial», «O Século Ilustrado», «Mulher» («Modas e Bordados»).

Tal decisão foi anunciada ontem pelo presidente do Conselho de Administração, coronel Rodrigues Mata, aos trabalhadores reunidos em plenário. Registe-se que cada um dos sectores em causa exigia à administração a suspensão ou saneamento de trabalhadores do grupo contrário.

Como nenhum dos lados cedeu em relação às respectivas exigências, a administração entendeu remeter a questão para o M. C. S., solicitando a criação de uma comissão de inquérito, exterior à empresa e presidida por um militar.

Entretanto o coronel Mata confirmou, durante o plenário, a nomeação do dr. Manuel Magro para o cargo de director de «O Século» e referiu ter já pedido 20 mil contos ao Ministério para pagamento dos salários de Dezembro e do subsídio de Natal.

O novo presidente do Conselho de Administração da S. N. T. considerou, por outro lado, «catastrófica» a situação da empresa e foi da opinião que apenas produzindo publicações vendáveis «ao gosto do público», se poderá vencer essa situação.

Apesar de o administrador ter afirmado que todos os sectores da empresa, excepto as

redacções, poderiam já funcionar a partir de amanhã, julga-se que tal não acontecerá pois o sector «do referendo» (afecto ao P. S., ao P. P. D. e ao M. R. P. P.) decidiu fazer greve de braços caídos enquanto não forem suspensos os elementos constantes da sua lista e que, na generalidade, são afectos ao P. C. P. e a organizações da F. U. R.

CASA DA IMPRENSA

Em assembleia realizada ontem na respectiva sede foram eleitos os novos corpos gerentes da Casa da Imprensa para 1976. Concorreu apenas uma lista com a seguinte composição: Assembleia Geral — Adolfo Norberto Lopes, Presidente; Álvaro B. P. Salema de Araújo, Vice-Presidente; José Luís Fernando d' Oliveira Nunes, 1.º secretário; Alda Esteves Mafrá de Figueiredo, 2.º secretário; Cesário Borga Martins, 1.º vice-secretário; Viriato Dias Bernardo, 2.º vice-secretário. Direcção — efectivos: António da Conceição de Jesus Teixeira de Sousa, presidente; Carlos Manuel Tavares de Pina Cabral, secretário; Fernando Dias da Costa, tesoureiro; Fernando Benigno Peres, 1.º vogal; Rodrigo António Pinto, 2.º vogal. Suplentes: Torquato dos Santos da Luz, presidente; António Gonçalves Colaço, secretário; Carlos Eduardo Brás Plantier Martins, tesoureiro; Helena Maria Pereira Gonçalves Marques, 1.º vogal; João Joaquim Gomes, 2.º vogal. Conselho Fiscal — Efectivos: Mateus do O Boaventura, presidente; Augusto Ribeiro da Silva, secretário; Carlos Augusto Gil, relator. Suplentes: José de Andrade Santos, presidente; Afonso Emilio Praça, secretário; José Eduardo Gutierrez Custódio, relator.

Posição do M.U.T.I.

Em assembleia popular efectuada a noite passada, o M. U. T. I. exigiu do Conselho da Revolução «medidas imediatas para a reintegração dos trabalhadores saneados da Informação nos respectivos órgãos», através de uma moção aprovada no seguimento das declarações de Blasco Hugo Fernandes, suspenso da Televisão. Esse documento re-

puta «vivamente semelhante medida que, ao elevar para 122 o número de profissionais progressistas da Informação suspensos, demitidos e presos, vem mais uma vez facilitar o avanço das forças da reacção e do fascismo». Foram igualmente analisados os acontecimentos de Rio Maior e a situação dos militares detidos em Custóias.

"Diário de Notícias"

Por decisão da nova administração da Empresa Nacional de Publicidade, proprietária do «Diário de Notícias», foram suspensos 14 jornalistas daquele matutino, com interdição de entrada nas instalações da empresa sem prévia convocação. De acordo com a sua primeira ordem de serviço, esta medida visa «criar condições de trabalho à futura direcção do jornal, para que esta possa fazer publicar um jornal independente e pluralista».

Entre os suspensos, a quem serão levantados autos de averiguações, incluem-se os antigos director e director-adjunto, Luís de Barros e José Saramago; além de Mário Ventura Henriques, redactor principal; Daniel Ricardo, chefe-adjunto; Figueiredo Filipe; David Lopes; José Jorge Letria; Mário Rosendo; Rogério Carapinha; Leonor Martinho Simões; João Paulo Velês; Jacinto Fernandes, e Ernesto Sampaio.

Foi ainda confirmado o jornalista Mário Zambujal como

director do «Mundo Desportivo», que poderá voltar a publicar-se «quando o seu director o entender». Quanto à admissão recente de cerca de duas dezenas de estagiários e candidatos a jornalistas, a administração recomendou o estudo do problema, uma vez que existem jornalistas desempregados.

Logo após a sua nomeação, os novos administradores (co-

ronel Mário de Carvalho Andrea, Francisco Lyon de Castro e Fernando Oneto) fizeram uma «análise necessariamente precária da situação da empresa», seguindo-se a determinação de suspender os referidos jornalistas e de não reconhecer as conclusões do último plenário de trabalhadores, em que se incluía a «não admissão dos saneados» e a exigência de «reconhecimento da organi-

zação democrática dos trabalhadores». Proibiram igualmente a realização de reuniões de trabalhadores dentro das horas de serviço e puseram em dúvida a representatividade do actual Conselho Geral de Trabalhadores.

A administração determinou também que fossem «evitadas todas as práticas que possam contribuir para a divisão dos trabalhadores».

Catorze jornalistas suspensos**Conselho de Imprensa discorda da amnistia**

A amnistia concedida pelo Governo por ocasião do Natal, que também abrangeu os crimes contra a Lei de Imprensa foi condenada pelo Conselho de Imprensa na sua reunião de anteontem.

O argumento apresentado pelo Conselho de Imprensa para condenar aquela medida de clemência reside no facto de terem ficado sem a respectiva sanção «sectores de Imprensa

que foram veículo de perturbação da opinião pública e até de ódio, situações que se afiguram contrárias ao clima de paz que se deseja».

O Conselho analisou também os problemas decorrentes da falta de papel para jornal, tendo concluído pela necessidade de as entidades competentes actuarem rapidamente de forma a que «os portugueses não venham a ser privados

ou a conhecer restrições graves na obtenção dos órgãos de Imprensa indispensáveis à sua informação e esclarecimento».

Foi ainda dado conhecimento ao Conselho de Imprensa do abandono das suas funções pelo dr. Fernando Teixeira, que terá de ser substituído. Foi ainda deliberado sobre a necessidade de ser criada, em 1976, uma Secretaria de apoio àquele órgão, que torne mais eficaz o seu funcionamento.

PARA SI,

FÉRIAS DE AVIÃO A PREÇO MAIS BAIXO *

*** A TAP**
OFERECE AGORA A TODOS OS NOIVOS, PESSOAS DE MAIS DE 65 ANOS E FAMÍLIAS, DESCONTOS ATÉ 50% EM TODAS AS DESLOCAÇÕES PARA: PORTO FARO LISBOA STA MARIA FUNCHAL S. MIGUEL E PORTO SANTO

- 1 — Costa Verde (de Valença até Espinho)
- 2 — Costa de Prata (de Espinho à Ericeira)
- 3 — Costa de Lisboa (da Ericeira a Troia, passando por Vila Franca)
- 4 — Interior Montanhoso
- 5 — Planícies (entre a Cova da Beira e o Algarve)
- 6 — Algarve
- 7 — Madeira
- 8 — Açores

Férias. Tempo de descanso. Para quem trabalha. Em Portugal. Para todos os portugueses. Em 8 * zonas que você precisa conhecer. Com programas diversificados, permitidos a cada um aproveitar da melhor forma o seu subsídio de férias. Programas a Preços Especiais que as agências de viagens, têm agora à sua disposição. Peça o Catálogo de Férias Portuguesas em qualquer agência de viagens, que o ajudará a escolher a melhor forma de aproveitar os seus tempos de descanso. Sejam as férias familiares, de fim de semana ou o aproveitamento de um feriado. Gozar o Sol de Verão, a calma da Primavera ou do Outono ou o descanso reconfortante do Inverno.

CONSULTE A SUA AGÊNCIA DE VIAGENS.

Faça férias Portuguesas!

TUDO O ANO

MINISTÉRIO DO EQUIPAMENTO SOCIAL

Direcção-Geral dos Serviços Hidráulicos

DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE APROVEITAMENTOS HIDRÁULICOS

DIVISÃO DE OBRAS

CONCURSO PÚBLICO PARA ARREMATACÃO DA EMPREITADA DO FORNECIMENTO E MONTAGEM DOS EQUIPAMENTOS MECÂNICOS DA DESCARGA DE FUNDO — TOMADA DE ÁGUA E DO DESCARREGADOR DE CHEIAS DA ALBUFEIRA DO APROVEITAMENTO HIDROAGRÍCOLA DA VIGIA

Anuncia-se que o prazo do concurso público para arrematação da empreitada acima referida, aberto por anúncio publicado no «Diário do Governo» n.º 254 — III Série de 3 de Novembro de 1975 fica prorrogado para 21 de Janeiro de 1976, devendo o acto público realizar-se no dia seguinte, pelas 15 horas, no local já anteriormente anunciado.

Direcção-Geral dos Serviços Hidráulicos, em 11 de Dezembro de 1975.

O ENGENHEIRO SUBDIRECTOR-GERAL
Estêvão Mendonça Lamas de Oliveira

Nacional

CONSELHO DE MINISTROS DECIDE

Açores e Madeira menos dependentes de Lisboa

A criação das Juntas Administrativas da Madeira e dos Açores avulta de entre as resoluções ontem tomadas pelo Conselho de Ministros, que se reuniu sob a presidência do almirante Pinheiro de Azevedo e veio a debruçar-se ainda sobre múltiplos outros problemas, nomeadamente no domínio do Trabalho, com a prorrogação para 180 dias do período de concessão do subsídio de desemprego nos casos abrangidos pelo Decreto-Lei n.º 169-D/75 e com a definição de uma maior rapidez no pagamento das indemnizações e salários a trabalhadores no desemprego.

Para os dois arquipélagos atlânticos prevê-se desde já uma revisão da grelha funcional agora estabelecida. Essa revisão far-se-á depois de publicada a futura Constituição Política. As Juntas Regionais terão, por ora, um presidente e seis vogais responsáveis por departamentos específicos, apontando assim para uma efectiva maior autonomia em relação ao Governo Central.

Eis o resumo oficial do Conselho de Ministros fornecido pelo Ministério da Comunicação Social:

«O Conselho de Ministros reuniu em S. Bento (residência do Primeiro-Ministro), tendo tomado as resoluções e aprovado os projectos que, em síntese, a seguir se referem:

«1. O Conselho de Ministros aprovou na especialidade o projecto de decreto-lei da Administração Interna, já aprovado na generalidade, que cria na região da Madeira uma Junta Administrativa e de Desenvolvimento Regional, directamente dependente do Primeiro-Ministro e que assegura ao arquipélago uma ampla autonomia e descentralização administrativa.

«A junta é constituída por um presidente e por seis vogais encarregados das ma-

térias relativas a diversos departamentos e terá os poderes que nela fixem delegados pelo Conselho de Ministros ou pelos ministros.

«O Conselho de Ministros delega desde já na Junta poderes para autorizar despesas até ao montante de 25 000 contos. Comissões mistas estudarão e proporão as funções a delegar.

«A Junta Regional, por seu turno, delegará nos seus vogais as funções afins dos respectivos departamentos e promoverá a progressiva transferência de funções da Administração Central para a Administração Regional e a reestruturação dos serviços periféricos do Governo Central na Madeira, de modo a obter um melhor aproveitamento dos recursos materiais e humanos e uma maior integração a nível regional.

«O diploma comete ao Ministério das Finanças a criação na Madeira de uma secção do Tribunal de Contas e prevê a criação, na dependência da Junta, do Departamento Regional de Estudos e Planeamento.

As delegações que envolvam transferência de serviços da Administração Central para a Junta Regional serão acompanhadas das correspondentes

dotações orçamentais.

«A Junta Regional apresentará ao Ministério das Finanças a proposta de orçamento regional para o ano económico seguinte; apresentará ainda propostas de plano regional e de programas anuais de execução do mesmo plano, nos termos que vierem a ser aprovados em Conselho de Ministros.

«São extintas: a Junta de Planeamento da Madeira e a Comissão de Planeamento Regional.

«O regime agora estabelecido será revisto após a publicação da futura Constituição Política.

«2. Foi também aprovado na especialidade o projecto de decreto-lei da Administração Interna, já aprovado na generalidade, que assegura a equiparação do regime político-administrativo do arquipélago dos Açores ao regime agora estabelecido para a região da Madeira, dado que o actual regime daquele arquipélago continua já algumas regras do regime geral agora aprovado.»

COLOCAÇÃO DE PROFESSORES

«3. Um projecto de decreto-lei do Ministério da Educação e Investigação Científica cria esquemas conducentes à concretização da garantia de emprego para todos os agentes de ensino que leccionaram no ano lectivo de 1974/75, implícita no Decreto-Lei n.º 409-A/75, de 5 de Agosto.

«O diploma admite, em certos termos, a colocação de docentes portadores de habilitações inferiores às especificamente exigidas; para os quais o M. E. I. C. tem em preparação um sistema que virá possibilitar a respectiva formação e profissionalização.

«O esquema agora aprovado confere um papel participativo de alto relevo às organizações profissionais do pessoal docente.

«4. Um projecto de decreto-lei do Ministério da Justiça acrescenta, aos casos de dis-

pensa do decreto do prazo inter-nupcial previstos no n.º 4 do art.º 1605.º do Código Civil, a hipótese de ter sido decretada a separação de pessoas e bens há mais de 180 ou 300 dias, consoante se trate do varão ou da mulher e de o outro cônjuge ter falecido.

«5. Um outro projecto de decreto-lei do Ministério da Justiça define a orgânica e as atribuições do Centro de Identificação Civil e Criminal, bem como a composição e as condições de admissão do respectivo quadro funcional.

«6. Um extenso projecto de decreto-lei do Ministério da Justiça regulamenta a actividade do Centro de Identificação Civil e Criminal, em termos que lhe asseguram rapidez de actuação e eficiência. Trata-se de um diploma cujo dispositivo diz respeito à generalidade dos cidadãos, dada a ampla obrigatoriedade do Bilhete de Identidade como documento de identificação.

«7. Um projecto de decreto-lei do Ministério dos Assuntos Sociais determina que a Escola Nacional de Saúde Pública, que goza de personalidade jurídica e autonomia administrativa e técnica, deixe de constituir o sector de ensino do Instituto Nacional de Saúde. Assim, porque as apontadas características dificilmente se coadunavam com uma situação de subordinação em relação a este Instituto.»

SUBSÍDIO DE DESEMPREGO

«8. Um outro diploma do Ministério dos Assuntos Sociais prorroga por 180 dias o período de concessão do subsídio de desemprego a que se refere o art.º 17.º, n.º 1, do Decreto-Lei n.º 169-D/75, de 31 de Março. A prorrogação abrange os trabalhadores que à data da publicação do diploma se encontrem a receber subsídio de desemprego ou tenham já esgotado o período máximo da sua atribuição.

«9. Um projecto de decre-

to-lei do Ministério do Trabalho dá nova redacção ao art.º 19.º do Decreto-Lei n.º 292/75, de 16 de Junho, e fixa os feriados obrigatórios a observar nas repartições públicas, nas empresas públicas e nacionalizadas e nas empresas privadas. Entre eles incluem-se os dias 25 de Dezembro e 1 de Janeiro.

«Estabelece ainda que, além dos feriados estabelecidos, poderão ser observados pelas mesmas empresas o feriado municipal da localidade, a Sexta-Feira Santa ou a segunda-feira posterior ao Domingo de Páscoa e o dia 24 ou 26 de Dezembro. Este regime salvaguarda a manutenção dos serviços de natureza contígua.

«10. Um outro projecto de diploma do mesmo Ministério transfere os direitos do extinto Comissariado do Desemprego para o Gabinete de Gestão do Fundo de Desemprego.

«11. Um outro projecto de diploma do mesmo Ministério introduz alterações ao Código de Custas Judiciais do Trabalho, em ordem a assegurar 'inter alia', maior rapidez no pagamento das indemnizações e salários em dívida aos trabalhadores em situação de desemprego, maior simplicidade e eficiência no processamento da contabilidade dos Tribunais do Trabalho e maior equiparação, em matéria de remuneração de exames médicos, caminhos, etc., ao que se encontra definido para os Tribunais Comuns.

«12. Um outro projecto de diploma, também do Ministério do Trabalho, altera alguns preceitos do diploma legal que procedeu à revisão do esquema de contribuições destinadas ao Fundo de Desemprego. É fixada em 2,5 por cento, a participação do pessoal inscrito em Caixas Sindicais de Previdência ou Caixas de Reforma ou Previdência; em 1 por cento sobre as importâncias despendidas com os seus trabalhadores a comparticipação dos que, em terreno próprio ou alheio, explorem actividade agrícola com fim lucrativo; e em 0,5 por cento sobre a respectiva remuneração o contributo dos trabalhadores rurais permanentes de conta de outrem.

«13. Um outro projecto de diploma, ainda do Ministério do Trabalho, reduz a três as Comissões de Conciliação e Julgamento a constituir no âmbito das relações de trabalho da Companhia dos Caminhos-de-Ferro Portugueses.»

O PROBLEMA DE TIMOR

«14. Um projecto de decreto-lei do Ministério do Comércio Interno considera extinta em 31.12.1975 a Comissão

de Coordenação Económica criada pelo Decreto-Lei n.º 38 008, de 20 de Novembro de 1950, e providencia quanto ao destino do respectivo pessoal ainda não colocado noutros serviços, sem perda de direitos ou prerrogativas.

«15. Um projecto de decreto-lei do Ministério da Cooperação, tendo em conta que a situação política actualmente vivida em Timor não permite o normal funcionamento dos serviços públicos naquele território, determina que seja desde já aplicável aos agentes dos quadros dos seus serviços públicos o Decreto-Lei n.º 409-B/75, de 6 de Agosto, e defere ao Tribunal de Contas as atribuições de exame e visto que normalmente caberiam ao respectivo Tribunal Administrativo. O diploma prevê ainda quanto à falta de elementos necessários à instrução e exame de vistos, admitindo o seu suprimento através de um processo de justificação administrativa.

«16. Um projecto de decreto-lei dos Ministérios da Cooperação e da Educação e Investigação Científica declara extinta a Procuradoria dos Estudantes Ultramarinos e o Círculo de Estudos Ultramarinos. O diploma providencia quanto ao destino dos respectivos trabalhadores e dos respectivos bens e ainda quanto à forma de liquidação do passivo.

«17. Um projecto de decreto-lei do Ministério da Justiça estabelece que, nos processos de querela pendentes à data da entrada em vigor do Decreto-Lei n.º 605/75, de 3 de Novembro, em que não haja iniciado o julgamento em primeira instância, mas se tenha ultrapassado a fase referida no art.º 474.º do Código de Processo Penal, poderão o Ministério Público, o assistente ou o arguido requerer a intervenção do júri, dentro dos 15 dias seguintes à data do início da vigência deste diploma.»

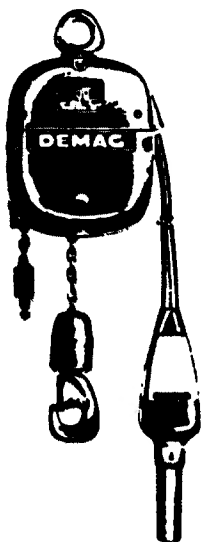
PROSPECÇÃO DE PETRÓLEO

«18. O Conselho de Ministros aprovou alterações aos termos da opção da Soresex na associação desta empresa com a Shell Prospeção Portuguesa para a prospecção de petróleo na plataforma marítima nacional.

«Foram também aprovadas alterações das percentagens contratuais de participação da Chevron Oil Company of Portugal, da Olusul e da Petrogarbe, e do direito de opção destas duas últimas sociedades na associação entre estas empresas para a prospecção de petróleo na costa algarvia.»

DEMAG

APARELHOS DIFERENCIAIS ELÉCTRICOS DE CORRENTE



PARA CARGAS DE 125 a 2.000 Kg.



SINDICATO DOS TRABALHADORES GRÁFICOS DO SUL E ILHAS ADJACENTES

REUNIÃO DE DELEGADOS SINDICAIS

Convocam-se todos os Delegados Sindicais Gráficos, para uma reunião a realizar na Sede do Sindicato, no próximo dia 19/12/75, às 21 horas, com a seguinte Ordem de Trabalhos:

— INFORMAÇÕES.

A DIRECÇÃO

Escola de Condução Monumental



AV. MANUEL DA MAIA, 11-R/C LISBOA

VEM DESEJAR AOS SEUS EX.ªS CLIENTES E AMIGOS

FESTAS FELIZES

PRECISAM-SE

DISTRIBUIDORES C/ TRANSPORTE PRÓPRIO

(motorizada, triciclo ou carrinha)

ENTRADA IMEDIATA — EXIGE-SE FIANÇA

Contactar: AVENIDA ALMIRANTE REIS, 89 - 7.º - Dt.

PRECISAM-SE

PESSOAS DE AMBOS OS SEXOS

COM IDADES SUPERIORES A 18 ANOS

Contactar: AVENIDA ALMIRANTE REIS, 89 - 7.º - Dt.

Portugal: que futuro? (1)

**Não há solução para a crise económica
sem a intervenção dos trabalhadores
— é a opinião do M.D.P./C.D.E.**

Do ponto de vista político e económico, que perspectivas se abrem actualmente para o País?

Para dar aos nossos leitores uma visão o mais ampla possível das questões que ora se colocam aos portugueses, o que lhes permitirá reflectirem serenamente antes de qualquer opção ou, pelo menos, ultrapassarem as mais embaraçosas e angustiantes dúvidas, fizemos a pergunta a numerosos partidos e agrupamentos políticos portugueses. Hoje publicamos as opiniões do Movimento Democrático Português e do Partido do Centro Democrático Social.

Eis o depoimento de Vítor Dias, porta-voz do MDP/CDE:

Vítor Dias (MDP/CDE)

Os acontecimentos de 25 de Novembro, a sua posterior evolução e sobretudo a correlação de forças que emergiu desse momento particularmente agudo da crise político-militar que se vinha a arrastar há largos meses, alteram indiscutivelmente as perspectivas mais próximas para manutenção e desenvolvimento do processo revolucionário português. Não é possível prever hoje exactamente quão profundas e negativas serão as modificações que se operarão no nosso processo político, uma vez que isso dependerá da clara definição da situação que ainda hoje não existe, do equilíbrio de forças no seio das próprias Forças Armadas tendo em conta que nestas se deu uma violenta depuração de sectores revolucionários como se verificou um ascenso de posições perigosamente conservadoras e também, finalmente, mas directamente, da resistência do povo trabalhador, do sucesso das suas lutas em defesa das conquistas essenciais da revolução portuguesa, da consolidação de uma política de unidade que preserve as bases fundamentais para que o caminho para o socialismo continue aberto e para que o perigo fascista, que hoje se manifesta por diversas e encapotadas formas, seja afastado.

Manifestam-se hoje com arrogância na vida nacional tendências que, a vencerem, não só comprometerão seriamente a existência do processo revolucionário como abrirão as portas a uma progressiva orientação política direita, propícia à instauração de um regime autoritário e repressivo, semelhante à ditadura fascista.

Neste quadro causam as mais sérias preocupações as tendências para desvalorizar a necessidade de uma intervenção activa na vida nacional de um MFA que apesar dos limites actuais exprima as aspirações democráticas dos militares que entenderam, justamente, que o compromisso assumido no 25 de Abril de 74 perante o Povo português não assumia apenas a forma de restituir ao Povo português a liberdade abstracta mas sim a de, transformando radicalmente as suas condições de vida, estabeleça as bases para a verdadeira liberdade.

Simultaneamente com esta manobra, que é imperioso dizer-se que sempre foi uma das cartadas mais persistentemente jogada pela reacção e pelo imperialismo, as pressões para

instituírem em Portugal um regime de democracia formal em que as liberdades democráticas perderão o carácter profundamente popular que assumiram ao longo destes meses de revolução comportam o grave perigo de querer impor ao País um figurino que não está de acordo com as suas necessidades reais e que, por si só, não resolverá nenhum dos graves problemas nacionais, antes acentuará ao extremo o artificialismo político e a demagogia eleitoralista e por isso mesmo desmobilizadora, de que a Revolução portuguesa tem já uma experiência dolorosa.

Não é instituir por tudo e por nada a regra do sufrágio universal que em si mesmo garantirá o carácter democrático do Estado e a existência de um verdadeiro clima de liberdade.

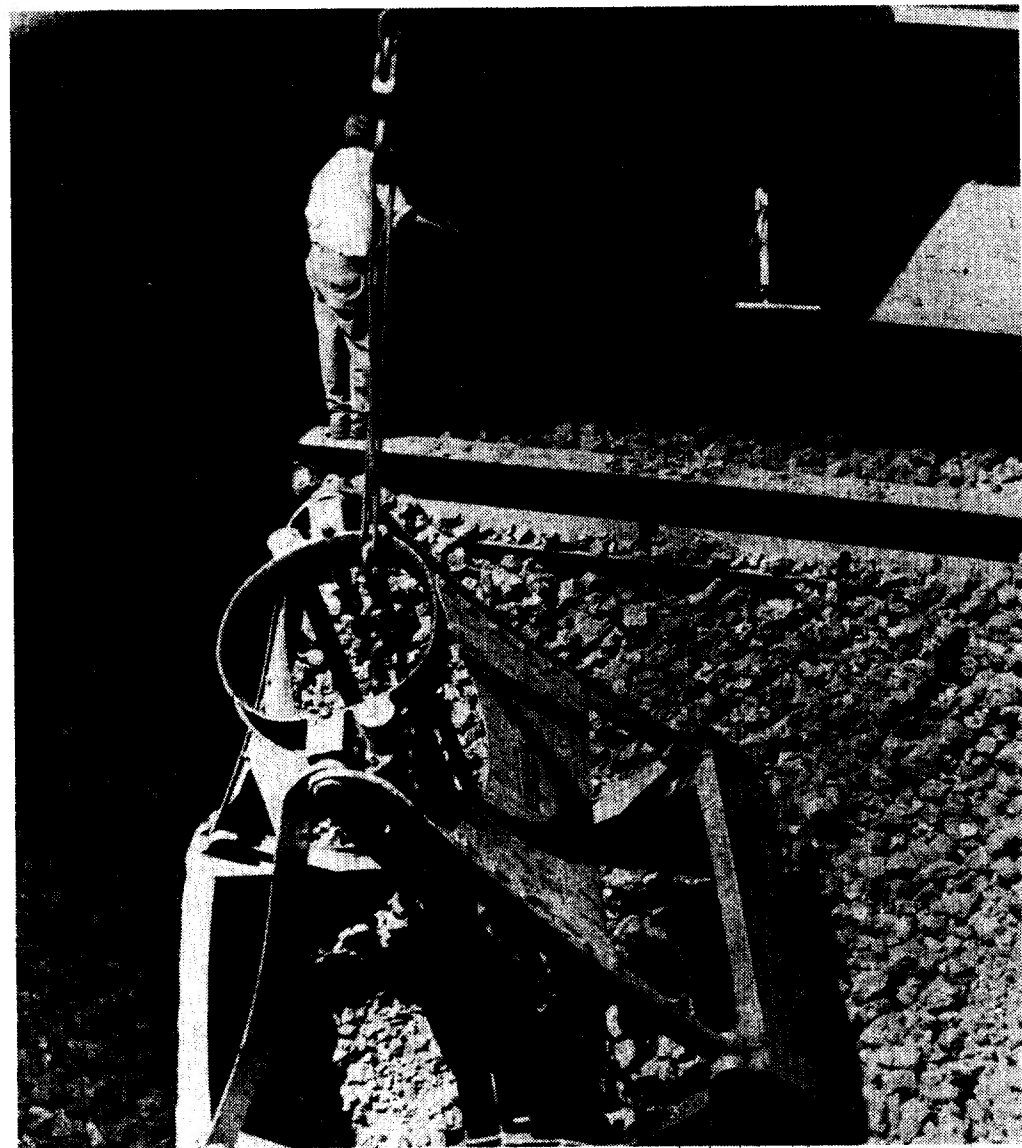
Não deixa de ser significativo que as forças políticas que propõem como solução do problema político de um país, saído de uma ditadura fascista de quase meio século, os esquemas da Revolução francesa, nada digam quanto à imediata necessidade de estabelecer as liberdades democráticas em vastas zonas do País, onde as forças de esquerda vivem cercadas por um clima de intimidação e violência, exactamente porque os reacçãoários e as suas organizações têm deparado com uma política de suspeita benevolência.

As perspectivas que se desenhavam no domínio económico estão estreitamente ligadas à solução política que for obtida para a crise, aos objectivos reais da política do Poder. Se a euforia gerada nas hostes conservadoras pela derrota da esquerda militar levar a pura e simples reedição de uma política de ataque ao movimento popular, às conquistas do Povo trabalhador, tendente a revigorar o capitalismo em vez de operar a transição para o socialismo, então será mais do que certo que os problemas económicos se agravarão e que consequentemente se agravará a dependência do País face ao imperialismo.

Não há solução para a crise económica sem uma activa e criadora intervenção dos trabalhadores, das suas organizações, sem um aparelho de Estado voltado para essa solução, animado da vontade política de reconverter a economia em prejuízo dos grandes capitalistas e agrários e do imperialismo e em favor dos trabalhadores e dos pequenos e médios agricultores, comerciantes e industriais.

Um poder que hostilize os trabalhadores, que se empenhe em levar a cabo uma política que os trabalhadores não aceitam, um poder que não conte com a mínima confiança por parte dos trabalhadores, não obterá destes certamente sacrifícios à base dos quais se procure fazer-lhes pagar predominantemente os efeitos da crise económica, e restaurar o capitalismo monopolista de Estado.

Só uma política progressista aplicada em todos os domínios da vida nacional, só uma política de firme combate à reacção e ao fascismo, só uma vasta unidade entre todos os que firmemente desejam manter Por-



«Não há solução para a crise económica sem uma activa e criadora intervenção dos trabalhadores, das suas organizações, sem um aparelho de Estado voltado para essa solução, animado da vontade política de reconverter a economia em prejuízo dos grandes capitalistas e agrários e do imperialismo e em favor dos trabalhadores e dos pequenos e médios agricultores, comerciantes e industriais...» (M.D.P./C.D.E.)

tugal como um país democrático que avança para o socialismo, só a garantia de que nas Forças Armadas continuarão a ter peso preponderante os sectores democráticos, só a acção amplamente unitária em defesa das liberdades e das estruturas do movimento popular e das conquistas históricas obtidas pelo povo trabalhador desde o 25 de Abril, poderão assegurar que o fascismo não voltará e que as profundas aspirações de progresso, bem-estar e liberdade do Povo português encontrarão resposta a partir da sua própria iniciativa e directa intervenção na vida nacional.

**SERÁ AO POVO
ATRAVÉS DO VOTO
QUE CABERÁ
DECIDIR DO FUTURO**
— ponto de vista do CDS

Por seu turno, em nome do

CDS, Basílio Horta respondeu-nos em três pontos, como segue:

«1. O CDS encara o 25 de Novembro como uma vitória das forças democráticas sobre o golpismo aventureirista das correntes de esquerda totalitária.

Até aquela data e muito principalmente a partir do 11 de Março, assistiu-se perante os olhos incrédulos e o espírito angustiado do Povo, ao desmoronar da promessa democrática da Revolução do 25 de Abril.

A responsabilidade moral dos gravíssimos acontecimentos que levaram ao sacrifício de vidas, cabe, em nosso entender, às forças políticas que repudiadas pela grande maioria do Povo português entenderam enveredar pela violência para satisfazer a sua ambição de Poder.

Igualmente dessa responsabilidade não se podem alhear certos órgãos de comunicação social que produzindo sistematicamente uma informação manipulada e por consequência distorcida, criaram o campo psicológico propício à aventura contra-revolucionária.

Para o CDS o que permitiu a revolução democrática sobreviver ao 25 de Novembro foi a existência de verdadeiras Forças Armadas que por não se encontrarem minadas pela indisciplina e pelas lutas partidárias souberam e puderam reagir vitoriosamente à intenção totalitária.

O Povo português tem uma enorme dívida de gratidão para com esses soldados a cuja acção patriótica se ficou devendo a manutenção das liberdades no nosso país.

2. Uma vez jugulada a sublevação da esquerda — não democrática entende o CDS que temos de retornar ao espírito original do 25 de Abril de 1974 ou seja que temos de salvar a nossa revolução democrática.

Em nosso entender o projecto democrático pluralista é a única plataforma capaz de unir todas as forças políticas verdadeiramente interessadas em afastar de uma vez por todas os perigos dos totalismos de direita ou de esquerda.

As Forças Armadas competirão ser o garante do respeito pela vontade do Povo português expressa em eleições livres.

Será ao Povo através do voto, e a mais ninguém, que caberá decidir se este país continuará no futuro a ser governado apenas por partidos socialistas.

Entende pois o CDS a esta luz, que apenas haverá lugar à defesa de um único objectivo — o da democracia pluralista.

É neste sentido que deverá ser revisto no mais curto espaço de tempo o Pacto MFA — Partidos.

3. Não é segredo para ninguém a gravíssima crise económica com que o País se defronta. A única forma de atenuar os seus efeitos e assim de evitar, na medida do possível, os enormes sacrifícios que espreitam os portugueses, será a de mobilizar urgentemente os agentes económicos para o esforço de reconstrução nacional.

Isto conseguindo-se, por um lado, restabelecendo o clima de confiança capaz de permitir uma vida económica e social normal, e por outro, provendo os cargos no aparelho administrativo estatal com base em critérios de competência e não de filiação partidária.

O CDS é o partido de oposição democrática ao Governo, mas conhecendo como conhece os difíceis momentos que aguardam a vida económica do nosso país, não regateará esforços, se estes lhe forem pedidos para na medida das suas possibilidades evitar mais sofrimentos ao nosso já tão sacrificado Povo.»

AMANHÃ: Os pontos de vista do PCP e do PS



«Será ao povo, através do voto, e a mais ninguém, que caberá decidir se este País continuará no futuro a ser governado apenas por partidos socialistas...» (C.D.S.)

Trabalho

SINDICATO DA CONSTRUÇÃO CIVIL:

A resposta para a crise — cem mil fogos em 76

A construção civil é um dos mais importantes problemas do nosso país, neste momento. A crise que atravessa, há mais de um ano, continua sem fim à vista, sendo sabido que o sector tem dado um larguíssimo contributo para o aumento do desemprego, e que a revitalização da indústria arrastaria a de 24 outros sectores industriais, que vivem essencialmente das relações com a construção, desde as tintas aos vidros.

De resto, a revitalização do sector foi um dos temas principais das negociações que decorreram em S. Bento, aquando da manifestação que os trabalhadores da construção civil realizaram frente àquele Palácio, no sentido de que fossem aprovadas as novas tabelas salariais e o clausulado do Contrato Colectivo de Trabalho Vertical. Então, o Primeiro-Ministro, almirante Pinheiro de Azevedo, assentiu no Contrato, prometeu um inquérito ao Ministério do Trabalho, prometeu medidas de revitalização. Inter-

rogámo-nos, na altura, sobre o sentido das medidas que o VI Governo poderia adoptar, apontando a tomada de posição do chefe do Governo durante as negociações, na defesa de um certo liberalismo.

Entretanto, com o 25 de Novembro, o Conselho da Revolução decretou a suspensão de toda a contratação colectiva, e o Contrato da Construção Civil levou a primeira machadada, já que deveria ser aprovado no dia 27 desse mês, aliás como constava da acta anteriormente assinada em S. Bento. No mesmo dia 25, a Secretaria de Estado dos Investimentos Públicos tornou pública a notícia da celebração de diversos contratos entre o Fundo de Fomento da Habitação e empresas de construção civil, no valor de um milhão de contos.

SUSPENSÃO NÃO É O FIM

Desta conjuntura arrancamos para uma curta entrevista com um dos elementos da Co-

missão Negociadora do Contrato, Celestino Diogo, do Sindicato da Construção Civil.

«Desde o dia 25, ou melhor, dos dias que se lhe seguiram, que temos tentado contactos com as entidades oficiais, no sentido de se obter uma definição da situação», conta-nos. «Durante bastante tempo numa passámo-nos a porteiros, pois era-nos respondido que o assunto era da competência da secretaria tal, ou daquele Gabinete. No entanto, temos algo, ou pelo menos parece: a acta assinada pelo Primeiro-Ministro, quando fizemos a manifestação em S. Bento. Claro que depois de 31 de Dezembro teremos de ver tudo... Neste momento preocupamo-nos com a revitalização do sector e, para tal, encetámos contactos com os SAAL, com o Fundo de Fomento da Habitação e com o Ministério do Equipamento Social».

A Comissão Negociadora que continua a efectuar as diligências para efectivar o Contrato Vertical, com todas as implicações no domínio dos ordenados e outras regalias, bem como no acompanhamento do avanço dos trabalhadores, na conquista de condições mínimas, tenciona pedir ao Governo, para o ano que se aproxima, 74 milhões de contos, que deverão ser aplicados da forma que segue: 50 milhões em habitação social, e o resto para obras públicas, bastando para a construção de cem mil fogos, o que representaria um bom avanço no sentido de minorar a falta de habitação que neste momento se faz sentir.

Como curiosidade, assinalamos que, no decurso das últimas semanas o desemprego na construção civil estabilizou, não porque se tenham mantido as condições anteriores, mas essencialmente, segundo nos assinala aquele sindicalista, porque as condições existentes actualmente nos meios rurais, de onde provém a maioria dos trabalhadores, apresentam novas características (Reforma Agrária) e elementos porventura desempregados deslocam-se para as suas terras de origem.

Das diligências desenvolvidas, os trabalhadores da construção civil, através dos seus representantes, conseguiram estabelecer contactos com o dr. José Meneses, do Gabinete do Primeiro-Ministro, tendo como tema a acta referida. O inquérito ao Ministério do Trabalho, que tinha sido prometido por Pinheiro de Azevedo também foi tema, com a resposta por parte daquela individualidade de que, como está a decorrer uma sindicância naquele departamento governamental, não há qualquer viabilidade para a inquirição. Para além disso, foi argumentado que tinha sido proposto para tomar assento nessa Comissão de Inquérito, por parte dos trabalhadores, o major Dinis de Almeida, e que, como ele agora se encontra detido, não era possível a sua comparência.

O FUTURO À PORTA

Mas, a suspensão da contratação colectiva, nos termos em que foi estabelecida pelo Conselho da Revolução termina este mês. Assim, tudo deixa prever que a luta dos trabalhadores da construção civil renascerá no primeiro mês de 1976. Assinalamos os termos em que

foi tomada a decisão de suspender a contratação colectiva: «Necessita o Governo, uma vez ultrapassada a situação de emergência que o País atravessa e impede o seu actual funcionamento, de um mínimo de tempo para repensar os problemas da economia nacional e consequentemente produzir a legislação adequada». Assim, a suspensão visaria que fosse «entretanto definida pelo Governo uma política salarial e de rendimentos» com vista a «reduzir as desigualdades existentes e as diferenciações salariais excessivas», protegendo «os salários mais baixos» tendo «em conta as possibilidades reais da economia e a progressão do custo de vida».

Responde o nosso interlocutor do Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil: «Sobre o contrato, nós consideramos que as tabelas salariais estão automaticamente aceites, por consequência da acta que o Primeiro-Ministro assinou. O que estaria em causa seria o clausulado do contrato. Mas nós sabemos que a Portaria que estivemos a negociar no Ministério do Trabalho está pronta, simplesmente o secretário de Estado probe-nos o acesso ao documento».

E acrescenta: «É nossa convicção que o Governo não consegue neste período definir uma política salarial. Por outro lado, com a aceitação da nossa tabela, alguns problemas seriam resolvidos, como o da concorrência, porque aparecem firmas que, por praticarem salários inferiores, apresentam orçamentos mais baixos».

Perspectivas: «Para já pensamos nos primeiros dias de 1976 reunirmos, a nível provincial, delegados sindicais e comissões de trabalhadores, para um posterior encontro nacional».

Quanto à hipótese de uma greve abrir o novo ano: «Nem sempre os trabalhadores alcançam vitórias com a greve. Tentaremos outras formas de luta. Mas se for necessário avançaremos com ela».

A REVITALIZAÇÃO

No mês passado, em S. Bento, com os trabalhadores cá fora esperando as decisões que se tomavam lá dentro, a Comissão Negociadora do Contrato



da Construção Civil apresentou a seguinte proposta de revitalização, com o objectivo de ultrapassar o aumento de massa salarial que a aplicação da nova tabela salarial pressupunha, e constituir um fundo de investimento:

— Nacionalização dos solos;

— Nacionalização dos meios de caução dos senhorios, ou seja um mês de renda de casa que os inquilinos pagam adiantadamente, no valor de três milhões de contos;

— Limitação dos rendimentos dos senhorios;

— Nacionalização dos seis milhões de contos de rendas, pagas anualmente pelos habitantes dos bairros de lata.

RECENTE MEDIDA DO GOVERNO

Já referimos a decisão, publicada, tomada a 25 de Novembro, pela Secretaria de Estado dos Investimentos Públicos do Ministério das Finanças. Observadores económicos consideram importante esta «medida» com a pequena dimensão que lhe é inerente. Eis o texto do comunicado oficial:

Da Secretaria de Estado dos Investimentos Públicos do Ministério das Finanças recebemos a seguinte nota oficial:

«1. Diversos contratos de desenvolvimento celebrados entre o Fundo de Fomento da Habitação e empresas de construção civil foram agora despachados favoravelmente pela Secretaria de Estado dos Investimentos Públicos com concessão de aval do Estado, que permite a efectiva realização de diversos empreendimentos já aprovados pela Secretaria de Estado de Habitação e Urbanismo do Ministério do Equipamento Social.

«Ao todo vão ser construídos 2542 fogos e 6 lojas que comportam uma despesa global de 1 073 108 contos. Há ainda a registar a garantia de compra ulterior pelo Estado que em alguns casos atinge cerca de 70 por cento dos fogos a construir.

«2. As iniciativas são assim discriminadas:

— 550 fogos em Miratejo no valor de 220 681 contos a construir pelas empresas M. N. Tiago, S. A. R. L. e Construtora Abrantina, Lda. com financiamento do Montepio Geral.

— 277 fogos e 6 lojas em Vila da Moita no valor de 119 403 contos, a construir pela Grancor com financiamento do Montepio Geral.

— 22 fogos em Rio de Mouro (Sintra) no valor de 9013 contos a construir pela firma António Correia Garcia com financiamento do Crédito Predial Português.

— 54 fogos em Ameigeira (Lagos) no valor de 24 011 contos a construir pela empresa Gorgulho e Edgard, Lda. com financiamento da Caixa Geral de Depósitos.

— 1639 fogos na Quinta do Mocho, Sacavém, no valor de 700 000 contos a construir pela empresa J. Pimenta com o Montepio Geral-Caixa Económica de Lisboa, com financiamento do Montepio Geral.»

INDÚSTRIA FARMACÊUTICA

Eleições no sábado

«Concorremos às eleições manifestando defender os interesses dos trabalhadores, nomeadamente dos mais explorados, dos sectores mais desfavorecidos» — afirma a lista A, candidata às eleições no Sindicato dos Trabalhadores da Indústria e Comércio Farmacêuticos, que se realizam no próximo sábado.

As primeiras eleições neste sindicato tiveram lugar no dia 26 de Julho. Saiu vencedora a lista B, afecta ao P.S.-M.R.P.P., por uma margem de quase 400 votos.

Estas eleições acabariam por ser anuladas, visto as duas listas terem concordado em que teria havido irregularidades no acto eleitoral. Uma manifestação de trabalhadores afectos à lista B levou à intervenção da Polícia Militar. Foi então criada uma comissão que assegurasse o funcionamento do Sindicato.

Trabalhadores de várias empresas têm pedido ao longo

destes meses, insistentemente, a realização de novas eleições, o que vai acontecer no próximo sábado.

Concorrem duas listas: A e B. Recebemos até agora o programa da lista A sob a sigla: «Unir os explorados — democratizar o sindicato». Nele se salienta: «Estamos dispostos a incentivar cada vez mais as iniciativas dos trabalhadores e a sua vontade de caminhar rumo à sociedade sem classes. Não pactuamos com o patronato: não aceitamos a tutela de uns tantos senhores que querem pensar por nós. Há que, nesta fase difícil que atravessamos, distinguir muito claramente quem são os nossos inimigos e virar contra eles todas as nossas forças. Unidos e organizados e com todos os irmãos de classe, caminhando com passos seguros e confiantes para uma sociedade em que não haja lugar para o desemprego, a miséria e a exploração».

ESPECTÁCULOS

Pedida a anulação do acto eleitoral

Oito sócios do Sindicato dos Trabalhadores de Espectáculos solicitaram ao presidente da mesa da assembleia geral que considere «nulo e de nenhum efeito» o acto eleitoral, realizado no passado dia 12, por entenderem que se verificaram algumas «irregularidades».

Segundo estes sócios, os estatutos foram contrariados por diversas ocasiões. Assim, teriam votado quatro trabalhadores com menos de 18 anos; «entre os votantes por correspondência não foi devidamente verificada a regularidade das quotas, o que levou a aceitação indevida de três votantes que não tinham as respectivas quotas em dia»; a inclusão de nomes no caderno

eleitoral, durante o acto eleitoral, não teria seguido um critério uniforme; o prolongamento, por meia hora, do acto eleitoral «afigura-se a todos os títulos arbitrário e inconsequente».

Este grupo de sócios entende que tais «anomalias se terão fatalmente reflectido nos resultados», atendendo a que «a diferença de votação apurada entre as duas listas foi numericamente pouco significativa».

Nas eleições para os corpos gerentes vencera a lista A, encabeçada por Rogério Paulo, Canto e Castro e Cremilda Gil. A lista vencida englobava Igras Caeiro, Carlos Coelho e Armando Cortês.

A Intersindical contesta sindicância ao Inatel

A sindicância, ao INATEL, ordenada pelo Ministério do Trabalho na «base de denúncias de pretensos desvios às suas finalidades e objectivos», levou o Secretariado da Intersindical a tomar publicamente uma posição de repúdio por tal decisão.

Os dirigentes do centro sindical consideram este «acto abusivo, ingerente e arbitrário», e declaram, em comunicado à Imprensa:

«1. O ministro do Trabalho e sua equipa, na actuação quotidiana, tem demonstrado as suas ligações com o patronato, defendendo os seus privilégios de classe em prejuízo dos interesses das massas trabalhadoras, da democracia e do socia-

lismo, contrariamente ao que demagogicamente apregoam.

«2. As tentativas que o sr. ministro e o seu secretário de Estado têm feito para transformar radicalmente o Ministério do Trabalho em Ministério das Corporações, não iludem os trabalhadores portugueses. Após a criação do Gabinete de Apoio à vida sindical, aqueles senhores não hesitam em fazer sindicâncias nas organizações dos trabalhadores que apenas formalmente dependem daquele Ministério ou do Estado.

O INATEL é uma organização de promoção cultural, desportiva e recreativa, inequivocamente virada para os interesses dos trabalhadores portugueses, e por estes totalmen-

te sustentada economicamente.

«3. A sindicância, rodeada de extemporâneas e caluniosas afirmações em diversos órgãos de Informação ao serviço da contra-revolução, visa exclusivamente molestar o nome de homens que dedicadamente têm servido a causa dos trabalhadores e confundir o Povo português através de manhosas insinuações tendentes a desprestigiar o INATEL.

«4. Repudiamos todas as atitudes corporativas do sr. ministro do Trabalho e alertamos as massas trabalhadoras para a defesa intransigente das suas conquistas democráticas e vigilância activa à volta das suas organizações.»

Trabalho

PARA CUMPRIR ACÇÃO DE DESPEJO

A G.N.R. intervém na Applied Magnetics

Oito elementos da G. N. R. com outras tantas G-3 bem assistadas, apresentaram-se esta manhã à porta da Applied Magnetics, a fim de dar cobertura aos oficiais de diligências que ali foram cumprir o veredicto do Tribunal do Trabalho e proceder à acção de despejo da empresa em questão.

Aos apelos da Comissão de Trabalhadores da firma, lançados ontem à noite e hoje de manhã a nível individual, na medida em que os órgãos de informação foram de certo modo silenciados, acorreram alguns camaradas no intuito de impedirem a acção de despejo e oporem-se firmemente à cobertura prestada pela G. N. R. aos funcionários do tribunal que julgou a questão.

Como é do conhecimento público, o senhorio das instalações fabris pôs uma acção em tribunal contra os interesses dos trabalhadores, na sua maioria mulheres, de forma a que estas abandonassem o terceiro andar de um funcional e moderno prédio situado na parte oeste de Sacavém.

Recorde-se que a luta dos trabalhadores da Applied Magnetics remonta a 16 meses atrás, e que, em períodos conturbados da vida portuguesa, se identificou com a revolução, ao desfilar corajosamente por diversas artérias de Lisboa, mesmo contra a posição assumida pelo Sindicato dos Electricistas do Sul.

Há alguns meses atrás, a luta agudizou-se, porquanto duas ou três tentativas junto do Ministério do Trabalho, na altura dependente do major Costa Martins, resultaram infrutíferas e a argumentação apresentada de nada serviu.

Como se devem recordar, estava em causa o interesse de cerca de 60 trabalhadores, que esgrimiram o direito à sobrevivência contra os interesses capitalistas do patronato. Entretanto alguns dos mesmos foram abandonando a luta dos seus camaradas, ao serem aceites noutros locais de trabalho, nomeadamente os elementos que integravam a Comissão de Trabalhadores, os quais sem darem qualquer satisfação, se

demitiram das suas funções em Janeiro do ano corrente. Mais de 400 trabalhadores, em plenário de emergência elegeram a nova Comissão de Trabalhadores, ao mesmo tempo que a consciência de luta se desenvolvia e a pressão, tanto do Ministério do Trabalho como do Sindicato dos Electricistas do Sul, se revelava incapaz de desmobilizar os trabalhadores em luta.

No interior das instalações encontram-se ainda algumas máquinas e diversos utensílios de trabalho, que os funcionários do Ministério da Justiça, para ali destacados, protegidos por oito elementos paramilitares, procuravam, esta manhã, transportar para local desconhecido. Importa aqui assinalar que essas mesmas máquinas e utensílios estiveram em vias de ser vendidas ao desbarato a um cidadão alimão que se apresentou como industrial.

Os trabalhadores descobriram, no entanto, mais tarde, que o «industrial» estavam mancomunado com os patrões americanos da firma e que a operação visava apoderar-se das mesmas com o fito de as enviar para os Estados Unidos.

Em plenário, por maioria, foi decidido não aceitar a intervenção do alemão nem a concretização da operação, a qual, aliás, era defendida surpreendentemente pelo Sindicato dos Electricistas do Sul e apoiada pelo Ministério do Trabalho.

Os trabalhadores, postados esta manhã junto às instalações da Applied Magnetics, eram em elevado número; no entanto só uns 10 (dos 540 que estão desempregados, há 16 meses) pertenciam à firma, cuja acção de despejo estava em vias de ser efectuada.

Refira-se ainda que o Sindicato dos Electricistas conhecia a sentença do tribunal que apreciou a querela, e, sabendo igual e antecipadamente o dia do julgamento, não comunicou todavia a data aos trabalhadores da empresa de Sacavém.

Em contacto com dois elementos da Comissão de Trabalhadores fomos informados



que a «escassez de trabalhadores da Informação «estar vedada» res da Applied junto às suas aos interesses dos exploradores instalações, era consequência dos».

GREVE NAS LIVRARIAS

Novas formas de luta decididas hoje

Cerca de noventa e cinco por cento dos trabalhadores do sector editor e livreiro da região de Lisboa já aderiram à luta em curso, prevendo-se para hoje a actuação de piquetes de greve junto de alguns pequenos estabelecimentos de venda a retalho que, por funcionarem a nível quase familiar, têm-se furtado ao encerramento. Neste sentido espera-se que na região de Lisboa a greve alcance hoje uma adesão de cem por cento.

Também está marcado para hoje um plenário dos trabalhadores do sector, que decidirá sobre novas formas de luta, os quais acreditam que o patronato não poderá suportar por muito mais tempo a greve que

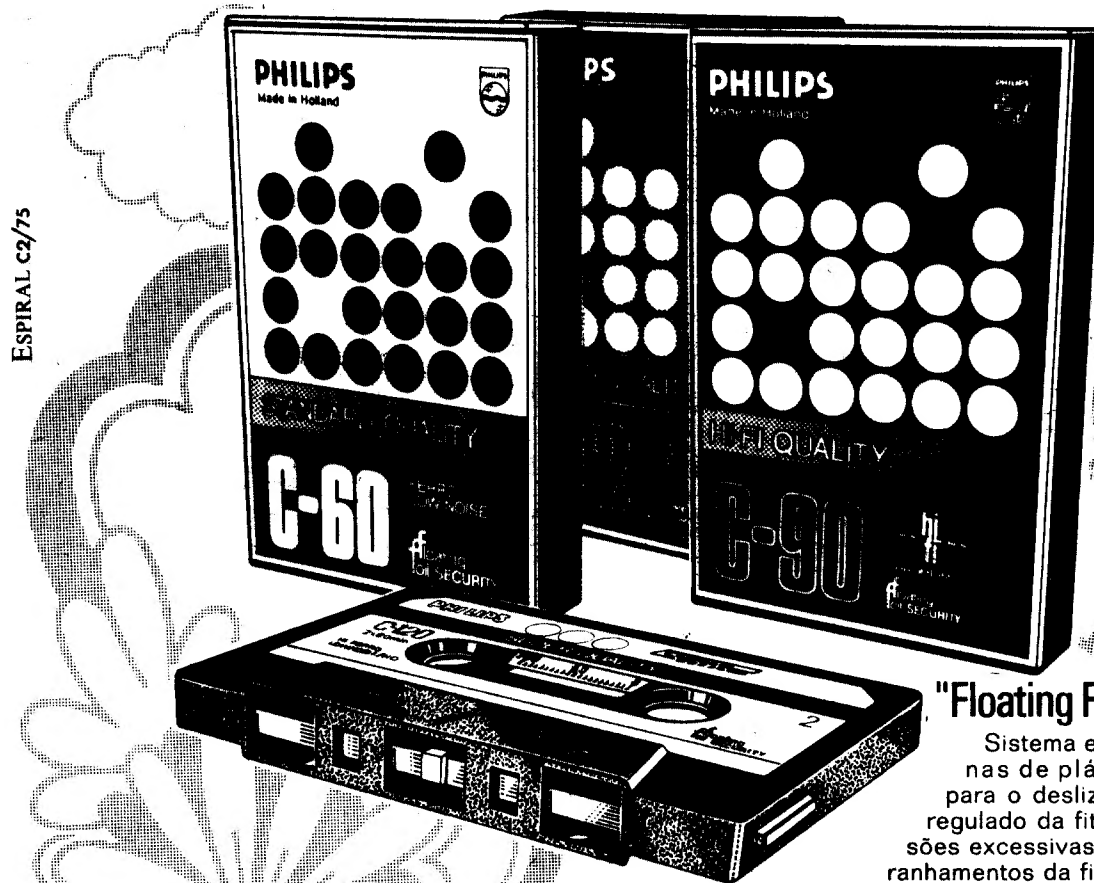
enfrenta, tanto mais que na actual quadra do ano o volume de vendas é muito relevante.

Refira-se que duas empresas distribuidoras de jornais de Lisboa também se solidarizam com os trabalhadores livreiros, o que impede a chegada à província dos diários «Jornal Novo», «O Dia» e «A Luta».

«A nossa luta é contra os patrões que não querem cumprir o contrato. Mas não podemos esquecer que a responsabilidade da actual situação pertence ao Ministério do Trabalho que ratificou o contrato em curso e não tomou ainda uma posição clara de condenação da entidade patronal», foi afirmado na referida conferência de Imprensa.

A Philips inventou as cassettes
Agora, reinventou-as!

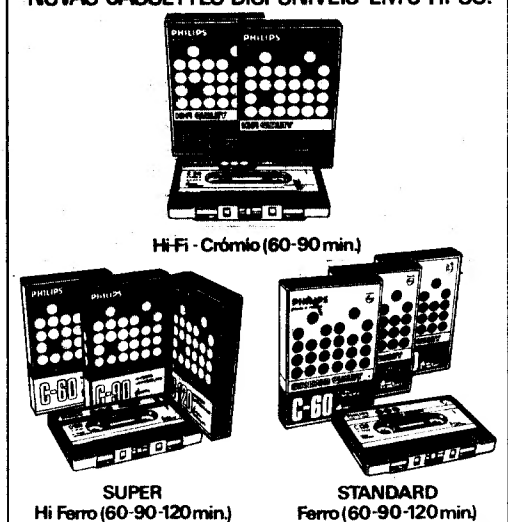
Novas fitas magnéticas. Uma técnica de fabrico totalmente nova garante a reprodução perfeita das mais altas frequências:



"Floating Foil Security"

Sistema exclusivo de lâminas de plástico ondulado para o deslizar perfeitamente regulado da fita. Não mais tensões excessivas, quebras e emaranhamentos da fita.

NOVAS CASSETTES DISPONÍVEIS EM 3 TIPOS.



PHILIPS

Philips · melhor apresentação · mais segurança · completa eficiência

TORRES VEDRAS

D.^a Maria Teresa Freire de
Moura Guedes Santos Bernardes

FALECEU

José da Cunha dos Santos Bernardes, M.^a Isabel Santos da Costa Bastos, marido, filho e netos, M.^a Luísa Santos Leal, marido e mais família, cumprem o doloroso dever de participar que foi Deus servido chamar à sua divina presença a sua querida mulher, mãe, avó, bisavó e parente, e que o seu funeral se realiza amanhã dia 18 pelas 13.30 horas, da Igreja da Misericórdia para jazigo da família no cemitério desta vila.

As 13.00 horas, no mesmo templo será celebrada missa de corpo presente.

AG. ASSIS SOBREIRO — TORRES VEDRAS — T. 22968

Geral



Vietname do Sul: um novo nacionalismo

A reunificação está d de várias opções

Logo após o colapso do regime de Saigão, a 30 de Abril do ano passado, os novos dirigentes ficaram pasmados — para não usarmos outra expressão mais forte —, por ver a bandeira francesa esvoaçar em muitos prédios e moradias do bairro europeu de Saigão, enquanto a bandeira vermelha com cinco estrelas, da República Popular da China, se evidenciava em Cholon, onde habitam metade do milhão de chineses residentes no Vietname do Sul. Em relativamente pouco tempo, havia montanhas de bandeiras chinesas em vários quiosques de todo o bairro de Cholon. O Governo francês, através da sua Embaixada em Saigão, recomendara que os seus nacionais se mantivessem no Vietname do Sul, numa atitude oposta à optada pelos E.U.A. que ordenaram a evacuação dos seus súbditos. Por seu lado, a Embaixada da França, de forma a impedir que sentimentos hostis antiamericanos fossem «descarregados» sobre os franceses, aconselhou os seus nacionais a que «mostrassem a bandeira tricolor». A comunidade chinesa, que até 30 de Abril do ano passado estivera intimamente ligada ao Kuomintang da Formosa, queria, nessa altura, desligar-se de Taipé. Depois de algumas advertências severas ao embaixador francês e aos dirigentes da comunidade chinesa, ambas as bandeiras desapareceram. A cidade ficou repleta exclusivamente de bandeiras vermelhas com estrelas douradas e de bandeiras azuis, pertencentes ao Governo Revolucionário Provisório e à República Democrática do Vietname, respectivamente. Se-

ria extremamente grave interpretar-se este acto como reflectindo um sentimento antifrances, e, ainda mais grave, interpretá-lo como uma atitude contra a República Popular da China, que durante a ocupação estrangeira, tinha fornecido o seu quinhão de armas, ajudando a esmagar as forças fantoches do regime anterior. Na realidade, tratou-se de afirmar livremente, pela primeira vez em 113 anos que os vietnamitas eram os únicos senhores do seu próprio país. A nova administração não toleraria que qualquer outra bandeira estrangeira tentasse substituir-se à dos opressores americanos, a das «Estrelas e das Riscas». Ignorar este ressurgimento vigoroso do orgulho nacional vietnamita é passar por cima da chave de muitas coisas que actualmente estão a acontecer no Vietname do Sul, e das muitas posições adoptadas pelo G.R.P. De acordo com a divisa de Ho Chi Minh — «Nada é mais precioso que a independência e a liberdade» — ostentada em dísticos atravessados nas ruas principais —, o povo do Vietname do Sul saboreava o prazer embriagante de dirigir os seus assuntos, e até de cometer os seus próprios erros, facto que ocorria pela primeira vez na memória de quantos estavam vivos. E este era um factor dominante em todas as esferas da vida pública.

Em meados de Setembro do ano passado, um semanário americano publicou um artigo referindo que a União Soviética exercia fortes pressões para obter a grande base naval na Baía de Camranh, em cujo desenvolvimento os E.U.A. tinham investido 140 milhões de

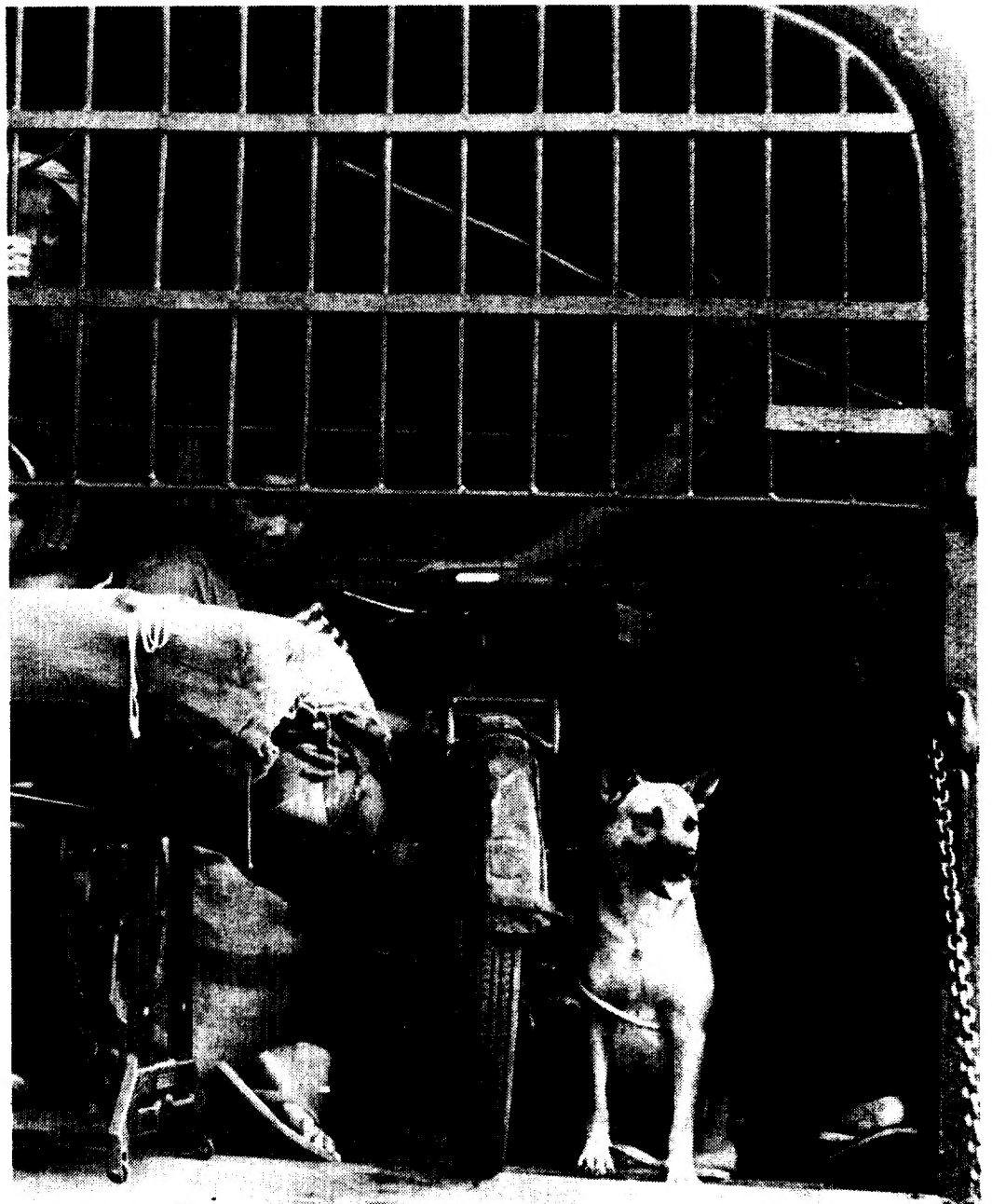
dólares. Contudo, a reportagem era reticente quanto ao exito da União Soviética face à «influência chinesa na área». Perguntei a um dos membros principais da nova administração se a reportagem era verdadeira. A sua reacção foi uma mistura de divertimento e indignação. Divertimento porque, como frisou, o programa adoptado pelo G.R.P., em Junho de 1969, comprometia-se, segundo o Artigo 12, «abster-se de aderir a qualquer aliança militar; a não permitir que qualquer país estrangeiro mantivesse bases militares no Vietname do Sul; e a não reconhecer a protecção de qualquer país ou aliança militar». Portanto, não se punha a questão da União Soviética, ou qualquer outra potencia estrangeira, adquirir bases militares. A sua indignação, contudo, foi provocada pela sugestão da «influência chinesa», ou de qualquer outra potencia exterior, afectar a orientação política do seu Governo. «Esta foi a nossa orientação política, escolhida livremente quando o programa original da Frente de Libertação Nacional foi delineado, incorporada no Programa de Acção do G.R.P. e incluída, por nossa insistência, nos Acordos de Paris», disse-me. A posição do Vietname do Sul como um Estado neutro, independente e soberano, situado no bloco dos «não-alinhados», é um princípio que os novos dirigentes frisam particularmente, e que é constantemente reafirmado, de uma maneira ou doutra.

No fim da primeira semana de Setembro uma escolta de carros oficiais Citroen DS pretos, trouxe um grupo de distintos

recém-chegados do aeroporto de Tan Son Nhut para o elegante Hotel Caravelle, de Saigão. O hotel foi imediatamente encerrado ao tráfego normal. Dentro de minutos, os boatos tinham-se espalhado entre o que ainda restava da Imprensa e do corpo diplomático: teriam chegado os primeiros diplomatas para apresentação de credenciais, os quais seriam precisamente os embai-

xadores soviético e chineses — como vinte anos antes tinha acontecido em Hanoi, depois da R.D.V. se ter instalado na cidade. O primeiro boato foi confirmado, o segundo provou ser falso. A 7 de Setembro, os primeiros tres embaixadores a apresentarem credenciais a Nguyen Huu Tho, presidente da Junta Consultiva do G.R.P. e com as funções de chefe do Estado, foram o de Cuba,

do Congo (Brazaville) e da Mauritania — todos eles fazendo parte da família dos «não-alinhados». (Cuba, em Junho de 1969, na pessoa do embaixador Raoul Valdes y Vivo, foi o primeiro país a enviar um representante diplomático a Nguyen Huu Tho, no seu quartel-general instalado na selva, imediatamente após a formação do G.R.P.). No dia seguinte apresentaram credenciais os



Dos refúgios, das grades, do arame farpado para a terra livre nacional: este é o novo projecto que o vietnamita do Sul tem ante si.

dependente

WILFRED BURCHETT

embaixadores do México, Suécia e Dinamarca, assim como um representante da Organização de Libertação da Palestina.

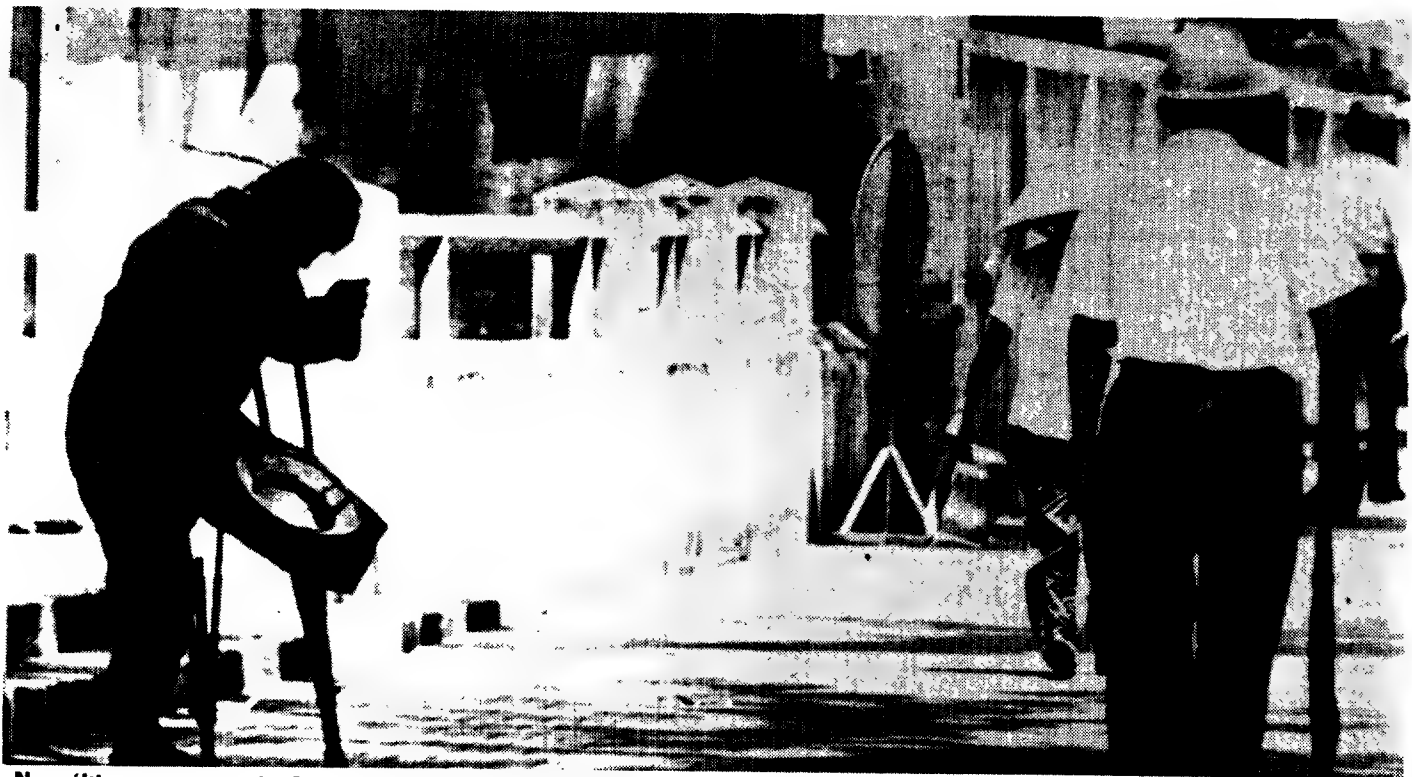
A opção do G.R.P. pelo grupo dos «não-alinhados», e pelo apoio aos movimentos de libertação nacional assim sublinhada, foi logo em seguida reafirmada pela visita oficial do ministro dos Negócios Estrangeiros, sr.^o Nguyen Thi Binh, a certos países da América Latina após a conferência dos países não-alinhados em Lima, capital do Peru. Na conferência de Lima, para surpresa de muitos que tomavam o Vietname do Norte como solidamente colocado dentro do campo socialista, a R.D.V. seguiu o exemplo do G.R.P. pedindo, com êxito, para ser admitida na família dos «não-alinhados».

Este movimento paralelo na política internacional do Vietname do Norte e do Sul entra aparentemente em contradição com o pedido formulado para serem membros separados da O.N.U. (este pedido foi aprovado pela Assembleia Geral a 21 e 22 de Setembro, com 123 votos a favor, 9 abstenções (incluindo os E.U.A.) e nenhum voto contra. Em contradição, parece estar também o interesse do Vietname do Sul em obter separadamente o maior número de reconhecimento diplomáticos.

São opções como estas que inevitavelmente adiam a reunificação do país. Mas, sobre este assunto há ainda muitas outras ambiguidades. Nos correios principais de Saigão há balcões separados para os telegramas internos e para os internacionais. Para se enviar um telegrama pa-

ra Hanoi, dirigimo-nos ao balcão dos telegramas internos (nacionais) e paga-se a mesma taxa que qualquer outro destino no Vietname do Sul. A taxa postal é também igual para Hanói e para My Tho, do Delta do Mekong, ou em qualquer outro lado do Vietname do Norte ou do Sul. Mas, por outro lado, quando o G.R.P. introduziu uma nova moeda no Vietname do Sul, em 21 de Setembro, nem foi a piastra, do Sul, nem o «dong», do Norte. Estas ambiguidades só podem ser explicadas pela afirmação de que a reunificação se constituirá «passo a passo», como aliás está incluído no Programa do G.R.P., antes referido, e inscrito nos Acordos de Paris.

Há um só partido político dirigente, sabendo-se agora que o Partido (comunista) Popular Revolucionário do Sul foi sempre o ramo austral do Partido Lao Dong (do trabalhador) do Norte. Há um só Exército: as anteriores Forças Armadas de Libertação Popular foram actualmente incorporadas num único Exército Popular do Vietname. Certamente que só irá existir um corpo de Planeamento Económico para o Norte e para o Sul, mas há duas administrações distintas: uma no Norte que constrói o socialismo e a outra realizando, no Sul, o que é conhecido por uma Revolução Nacional Democrática. A reunificação total provavelmente só terá lugar quando a estrutura socioeconómica do Sul se assesthar intimamente à do Norte. Os transportes e as comunicações foram restabelecidos ao ponto de tornar realidade, e portanto facilitar o comércio.



Nos últimos tempos da Saigão pró-americana eram frequentes estas cenas de extrema miséria. A pouco e pouco o povo vietnamita sai do pesadelo.

Você tinha decidido que este ano fazia as compras de Natal cedo. Lembra-se?



E, no entanto, já ia deixar tudo para o fim. Você sabe bem que uma prenda, para ser dada com amizade, tem de ser escolhida com tempo, com disponibilidade. Nos Supermercados A. C. Santos, Nutripol e Pão de Açúcar, pode escolher desde já as suas compras de Natal, antes dos atropelos dos últimos dias. E temos tanta coisa útil...

Pão de Açúcar
NUTRIPOL
A. C. SANTOS

Estrangeiro

O Líbano em perigo de morte

1. Um sismógrafo louco

MICHEL HAYEK

Pode ser que o Líbano seja o país mais sensível do planeta. A menor sacudida no mundo, do Chile ao Vietname, suscita nele ressonâncias que fazem estremecer. Sob as suas aparências tranquilas e os seus ares descuidados, ele escondia enormes angústias. É preciso ser-se libanês para compreender que nenhum acontecimento mundial pode ser estranho, ou neutro, que imediatamente é sentido como ameaça ou promessa imediata.

As perturbações que há oito meses minam este país, são as consequências conjugadas da política internacional e das contradições regionais à volta da desgraça palestina. A sensibilidade libanesa, já experimentada pelas suas próprias antinomias, reage de todas as vezes como um sismógrafo enlouquecido. Não, já não se trata de uma crise de coexistência entre cristãos e muçulmanos, nem de um conflito ideológico entre progressistas e reacçãoários, nem de uma luta social entre ricos e pobres. Tais esquemas, cómodos, são demasiado simplificados.

Eles não se aplicam assim mesmo no Oriente onde todas as realidades se imbricam num complexo indissociável e sempre impregnado de absolutos.

AS CONTRADIÇÕES FRATERNAIS

Claro que há um problema social agudo. O excessivo liberalismo do sistema, a sobrevivência de um feudalismo ainda não totalmente extinto, o cosmopolitismo corruptor, conferem a esta democracia, tão preciosa como rara no Oriente, um ar de anarquia onde a incontável rapacidade de gente vinda de toda a parte, tem a maior das liberdades. No entanto, à parte uma minoria de plutocratas execráveis, e sem contar com a massa miserável de estrangeiros que se encon-

tram às portas das cidades, a população libanesa, tanto cristã como muçulmana, pertence na sua totalidade à classe média laboriosa e sem fortuna mas não infortunada.

Saído exangue da I Guerra Mundial — pelo menos um quarto dos libaneses morreram de fome, e os melhores foram deportados ou enforcados —, o país fez no espaço de meio século, um prodígio que desafiou as análises dos sociólogos e dos economistas. O segredo estava na sua abertura ao mundo e num espírito de iniciativa aguerrido por séculos de luta, contra a natureza ingrata e contra os homens. O tempo do mandato francês assistiu a um desenvolvimento no ensino por parte dos cristãos que, quatro séculos de contactos com o Ocidente preparavam para uma ascese rápida. Os muçulmanos, desconfiando da cultura estrangeira, sem apoio político e financeiro exterior, seguiram a evolução mais lentamente. O feudalismo, batido entre os maronitas durante a revolta sangrenta de 1858, continuava a manter-se, sobretudo nas zonas fronteiriças de maioria muçulmana a norte, a sul e a leste.

Estas mudanças sociais inseriam-se em problemas confectionais nascidos da diversidade das ligações comunitárias. Em 1926, os muçulmanos recusavam em massa o cartão de identidade libanês, por se considerarem árabes-muçulmanos da Síria. Por seu lado, os cristãos, traumatizados pela lembrança dos massacres de 1860 e da terrível fome da guerra, sentiam-se mais perto do Ocidente cristão que do Oriente árabe-muçulmano.

Mas, cristãos e muçulmanos que haviam lutado lado a lado contra a jovem Turquia, encontraram-se juntos na mesma reivindicação da independência. O Líbano actual nasceu desse encontro em 1943. Nascido

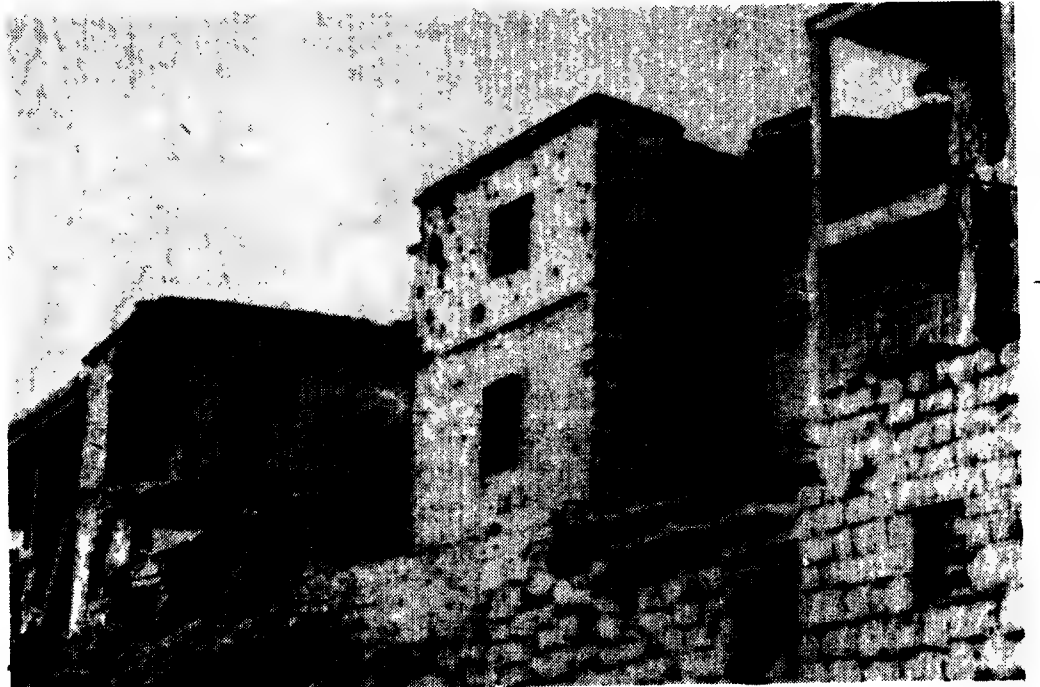
frágil durante uma operação dolorosa, de pais desunidos por incompatibilidade de génios, enfraquecido pela pesada hereditariedade otomana, o Líbano moderno foi ao nascer mal amado pelos seus e pelos vizinhos. Para mais, teve de suportar ao mesmo tempo todas as provações, as do interior (fragilidade da consciência nacional, problemas de confissões, insuficiência de quadros, disparidades sociais), e as do exterior (guerras da Sucessiva, golpes de Estado sucessivos na região, dramas da descolonização, desenvolvimento do nasserismo. Nem um só acontecimento, ocorrido nas proximidades e no mundo, deixou de provocar manifestações e complicações políticas em Beirute. Nasser, Che Guevara e Ho-Chi-Minh, foram lá aclamados.

E, enquanto os cristãos se esforçavam por salvar o modelo social e os critérios culturais, concebidos à Ocidental, os muçulmanos, mais sensíveis à política pró-árabe do bloco comunista, adoptavam esquemas de análise marxistas, sem que por isso fossem marxistas. O que explicaria hoje o progressismo de uns e o conservantismo de outros. Mas é um engano.

Ora, apesar dessas contradições internas, perturbações exteriores, fraquezas e imprevisibilidades do Estado, o Líbano conseguiu coexistir consigo próprio e com os outros, e até a prosperar. A sua estabilidade económica, o seu desenvolvimento social e as suas tradições democráticas e liberais, o seu projecto civilizatório, tornavam-no como que um oásis na terra queimada do Oriente. O seu mal foi não ter sabido sanear as zonas pantanosas, realizando reformas radicais que teriam convertido os seus processos de improvisação em técnicas de modernidade. Claro que há a desculpa das circunstâncias atenuantes, visto que todas as reformas sociais e políticas parecem hipotecadas pelas perturbações periódicas lançadas do exterior.

Se a desculpa é insuficiente, deve, pelo menos, reconhecer-se que, após alguns decénios de coexistência, surgiu um certo modo de ser e de pensar especificamente libanês, enquanto que as correntes centrifugas tendiam a reabsorver-se cada vez mais numa consciência comum e numa certa repartição nacional em que todos se encontravam e reconheciam. A arabização dos cristãos e a atenuação da sua marca ocidental tranquilizavam os muçulmanos, enquanto que a tomada de consciência autenticamente libanesa por parte dos muçulmanos, dava consciência aos cristãos. A soldadura efectuou-se assim progressivamente, não sem resistência, mas sem arrependimento. Entregues a si próprios, os libaneses pareciam capazes de ultrapassar as suas próprias crises, resolver as suas dificuldades e os seus diferendos e evitar o irreparável. Mas ter-lhe-ão dado alguma vez todas as suas possibilidades?

De facto, as antinomias interiores e as velhas obediências mal reabsorvidas, foram constantemente exacerbadas pelas querelas e pelos sismos do oriente árabe, de que o Líbano



Uma aldeia semi-destruída durante os combates

se tornara o epicentro. Todas as correntes e ideologias contidas ou abafadas pelos regimes autocráticos se encontram e defrontam aí: pansemitismo do crescente fértil, panarabismo do «baas» sirio ou iraquiano, panislamismo da fraternidade muçulmana, nasserismo pró-líbio ou pró-egípcio, socialismos, comunismos, nacionalismos de toda a espécie.

LABORATÓRIO OU ESGOTO

Todos estes panteísmos fazem do Líbano, já, ponto de encontro de etnias e de crenças, uma estufa de ideologias, que vão do teocratismo intolerante à anarquia nihilista. Tudo o que o mundo árabe produz e rejeita como inovador ou dissolvente, generoso ou aberrante, liberal ou libertário, vai ali ter. Uma imprensa prolífica, copiosamente ajudada pelo exterior, oferece diariamente aos partidos o seu pasto de «slogans». Juntemo-lhes os tráfugas políticos, os proscritos dos sistemas, os fora de lei, os milhares de trabalhadores vindos da Síria, do Egipto, do Paquistão, da África negra, a massa de estudantes chegados de toda a parte às quatro universidades de Beirute. Mais de metade dos residentes no solo libanês são estrangeiros, e mais do dobro dos libaneses vivem no estrangeiro.

Esta incrível promiscuidade, de uma densidade raramente atingida (mais de quatrocentos e cinquenta residentes por quilómetro quadrado), lembra as cidades antigas. O Líbano resistira até então, preservado pelas sólidas tradições da montanha que o tinha sempre salvo dos invasores. E, de resto, não será o seu destino e o seu projecto viver perigosamente, ser esse laboratório onde se experimentam, para o oriente árabe, todas as formas de pensamento e de vida? Não é pois de espantar que, de vez em quando, se ouçam explosões. Mas quando o laboratório se torna esgoto, tudo pode arder.

Ora não faltaram dirigentes ambiciosos para explorar os instintos indisciplinados ou libertar os velhos demónios por domar. O seu método é infelizmente o mesmo: servir-se da Palestina como ponto de cristalização e do Líbano como campo de experiência. Basta criar as condições de uma confrontação libano-palestina para exasperar todas as contradições internas e enervar todos os problemas ao mesmo tempo.

Há uns cinco mil anos que a mesma lei sociológica, implacável, comanda a história dos impérios do Oriente: nómadas atraídos pela cidade vêm instalar-se às suas portas. Quando

o poder é forte, ele aproveita-os ou expulsa-os. Logo que esse mesmo poder enfraquece, tem que assinar com eles um contrato de «fraternidade» (khouna) ou «parantesco» (ben ammi). Se o poder se corrompe, é vencido por esses recém-chegados que se estabelecem e se tornam sedentários, enquanto uma nova vaga de nómadas não chega para os vencer. Assim aconteceu com os akkadianos, os assírios, os babilónios, os amorreus, os arménios, os hebreus, os árabes, os judeus e os palestinos.

Mas estes últimos, tornados apátridas e reduzidos a «judeus errantes», querem recuperar a sua terra e defendem-se de toda a assimilação ou integração. Eles confessam-se ao mesmo tempo incapazes de controlar a sua própria «marcha revolucionária». O Líbano, por seu lado, pode intervir para pôr ordem em casa sem levantar por toda a parte uma quantidade de exigências palestínófilas. Perante este estado de coisas, na insegurança geral e no medo, surgiram por toda a parte milícias, instaurou-se um equilíbrio de terror, e o Líbano tornou-se em poucos meses um autêntico arsenal.

Quem pegou fogo à pólvora? A esquerda? A direita? Os investigadores de fora, passadores de armas, fornecedores de voluntários, são conhecidos. São-nos igualmente os de dentro, de objectivos diversificados: uns querem vantagens políticas, outros reformas sociais, outros bases ideológicas, outros ainda semear a subversão, pilhar, matar os fantasmas, exalar uma amargura sem esperança. Mas o conflito, que se insere numa série de acontecimentos mediterrânicos (de Portugal a Chipre) estalou na véspera do encontro Sadate-Ford, em Salzburgo e dos acordos do Sinai: liberto Israel da pressão egípcia, a solução do problema palestino seria adiada.

Após o vigésimo quinto congresso do Partido Comunista soviético e as eleições americanas, ver-se-ia. Onde encontrar um exatário para sair dessa podridão, senão no Líbano? Sempre o Líbano.

É uma ronda infernal há dezoito meses. De futuro só haverá remissões a prazo mais ou menos longo, pontuando torções cada vez mais mortíferas, mas sem saída possível, a não ser que o exército libanês imponha a ordem e a autoridade em todo o território, o que é impensável. De resto, a arabização do conflito, falhou, e a sua internacionalização foi recusada. A única esperança é a europeização. Mas a Europa, implicada no Oriente devido à sua história e à sua geo-

grafia, saberia retomar ao «mujik» e ao «yankee» as suas responsabilidades mediterrânicas?

Enquanto não for dada uma terra aos palestinos, nada de sólido poderá construir-se no Oriente.

A menos que as armas resolvam tudo no Líbano e uma fracção imponha a sua lei a outra fracção. É talvez o que os seus amigos e inimigos esperam por razões diversas: resolver o problema palestino à custa do Líbano ou regular a crise libanesa à custa dos palestinos. Uma vergonha.

Se o Líbano naufragar, o desastre terá consequências incalculáveis. Nenhum país árabe estará de futuro ao abrigo, todos os regimes serão arrastados na subversão, e Israel ficará a descoberto. A intervenção do Ocidente será inevitável e o cataclismo generalizado. Aqueles que perderam a Palestina e que, por indiferença, cobardia ou cinismo assinam hoje a pena de morte do Líbano, depressa responderão pelo sangue do inocente que cairá sobre as suas cabeças. Porque Beirute é neste momento a Munique onde se anuncia o regresso dos tempos bárbaros.

© «Le Monde»



NORBERTO FERREIRA AFONSO

Fiscal da C.C.F.L.

AGRADECIMENTO E MISSA DO 30.º DIA

Sua esposa, filhas, neta, genro e irmãos, participam que será rezada missa por alma do seu querido marido, pai, avô, sogro, irmão e parente, amanhã dia 18, pelas 19.30 na Igreja de S. João de Deus, agradecendo a todas as pessoas que se dignem assistir, bem como a todos que lhes manifestaram o seu pesar, por o fazendo directamente, não desconhecendo de moradas.



O insólito tornou-se quotidiano em Beirute

A Espanha está a entrar num processo reformista

MADRID, 17 (ANOP) — A Espanha, que pelo menos durante o último ano, se não durante as quatro décadas anteriores, foi o exponente da ditadura e da repressão na Europa, parece ensaiar decididamente, embora com algumas reservas e sem grandes traumas, passos de entrada num processo que em curto espaço de tempo pode levar à democracia.

Há umas semanas poucos ou nenhuns eram os que previam que pudesse verificar-se o que está a acontecer neste país e sobretudo a tendência e velocidade que os eventos estão a tomar.

O novo Governo divulgou uma declaração de princípios que, embora não concretizados em projectos, constituem um compromisso e definem o caminho que pelo menos a nível de intenções se pretende.

Por outro lado, discretamente, o ministro do Interior e principal motor do processo reformista em que a Espanha está a entrar, Fraga Iribarne, jantava e conversava durante duas horas, num restaurante público, de primeira classe, com o professor Tierno Galvan, cateórico, oposicionista, dirigente principal do Partido Socialista Popular, integrante da Junta Democrática.

O advogado Filipe Gonzalez, secretário-geral do Partido Socialista Operário Espanhol, a quem tinham retirado o passaporte em Maio passado, recebeu-o novamente por um ano e viajou imediatamente para Bruxelas a fim de participar numa reunião no Conselho da Europa com outros dirigentes políticos oposicionistas como Ruiz Jimenez (da esquerda democrata-cristã) Satriestegui

(monárquico da linha D. Juan de Bourbon), Peces Barba (socialista), Calvo Serer (Junta Democrática) e Santiago Carrillo (do Partido Comunista).

PETIÇÃO AO REI

Em Barcelona, em cerimónia realizada no colégio de Técnicos de Engenharia, Marcelino Camacho, o dirigente sindical e operário que foi recentemente indultado depois de permanecer vários anos na cadeia, acusado de pertencer às «comissões obreras» e tendo sido de novo preso na semana passada quando comprava jornais e libertado no dia de posse do Governo, dizia em alto e bom som, o que seria inconcebível há poucos dias:

«A classe operária não se pode nem deve marginalizar. Estamos convencidos de que nos encontramos próximos das liberdades, que já se tocam. É urgente que acabem os antagonismos entre a Espanha real e a Espanha oficial. É urgente a proclamação de uma amnistia e de um reconhecimento das liberdades democráticas e nacionais.»

O reitor da Universidade de Barcelona, Fabia Estape, convocou a imprensa para apresentar um documento com a sua assinatura e as dos vice-reitores, dirigido ao rei pedindo amnistia total para os presos políticos e sanções académicas.

A Universidade Central de Barcelona vai recolher assinaturas e promover a adesão a essa petição ao rei que vem na sequência de dezenas e dezenas de manifestações no mesmo sentido ocorridas nas

últimas semanas em toda a Espanha.

Sabe-se entretanto que estão previstas outras medidas e iniciativas coincidentes com a evolução que os acontecimentos estão a tomar.

NOVO ESTILO

Por outro lado, Fraga Iribarne, em declarações a um jornal americano, dava a entender que ia procurar controlar de algum modo a Polícia.

A imprensa destacou da declaração governamental a prioridade que se procuraria dar à ampliação dos direitos e liberdades civis.

Sempre com as inevitáveis reservas do momento de evolução rápida que se vive estes dias, sem cair no optimismo elementar, há que reconhecer que algo se está a passar em Madrid. Por parte do Governo nota-se uma linguagem nova, um estilo, uma série de atitudes indicativas.

O jantar Fraga e Tierno surpreendeu o mundo político da capital e era considerado um dos temas dominantes das tertúlias e a nível de observadores dá-se-lhe significativa importância. Durante duas horas, acompanhados apenas de um elemento da equipa de Fraga, Juan José Roson, que está indicado para um alto cargo, Fraga e Tierno conversaram e jantaram. O diálogo parece estabelecido e poderá ampliar-se, já não a nível de emissários, mas certamente com um carácter oficial.

A atitude do Governo em relação a Filipe Gonzalez, embora o que fosse de estranhar é que ele se encontrasse com

o passaporte retirado, significa inicialmente uma prova de boa-vontade e de coerência.

PLATAFORMA DE DIÁLOGO

As tensões que há uns dias pareciam renascer, aparecem agora relativamente minimizadas. É certo que estes factos, como aquele em que participou Marcelino Camacho não são transcendentes nem a atitude do Governo tem mais significado real do que aquele que lhe cabe, mas dentro das circunstâncias, valem por si mesmos.

O Governo conseguiu romper com o círculo que o envolvia. Estabeleceu-se uma plataforma de diálogo e acção mais realista que permitirá decisões mais importantes. Todo o mundo, a não ser os tradicionais triunfalistas, estão convencidos que não é pelo facto do Governo espanhol declarar que dará prioridade à ampliação dos direitos e liberdades civis ou devolver o passaporte a Filipe Gonzalez, não prender Marcelino Camacho ou dizer umas coisas que não soam bem aos políticos tradicionais do sistema, se chega imediatamente à democracia. Em Espanha existe uma certa tendência para mistificar um pouco estes acontecimentos, sem a clarividência de que a democracia não se constrói apenas com actos benevolentes, mas através do diálogo e do respeito dos diversos grupos e opções em igualdade de circunstâncias.

Mas o que é certo é que em Espanha se passa algo de novo, actos de cunho diferente, gestos, tendências.

Estrangeiro

Falta de arrojo de Juan Carlos

NOVA IORQUE, 17 (R.) — O «New York Times» afirma hoje que é lamentável que o rei Juan Carlos de Espanha não tenha preenchido com maior arrojo o vácuo de poder deixado pelo falecimento do generalissimo Franco, a fim de pôr o seu país mais rapidamente a caminho da democracia.

O jornal diz que o novo gabinete espanhol «era liberal apenas comparado com os governos de Franco e, sem excepção, os seus membros eram leais ao generalissimo».

«Esperanças de que Juan Carlos acabaria dramaticamente no começo do seu

reinado, com a era de Franco e lançaria a Espanha num caminho liberal não se materializaram» — nota o periódico.

«A questão crucial que Madrid enfrenta» — acrescenta o «New York Times» — «é se esse Governo agirá com rapidez suficiente quanto a reformas políticas, sociais e económicas, há muito aguardadas, a fim de inverter a polarização perigosa dos últimos anos e construir a paz interna com medidas de liberdade e de democracia, que são as únicas que qualificarão a Espanha para o papel que cobiça na Europa».

FIM DE SESSÃO

O problema de Angola sem solução na O.N.U.

NAÇÕES UNIDAS (NOVA YORK), 17 — (R.) — A sessão mais acrimoniosa da Assembleia Geral da O.N.U., desde o período da «guerra fria», deve terminar hoje numa atmosfera de recriminações mútuas.

A Assembleia de 144 países terminará a sessão sem chegar a uma solução sobre o problema crítico de Angola.

Deveria ter terminado ontem, mas a discussão na Comissão do Orçamento acerca das despesas da O.N.U. proteleram o adiamento.

A Comissão volta a reunir-se hoje em sessão para tentar resolver divergências, principalmente entre o Leste e o Oeste.

O presidente da Assembleia, o primeiro-ministro do Luxemburgo, Gaston Thor, está, porém, disposto a encerrar hoje, à noite, os trabalhos da Assembleia, quanto mais não seja pa-

ra poder estar amanhã no seu pequeno país, a fim de assistir a uma votação crucial sobre o orçamento.

O futuro do Sara espanhol está ainda na balança e o Conselho de Segurança não decidiu ainda como resolver o problema da intervenção da Indonésia no Timor português. Na sexta-feira passada, a Assembleia deplorou essa intervenção e pediu a retirada imediata das tropas indonésias do território.

Esses problemas ficaram sem solução principalmente por causa de acentuadas divisões dentro do grupo de países do Terceiro Mundo.

Muitos diplomatas atribuíram ao embaixador norte-americano, Patrick Moynihan, a culpa pela acrimónia registada na sessão da Assembleia.

Manifestações pró-amnistia

MADRID, 17 — (R.) — Continuaram em várias cidades da Espanha, durante o dia de ontem, manifestações a favor de uma amnistia completa dos presos políticos e das liberdades democráticas, segundo informou a agência noticiosa Europa Press.

Em Córdoba, na Andaluzia, manifestaram-se vários milhares de pessoas e a Polícia não interveio.

Em Orense, no Nordeste da Espanha, cerca de 300 pessoas manifestaram-se e tentaram entregar uma petição, assinada por 800 indivíduos, às autoridades locais, pedindo uma amnistia completa, mas não o conseguiram.

Em Leon, cerca de cem pessoas efectuaram uma rápida manifestação nas ruas — acrescentou a Europa Press.



Marcelino Camacho e outros dirigentes sindicais espanhóis que foram indultados recentemente, por motivo da subida do rei Juan Carlos ao trono

Caleidoscópio

■ PEQUIM, 17 — (FP) — Pela terceira vez este ano e a segunda em menos de um mês, a China lançou ontem um novo satélite artificial.

A agência Nova China, que anuncia a experiência espacial chinesa, precisa que o lançamento se desenrolou «com sucesso» e que o satélite «funciona normalmente».

■ BEIRUTE, 17 — (FP) — Homens armados do Movimento 24 de Outubro (esquerda pro-

gressista) apressaram ontem à tarde ao largo de Trípoli um pequeno cargueiro de 600 toneladas matriculado no Panamá, o «Isabella».

Os homens do Movimento 24 de Outubro, chefiado por Faruk Mokkaden, reclamam, em troca do navio, o aumento dos vencimentos de todos os empregados de uma empresa de adubos químicos à qual pertence o cargueiro, e a distribuição de mil toneladas de farinha aos empregados do

porto de Trípoli. Se tais reivindicações não forem satisfeitas antes das 13 horas de hoje, os militantes farão ir o navio pelos ares dentro do porto, segundo uma fonte bem informada.

■ BUENOS AIRES, 17 — (FP) — Continua a vaga de violência na Argentina onde, nas últimas 24 horas, morreram quatro guerrilheiros e um polícia, enquanto, por outro la-

do, uma bomba de forte potência explodiu à entrada de um quartel, sem fazer vítimas.

■ PARIS, 17 — (ANOP) — As principais nações industrializadas, com os Estados Unidos à frente, recuperarão ligeiramente da crise económica até agora verificada durante o ano de 1976 — anunciou a Organização Económica para a Cooperação e Desenvolvimento, O.C.D.E.

Desmentida a "crise" no Exército francês

PARIS, 17 (ANOP) — O general Marcel Bigeard, vice-ministro francês da Defesa, desmentiu ontem que houvesse uma «crise» no exército da França, afirmando que apenas «uma pequena minoria» se encontra envolvida em «tentativas para o destruir».

Comentando uma série de prisões recentemente efectuadas sob a acusação de tentativa de «desmoralização» do exército e formação de «comitês de soldados», Bigeard disse ainda pensar que existam cerca de 50 grupos do género, englobando 600 homens, em todo o Exército francês, cujos efectivos totalizam mais de meio milhão.

O general chamou a atenção para a existência no estrangeiro de comitês semelhantes — em Itália, por exemplo — e disse que diversos panfletos descobertos demonstram a existência de uma «acção de fundo» em todo o processo.

A atitude do vice-ministro francês é bastante distinta da manifestada na segunda-feira à noite pelo general reformado Paris de La Bollardiére, que em tempos viajou num iate pelo Pacífico, numa tentativa para pôr termo às experiências nucleares francesas naquela região.

De La Bollardiére afirmou que segundo a sua opinião

«existe um profundo mal-estar no exército, a todos os níveis» e que «deveria haver maior liberdade de expressão».

MARIA VITÓRIA TODOS OS DIAS
As 20.30 e 22.45

Não aconsselhável a menores de 18 anos **FORÇA, FORÇA,**

CAMARADA ZÉ!

SALVADOR

*

FLORBELA

*

SANTANA

e um grande elenco popular

Aos domingos e feriados:

«Matinée» às 16 horas

As 2.ª feiras:

Descanso da Companhia

Geral

Militares sul-africanos denunciam agressão imperialista contra Angola

LUANDA, 17 — (Do «Diário de Luanda», especial para o «DL») — Realizou-se ontem de manhã, numa das salas do Ministério da Informação da República Popular de Angola, em Luanda, uma conferência de imprensa durante a qual foram apresentados aos jornalistas cinco soldados do exército regular sul-africano, capturados pelas F.A.P.L.A. na frente militar Sul, entre Quibala e Cela.

As declarações dos mercenários constituíram testemunho público do envolvimento sul-africano na guerra de agressão reaccionária movida contra o povo angolano.

Os quatro soldados relataram pormenorizadamente todo o processo do seu envolvimento, desde a sua nomeação para Angola até à sua chegada às zonas operacionais, onde foram integrados nas fileiras da U.P.A./F.N.L.A./U.N.I.T.A. Tratava-se de 174 soldados e oficiais, recrutados em diversos aquartelamentos sul-africanos, que constituíram o corpo de uma coluna militar fortemente equipada com material de guerra fornecido também pela África do Sul.

Pouco antes do seu ingresso em território angolano, todos os militares sul-africanos tiveram de se desfazer da sua documentação militar e civil, bem como das fardas do exército do seu país, passando a «envigar fardamentos dos exércitos da U.P.A./F.N.L.A. e da U.N.I.T.A. Asua coluna, após penetrar em Angola, tomou posições na região de Cela.

A coluna, que havia sido formada no Transvaal, era comandada pelo major sul-africano Van der Westhuizen e estava equipada com canhões de longo alcance e blindados «Panhard AML 90».

Os cinco sul-africanos detidos — um cabo e quatro soldados — confirmaram que mais forças do seu país, constituídas de modo idêntico ao da sua coluna, se encontram a actuar noutros pontos de Angola, nomeadamente em torno do Caxito, onde os exércitos agressores são constituídos por cerca de dois mil homens, entre os quais se contam também dois batalhões do exército regular do Zaire, duas companhias de sapadores-especiais portugueses e duas colunas

militares sul-africanas. «Entre estes dois mil homens, apenas existem 70 angolanos», foi também revelado na mesma conferência de imprensa.

O ENVOLVIMENTO DA C.I.A.

WASHINGTON, 17 — (R) — Além de fornecer fundos para operações secretas em Angola, a C.I.A. tem canalizado, clandestinamente, dinheiro e outro auxílio para o presidente Mobutu Sese Seko, do Zaire, desde os princípios dos anos 60, segundo revelaram fontes afectas aos Serviços Secretos norte-americanos.

«Durante um período de 15 anos, a C.I.A. forneceu ao presidente Mobutu grandes quantidades de armamento, quantidades de mercenários e, a certa altura, até bombardeiros, tripulados por antigos combatentes cubanos, que participaram na invasão da Baía dos Porcos» — disseram as mesmas fontes, que acrescentaram que o funcionário da C.I.A. mais íntimo do presidente Mobutu era Lawrence Devlin, director do Centro da C.I.A. no Zaire, nos começos dos anos 60.

Devlin, que se reformou no ano passado, regressou ao Zaire e restabeleceu as relações estreitas que mantinha com o presidente Mobutu, por quem é recebido com regularidade.

«A despeito da sua aposentação», notaram as mesmas fontes, «os relatórios de Devlin sobre os acontecimentos políticos no Zaire são lidos por funcionários governamentais, em Washington».

Informadores do Departamento de Estado e da C.I.A. recusaram-se a comentar estas afirmações.

O Governo de Ford admitiu, no entanto, que canalizou, através do Zaire, armas e fornecimentos, no valor de cerca de 50 milhões de dólares, para a F.N.L.A. e a U.N.I.T.A.

As referidas fontes asseveraram que a maior parte dos fundos secretos norte-americanos foi remetida secretamente, através do Zaire, para a F.N.L.A., chefiada por Holden Roberto, cunhado do presidente Mobutu.

«Este auxílio aos movimentos fantoches angolanos visa a colocar Holden Roberto no poder em Angola, da mesma

maneira como a C.I.A., com o fornecimento de fundos e armas, levou o presidente Mobutu ao controlo do Zaire» — salientaram, acrescentando que o presidente Ford autorizara, pessoalmente, na Primavera passada, o apoio à F.N.L.A. e à U.N.I.T.A.

Tentando pôr cobro ao envolvimento da C.I.A., a subcomissão senatorial de assistência externa decidiu ontem, por sete votos contra zero, pôr termo à assistência militar de cobertura norte-americana em Angola.

Também por sete votos contra zero, foi aprovada uma emenda à Lei de Vendas e equipamento militar ao estrangeiro, que impediria também a concessão de fundos de auxílio a Angola, mas que não será apreciada pelo Congresso antes do final de Janeiro.

O presidente da comissão, senador Hubert Humphrey, revelou «entretanto que a resolução será mencionada hoje durante um debate senatorial secreto, em apoio de uma emenda ao projecto de concessão de fundos de defesa de 120 900 milhões de dólares, que procura proibir a utili-

zação de qualquer desse dinheiro para actividades em Angola.

RECONHECIMENTO PELO SUDÃO

KHARTOUM, 17 — (FP) — Gamal Mohamed Ahmed, ministro sudanês dos Negócios Estrangeiros, anunciou que o seu Governo tinha decidido reconhecer o Movimento Popular de Libertação de Angola (M.P.L.A.). O ministro sudanês também lançou um apelo para que os outros países africanos e não-africanos façam o mesmo.

Gamal Mohamed Ahmed precisou que o Sudão tinha tomado esta decisão devido à incapacidade dos três movimentos nacionalistas para formarem um Governo de Unidade Nacional, assim como por causa da intervenção em Angola da África do Sul — «de outras potências estrangeiras».

O ministro acrescentou que tinha atrasado a decisão de reconhecimento do M.P.L.A. por esperar que os três movimentos nacionalistas conseguissem formar um Governo unitário.

RELAÇÕES MOÇAMBIQUE-U.R.S.S.

“Impulsionar a revolução mundial”

LOURENÇO MARQUES, 16 — (ANOP) — «É uma grande honra para Moçambique independente receber o representante do partido que levanta a bandeira vermelha, que pratica o internacionalismo e apoia os povos na sua justa luta contra a opressão» — afirmou Samora Machel, presidente da Frelimo e da República Popular de Moçambique, ao receber as credenciais do primeiro embaixador da U. R. S. S. em Moçambique, Peter Evsicov.

A cerimónia, que teve lugar no gabinete presidencial, assistiram Joaquim Alberto Chissano, membro do Comité Central e do Comité Executivo da Frelimo e ministro dos Negócios Estrangeiros, Sérgio Vieira e Luís Bernardo Honwana, respectivamente director e vice-director do Gabinete da Presidência e ainda o chefe do protocolo do Ministério dos Negócios Estrangeiros, Lopes Tembe.

Samora Machel acrescentou ainda que «os camaradas da União Soviética souberam defender a linha política da Frelimo, sobretudo nas confe-

rências internacionais das Nações Unidas, onde foram os seus primeiros obreiros, ao condenar o colonialismo como crime contra a humanidade». E a concluir: «Nós não esquecemos isto, e agora que estamos independentes pensamos que consolidaremos melhor as

nossas relações, que serão de continuar o trabalho iniciado, dando a nossa contribuição aos outros povos que ainda continuam oprimidos e impulsionando cada vez mais a revolução mundial».

Por sua vez, o embaixador soviético, que foi representan-

te da Frelimo na U. R. S. S. durante a luta armada, sublinhou que o seu país «considera o fortalecimento da amizade e cooperação com os povos que derrubaram a dominação colonial como uma das pedras angulares da sua política externa».

Secretaria da Descolonização: novo local de pagamentos

Uma nota da Secretaria de Estado da Descolonização informa todos os funcionários que recebem os seus proventos nas Caixas do Tesouro a cargo do Banco Nacional Ultramarino-Rossio, nomeadamente os do Quadro Geral de Adidos, desligados do serviço, aposentados, reformados, pensionistas de preço de sangue e sobrevida e desligados do serviço rateados, de que as citadas Caixas do Tesouro passaram a partir de hoje e até 31 de Janeiro próximo, a funcionar no Pavilhão da Feira das Indústrias, à Rua Mécia

Mousinho de Albuquerque (em frente do Hospital de Egas Moniz).

O horário e calendário de funcionamento são os verificados anteriormente, com excepção do calendário de Dezembro.

Para que todos possam receber os seus proventos antes do Natal, foi decidido que os aposentados, reformados, pensionistas e desligados rateados que recebiam normalmente entre 24 e 30 de cada mês, seriam, em Dezembro, escalonados da seguinte forma:

• Dia 18: funcionários cujo primeiro nome começa pelas letras A a I;

• Dia 19: funcionários cujo primeiro nome começa pelas letras J a L;

• Dia 22: funcionários cujo primeiro nome começa pela letra M;

• Dia 23: funcionários cujo primeiro nome começa pelas letras N a Z.

Mais in forma a S. E. D. de que, a título excepcional, as Caixas do Tesouro funcionarão no próximo sábado, dia 20, unicamente para pagamento dos proventos atrasados.

PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES NA HOTELARIA, TURISMO, RESTAURANTE E SIMILARES DO SUL CONVOCATÓRIA ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

Convoca-se a Assembleia Geral ao abrigo do artigo 32.º dos Estatutos para dar cumprimento ao disposto na alínea C do artigo 31.º, para reunir no Teatro Capitólio, Parque Mayer, no dia 29 de Dezembro, segunda-feira, pelas 15.30 horas. A Ordem de Trabalhos é a seguinte:

Único — Apreciar e deliberar sobre o orçamento geral para 1976.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
Alberto Pedro da Costa

NOTA — Este Sindicato abrange os distritos de Lisboa, Setúbal, Évora, Beja, Santarém e Portalegre.

Chama-se a atenção de todos os trabalhadores e em especial aos delegados sindicais que podem adquirir na sede, exemplares do orçamento proposto, com o fim de poderem estudar antes da Assembleia.

HOJE E TODAS AS NOITES NO CIRCULO MARIANO Na Alameda D. Afonso Henriques (junto à Fonte Luminosa)

O único circo português que representou Portugal no estrangeiro

CIRCO MARIANO apresenta a grande atracção mundial PROFESSOR KARMA e a sua «medium» BETY, os maiores mentalistas do Mundo

No Circo Mariano não chove, há aquecimento e todas as cadeiras são estofadas. (As bilheteiras abrem às 17 horas. Dias de «Matinée», às 11 horas)

Atenção Colégios e Comissões de Festas de Natal ● PREÇOS ESPECIAIS ●

UM LUXUOSO ESPECTÁCULO

2 PARELHAS DE PALHAÇOS os ELIZABETHS e CAMPOS FILHOS * ESCADA LIVRE * ICAROS * MALABARISTAS e ILUSIONISTAS * PERCHISTAS, ETC., ETC.

CONVIDADA DE HONRA

ANITA GUERREIRO

60 artistas! 10 atracções!

QUINTAS e SÁBADOS

«Matinées», às 16.30 h.

DOMINGOS 2 «Matinées»

às 15.00 e às 18.00 h.

— MAIORES 6 ANOS —

(Nas «matinées» as crianças até 6 anos têm entrada gratuita)

Canal da Crítica

CULINÁRIA EM TEMPO DE OPORCONISMO

Felguem, gentes saudosistas, folguem que regressou a culinária à moda antiga, mais ou menos, caloria menos caloria.

Ainda não há muito esta secção apresentava-se com algumas inovações. Entre elas, uma preciosa: a presença de um médico, o dr. Tropa, que criticava as ementas, apresentando os aspectos negativos e positivos, dava indicações sobre características principais dos alimentos.

Agora, nem isso. Há um mestre cozinheiro, o sr. António Silva, que exemplifica, há uma colaboradora que diz as quantidades, os preços e as calorias: tanto de lombo de porco, tanto de ananás, tanto de castanhas, tanto de vinho... Tiranando as calorias, não era melhor que o programa de Maria de Lurdes Modesto.

É pena que os 300 mil desempregados portugueses não tenham disposição para enfrentar o televisor. É pena. Havia de gostar muito. Recomendando vivamente. Para abrir o apetite, não há melhor.

Lombo de porco. Pois. Estamos em plena época do oporconismo.

NÃO CHATEIEM, NÃO?

Depois do Telejornal nova dose de palestra para meia hora? Como ontem fez o engenheiro Baltazar Barroco a propósito da barragem do Alqueva?

Continuem nisso, meninos, continuem. Para criar ódio à televisão não é preciso mais.

É preciso encher? Óptimo. Mas em lugar das palestras por que não dão desenhos animados? O Pato Donald, a Pantera, o Speedy Gonzalez, o Magoo, etc., substituem com vantagem ministros e subsecretários no entretenimento do público.

Além de que se está a cair no excessivo alongamento da emissão, com todas as quebras do regime de austeridade. Desçam os taipais às onze horas, o mais tardar.

Como o outro diz: mais vale ser desejado do que aborrecido.

NAS AGRÁRIAS DOS AGRÁRIOS

Em Rio Maior, região onde as molas se produzem industrialmente após o «glorioso 16 de Julho» houve reunião inquietada de agricultores. Na tal reunião disseram-se lindas coisas do engenheiro Lopes Cardoso. Acusavam-no, ao que parece, de pretender fazer avançar a Reforma Agrária, de prejudicar os pequenos e os médios.

Solicito, o repórter foi logo ouvir o ministro. Que não esperou por segunda oportunidade para frisar que, de um lado, o acusavam de travar a Reforma Agrária e, do outro, de a fazer andar demasiado depressa.

Esta acusação ouviu-a a RTP em Rio Maior. E a outra? Por que não vai a RTP ouvi-la onde deve? Até podia levar o ministro consigo.

É uma sugestão. Não cobro patente. Mas lá que eu gostava de assistir ao encontro, isso gostava.

Claro, claro, também grama-va à brava ter estado em Rio Maior, a assistir. Ainda pedi boleia a uma *chaimite* mas não me atenderam.

Quanto ao mais, não tenho dúvidas o engenheiro Lopes Cardoso: no desamor, dos agrários, a sua vez há-de che-

gar enquanto ele contestar nem que seja um palmo de terra. Primeiro vão os comunistas, depois os socialistas, até que...

Quando é que a gente aprende, caramba?

Música, Música foi uma lamentável manta de retalhos mal cerzida. Aquela primeira parte, o fado que não era fado, assim atirado para a frente, sem um mínimo de vigilância crítica, a reportagem-ninharia na oficina de gravação, a bela canção de Luís Cília tão maltratada televisivamente, tão desacompanhada... Tudo tão seco, tão árido, tão a voar rasteiro...

Estamos em presença de uma rubrica produzida por um departamento à responsabilidade de Mário Vieira de Carvalho, Álvaro Salazar e Nuno Martins. Dissera-se que os dois primeiros haviam sido suspensos, na onda frenética que agitou a RTP, o que parece não se confirmar, se atendermos à publicação, ontem, de *Música, Música!* Ainda bem. Seria para Nuno Martins uma carga demasiado pesada. Insuportavelmente pesada.

A rubrica que já conta alguns triunfos valiosos no seu activo, ficaria afectada gravemente. Bem, eu sei que para certas pessoas estas coisas contam pouco...

Realismo, não é?

S.  R.
MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA
DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS
EDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa a que se refere o processo 8/56005, do arquivo 4, para o estabelecimento no lugar de Paraimo, freguesia de Sangalhos, concelho de Anadia, de: modificação da linha para o posto de transformação de Luciano Seabra da Costa, inicialmente designada por Fábricas Dias Pereira, sem aumento de comprimento, com deslocação e substituição do apoio n.º 7; linha aérea a 15 kV, com 8 metros, do apoio n.º 7 da linha para o posto de transformação de Luciano Seabra da Costa, ao posto de transformação de Sangalhos-Paraimo, pertencente à Câmara Municipal de Anadia.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 6 de Dezembro de 1975.
O Engenheiro Chefe...
Guilherme Martins

A GRANDECÍSSIMA VACA!

Fiquei todo lançado para a história de amor prometida no fim do serão. A história veio, mas não inédita. Tratava-se da repetição daquela transmitida há meses, passada num lar para pessoas idosas. O amor floresce, invencivelmente, como é seu hábito. Uma grande ternura a espriar-se na noite de chuva e de inquietação...

A televisão portuguesa ainda conseguia, até aqui, disfarçar a sua desorganização. Agora nem isso. Nunca houve electrónica tão à balda como esta. Mas não se atrapalha: vai à prateleira arranca uma goiabada qualquer e lá vai disto. Maquinha de imitação. Da pior das imitações que é imitar-se a si própria.

Não é televisão: é uma vaca. Uma grandecíssima vaca, a avaliar pela capacidade da ruminação.

REACÇÃO SEM CADEIA

Para terminar a crónica de hoje, três breves apontamentos:

1 — Aurélio Santos, figura prestigiosa da cena política

portuguesa, veio dizer-nos, durante o Telejornal, que o perigo da mais negra reacção ameaça o nosso povo. E essa reacção, afirmou, pode não ser apresentada por gestos espetaculares, por grandes golpes militares: ela pode vir sorrateiramente, com pés de lã, nas calmas, conquistando posições após posições...

2 — O Telejornal anuncia que a nova administração do Diário de Notícias acaba de suspender e instaurar inquérito a 14 jornalistas desse que foi uma grande fortaleza ao serviço da revolução portuguesa e do próprio Povo português. Quer dizer: continua a técnica do medo, da chantagem, da prova de força. É uma gaita, isto, quando qualquer fulano, na vaga da ofensiva, se julga com direito à sua chaimitezinha.

A nova administração do Diário de Notícias deseja, ao que se crê, facilitar a tarefa aos novos directores. Pobres os directores que precisam disso...

3 — Última informação do último Telejornal: Silva Cunha foi posto em liberdade.

Está certo. Para entrarem uns, têm de sair outros. Entra quem, sai quem. Critérios.

PUB

LIGA PORTUGUESA DE HIGIENE MENTAL

CONVOCATÓRIA

Nos termos dos Estatutos convoca-se a Assembleia Geral da Liga Portuguesa de Higiene Mental, para as 21.30 em 1.ª convocação e às 22 horas em 2.ª do dia 29 de Dezembro com a seguinte Ordem de Trabalhos:

I Informações.

II Discussão e aprovação das contas e do relatório da Direcção respeitantes ao ano de 1974.

III Discussão e possível aprovação do novo projecto de estatuto.

A Assembleia realiza-se no Centro António Flores, Hospital Júlio de Matos.

O Presidente da Assembleia Geral
a) Pompeu de Oliveira e Silva

SINDICATO DOS FERROVIÁRIOS DO CENTRO

A Direcção do Sindicato dos Ferroviários do Centro apresenta as suas condolências aos familiares dos camaradas ferroviários mortos no acidente do dia 14, bem como a todos os familiares das restantes vítimas.

A Direcção do Sindicato dos Ferroviários do Centro convida os ferroviários a prestar uma última homenagem aos seus companheiros de trabalho incorporando-se no seu funeral.

A DIRECÇÃO

FILMES S 8

PROJECTORES SONOROS 6.500\$00

Poris. PROJECTOR, MÁQUINA FILMAR SONORO, ecran Flash. 17.500.00

Filmes. Bonecos animados e outros. Preto e branco mudos (60 m.) — 330.00 — sonoros 730.00

Coloridos mudos (60 m.) 630.00 — sonoros 830.00 Escandinavos com colorido 650/900.00 — sonoros 1.800.00.

Av. Alm. Reis, 175, 1.º — Telef. 58340. — Lx. 1 das 10 às 13 e das 14 às 19, sáb. incl.

Televisão

Hoje



Série de espionagem «Callan»

I PROGRAMA

- 19.00 Abertura e m programa produzido pelo Departamento de Programas Juvenis e Infantis
- 19.25 Panorama
- 19.55 «George» — série filmada
- 20.20 Vamos Jogar no Totobola
- 20.30 Telejornal — 2.ª edição
- 21.00 «Lucien Leuwen» — 4.º episódio — 2.ª parte — com Bruno Garcien e Nicole Jamet. Realização de Claude Autant Lara.
- 21.30 A Gente que Nós Somos — em nome do progresso — Tanzânia — um programa apresentado pelo Departamento de Programas Político-Sociais.
- 22.20 Cinema Ano II — actualidades cinematográficas. Programa apresentado e realizado por Alfredo Tropa.
- 23.00 Telejornal — 3.ª edição
- 23.15 Fecho

II PROGRAMA

- 20.30 Abertura e a série «Os Robinsons Suíços»
- 21.00 Concerto — Trio para piano, op. 1, n.º 3, de Beethoven.
- 21.30 «Callan» — série de espionagem com alto teor de realismo, e na qual Callan é o espião de bons sentimentos. O actor Edward Woodward é o protagonista.
- 22.30 Telejornal — em diferido a edição transmitida no I Programa às 20 e 30.
- 23.00 Fecho



Amanhã

I PROGRAMA

... 1.º Período — 12.45: Abertura e Da Saúde e da Vida; 13.00: Vivendo o Futuro — locução de Gina Esteves; 13.15: Telejornal — 1.ª edição; 13.30: Concerto; 14.00: Logo à Noite — cartaz dos cinemas e teatros de Lisboa e Porto e da TV; — Ciclo Preparatório TV — 14.10: Língua Portuguesa (1.º ano); 14.35: Matemática (2.º ano); 15.00: Francês (1.º ano); 15.25: Ciências da Natureza (2.º ano); 15.50: Educação Visual (1.º ano); 17.10: Matemática (1.º ano); 17.35: Língua Portuguesa (2.º ano); 18.00: Trabalhos Manuais (1.º ano); 18.25: Francês (2.º ano). 2.º Período — 19.00: Programa produzido pelo Departamento de Programas Juvenis e Infantis; 19.30: Momento Desportivo; 20.00: Com Todas as Letras; 20.30: Telejornal — 2.ª edição; 21.00: «Capitão Kloss» — série filmada de origem polaca; 22.00: Temas e Problemas — rubrica apresentada pelo Departamento de Programas Político-Sociais; 23.00: Telejornal — 3.ª edição; 23.15: Fecho.

II PROGRAMA

... 20.30: Abertura e Da Saúde e da Vida; 20.40: Vivendo o Futuro; 21.00: Impacto; 21.50: «Serviço Especial» — série filmada com George Sewell e Patrick Mower; 22.45: Telejornal; 23.15: Fecho.

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV
CLÍNICA DE TELEVISÃO
E ASTRONAUTA
COM RADIO TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
Deslocação e orçamento gratis
Telefs. 72 27 86 - 83 42 71
Avenida S. João de Deus, 13-B - Rua Macau, 8

Desporto

HÓQUEI EM PATINS

Sporting na alta-roda europeia

Vencendo o último campeonato nacional, o Sporting conquistou o direito de representar o hóquei português na «Taça dos Clubes Campeões Europeus» da modalidade, a única competição que ainda não deu qualquer título ao hóquei nacional. Como se sabe (e um pouco à imagem e semelhança do que aconteceu durante os primeiros anos da sua congénere futebolística) os títulos têm ficado sempre em Espanha.

Esta época será (pois) o Sporting a representar o hóquei em patins português na «Taça dos Clubes Campeões da Europa». O sorteio já foi realizado, muito embora a competição apenas principie no próximo mês de Março. Por agora, portanto, será ainda cedo demais para analisar as possibilidades da turma orientada por Torcato Ferreira, já que a actual forma dos seus jogadores não pode ser toma-

da como a verdadeira à data dos primeiros jogos. Valerá como factor de análise, o facto de em Março, o nosso campeonato estar a decorrer, o que poderá fornecer a indicação (preciosa) de que nesse mês os atletas estarão a caminho da sua melhor forma.

De qualquer modo, não se tornará impossível (nem perigoso) percorrer o trajecto «leonino» indicado pelas esferas de Barcelona (que foi a cidade onde se realizou o sorteio), numa antevista de que poderá vir a acontecer à equipa que mora em Alvalade... mas treina na Amadora. Assim, o primeiro adversário ditado para o Sporting é o Montreux Hockey Club, uma agremiação que é nossa conhecida de torneios particulares e que está perfeitamente ao alcance de Chana e seus parceiros. Os jogos realizar-se-ão a 6 e 20 de Março, sendo o primeiro emba-

te na Suíça.

Se (como se espera) o Sporting eliminar o Montreux, terá de derrotar (a 10 de Abril e a 8 de Maio) a turma belga do Canada Dry Lichstad (uma Amadora relativa a Bruxelas). Outro conjunto que se mostra em absoluto à altura do Sporting, tomando em consideração o real valor do hóquei praticado na Bélgica e em Portugal.

Se o Sporting ultrapassar estas duas barreiras, terá pela frente (nas meias-finais) o Voltegrá (que se desembaraçará, certamente, do Union Sportive Coutras). Vai ser esta a eliminação mais difícil para os rapazes de Torcato Ferreira: todavia, as datas para os dois jogos (12 e 26 de Junho) devem coincidir com o princípio da preparação da selecção nacional com vista ao «mundial», sendo (portanto) de admitir que os representantes de Alvalade / Amadora estejam no me-

lhor (ou quase) da sua forma.

A final (também em duas «mãos») está marcada para os dias 10 e 17 de Julho. Se o Sporting se conseguir livrar do Voltregá, tudo se conjuga (teoricamente) para, na final, ter pela frente uma outra equipa espanhola: a do Barcelona que (de qualquer jeito, conforme a história nos ensina) deverá afastar o Novara, seguido do Walsum....

É este o panorama internacional do Sporting com vista à «Taça dos Clubes Campeões Europeus». Não obstante o calendário se mostrar o mais carregado de todos os participantes, há que, desde o primeiro instante confiar em Torcato Ferreira, o homem que já somou todos os títulos, excepto o de vencedor da «Taça dos Campeões Europeus». Afinal, mais um aperitivo para o cerrar de dentes que é absolutamente necessário.



Para aplaudirem o Sporting e passarem o Natal com familiares chegaram ontem, dos Estados Unidos, umas dezenas de portugueses. Por cá ficarão uns dias: domingo, no Lavradio, vão reunir-se para espreitarem os «leões» de cá

Para meditar

Pugilista dito «profissional». Trinta e um anos. Uma fractura de crâneo aos 7 anos (queda de um eléctrico), atropelamentos aos 13 e aos 15 anos, com longos períodos de imobilização. Nome: Carlos Alberto de Almeida.

Campeão nacional, e de momento, o mais viajado dos boxeadores portugueses. No «palmarés» como amador, uma marca curiosa: 120 combates apenas com três desaires. No campo profissional lutou com cinco campeões da Europa e dois titulares mundiais.

Nível das «bolsas» em Portugal: entre sete e dez contos. A «bolsa» maior que cobrou

no estrangeiro: 128 contos. Agora, com uns dinheiros juntos, Carlos Almeida pensa adquirir um talho, negócio em que trabalhou durante anos. E até aos 33 continuar a boxar, ainda que episodicamente.

Um punhado de comunicados, entre o correio diário. Dois, ao acaso: da Comissão Central de Árbitros de Hóquei em Campo e da Associação de Andebol de Lisboa.

No primeiro: «Os árbitros poderão recusar-se a arbitrar os jogos em campos não policiados, sendo marcada falta de comparência ao grupo do clube proprietário do campo, on-

de e deveria realizar o respectivo jogo, sendo neste caso do Clube organizador as despesas de organização. Embora o assunto seja de exclusiva competência dos árbitros, a Comissão Central chama a atenção para todos os interessados, que o efectivo policial deve ser como mínimo indispensável, um agente nos jogos de juniores e três nos encontros entre seniores».

No segundo, ao mesmo tempo que se torna pública uma multa (dois mil escudos) ao Atlético, «por factos ocorridos no jogo de seniores com o Oriental», anuncia-se a suspensão de vários clubes «por não

terem satisfeito o pagamento de prémios de arbitragem». Na lista: Ajudense, Vencedores de Jornais, Sporting da Penha, CDUL, Atlético e Co'ra da Piedade.

Uma vida a ser esmurrado. Forças policiais obrigadas a estarem presentes em diálogos desportivos.

Por falta de meia dúzia de tostões, o «desemprego» para praticantes do andebol que ficam com as asas cortadas e os sonhos derrubados.

Três factos que saltam no dia-a-dia. Para que neles se pense um bocadinho.

N. DE S.

Lá fora

A Alemanha Federal foi oficialmente escolhida para a realização dos campeonatos mundiais de ciclismo, em 1978. A União Ciclistica Internacional concedeu a realização do Campeonato do Mundo em pista coberta, em 1977, à Checoslováquia.

O calendário ciclistico já foi aprovado e publicado senão daí retirada a prova Génova-Liège (programada para 6 ou 7 de Março) e a «Volta às Astúrias», prevista para 7 e 11 de Julho.

A lista dos produtos conside-

rados «doping» já foi oficialmente anunciada pelo secretário-geral, M. Jekiel.

A Assembleia Geral da O.N.U. reafirmou, por unanimidade, o «Princípio Olímpico» proibindo toda a discriminação, racial, religiosa ou política nas competições desportivas.

A moção, aprovada pela Assembleia Geral, pede a todos os Governos que exerça o máximo esforço para que o

O halterofilista «super-pesa-

do» Gerd Bonk (da Alemanha) princípio seja respeitado, nos encontros internacionais, incluindo os Jogos Olímpicos.

Numa outra resolução, também aprovada por unanimidade, a Assembleia Geral exprimiu a sua solidariedade com os presos políticos na África do Sul e reiterou o seu apelo ao Governo sul-africano para que conceda uma amnistia incondicional a todas as pessoas encarceradas devido à sua oposição à política de «apartheid».

de Leste) de 24 anos, campeão do mundo de «epaule-jete», estabeleceu um novo recorde do mundo nesta modalidade, ao levantar 246,5 quilos, no «Karl Max-Stadt», na R.D.A. Bonk melhorou (assim) em 500 gramas o antigo recorde, do soviético Vassili Alexeiev.

O F.C. de Amesterdão, da primeira divisão holandesa, contratou Bjarn Petersen, o melhor «goleador» do futebol dinamarquês. Petersen, de 23 anos, pertencia ao KB de Copenhaga.

drouços-Ac. Amadora e Ateneu-Lusitano.

Zona D: Sp. Farense-C.I.F., Est. Alvalade-Rio Seco, Almada-Os Olhanenses, Nacional-Combatentes, Física-Maria Pia, Saalipus-Torres Novas, Lus-Oriental e Moscadive-Carnide.

Foi criada a Associação Portuguesa de Técnicos de Natacão, que vai abranger os grupos de monitores, monitores graduados, treinadores estagiários, regionais e nacionais. Inscrições até 31 de Dezembro corrente, na sede da Federação.

«Troféu Três Reis Magos», em Atletismo, promovido pelo Club Estrelas de Campolide, no dia 11 de Janeiro, nos terrenos anexos ao Quartel de Cacadores 5, em Campolide.

As equipas de basquetebolistas femininas (categorias juniores) de quatro clubes (Belenenses, Progresso, Queluz e Casa Pia) desistiram do «regional» lisboeta.

A prova «20 quilómetros em estrada», para atletas masculinos e femininos, processa-se a 21 do corrente, numa organização da Associação de Atletismo de Lisboa. Partida da Malveira da Serra e meta no cruzamento da estrada para Areias, no Guincho.

Corrida de S. Silvestre, idealizada pelo Desportivo Operário do Rangel (Amadora), na noite de 31 do corrente.

Fraude à conta do Porto

Em Lima (Peru) foi instaurado um processo contra o presidente, o assessor legal e outros dirigentes do clube de futebol «Carlos A. Mannucci», de Trujillo, por presumível delito de fraude, apropriação ilícita e contra a fé pública, calculado em 600 mil soles (cerca de 330 contos).

Alejandro Neciosup Alcantara, Mario Rosazza Pisarello, Alfonso Sifuentes Olaechea e Victor Pelaez Gutierrez foram detidos, em consequência do encontro entre o F.C. do Porto e o «Carlos Manucci», em que a assistência real de público não se reflectiu nos bilhetes vendidos. O estádio onde se disputou o encontro tem uma capacidade de aproximadamente 12 mil pessoas e, no dia do jogo Manucci-Porto, ocultou-se a informação habitual,

só fornecida no dia seguinte. Os números: 6846 bilhetes vendidos com um ingresso líquido de 594 240 soles (325 contos) não convenceram.

O jogo foi organizado pelo clube local, em seu benefício. O Porto recebeu 650 mil soles (350 contos) mais as despesas de transportes, alojamento e alimentação. Em consequência, os dirigentes organizadores informaram que «houve deficit». Do mesmo parecer foi o representante da Associação Nacional de Futebol, que participou na liquidação das contas... Mas a Polícia informou que se tinha confirmado que os dirigentes do Manucci, que actuaram como empresários, mandaram fazer sete mil bilhetes, dois mil dos quais fora do controlo...

Pugilismo trágico

Devido a lesões cerebrais, sofridas num combate travado em Las Vegas, com um conterrâneo, morreu o pugilista dos meios médios Roy Holloway, de 23 anos.

Holloway foi derrubado no

10.º e último «assalto», tendo, ao cair, batido com a cabeça na mesa da Imprensa, colocada junto ao ringue. Pouco depois, entrou em convulsões e passou ao estado de coma sem recuperar a consciência.

Para hoje

Aniversário da Federação de Ginástica: convívio de ginastas no Lisboa Ginásio Clube (das

18.30 às 20.00) seguindo-se, numa pastelaria da Av. da República, um jantar.

OS MENINOS E AS MENINAS VÃO CORRER COMO PUDEREM

Os «Ases das Avenidas» continuam a impulsionar o atletismo: a 21 do corrente (pelas 10 horas) promovem o «Grande Prémio do Natal», que será corrido no percurso Saldanha-Restauradores, por rapazes e meninas.

As partidas das várias categorias de concorrentes estão localizadas ao longo do trajecto: do Saldanha abalam os moços com 14 ou 15 anos, da Avenida Fontes Pereira de Melo partem os rapazes com 12 ou 13 anos e as meninas de 14 ou 15 e, finalmente, do Mar-

quês de Pombal é dada a partida para os rapazinhos com idade compreendida entre os 8 e os 11 anos, mais as raparigas de 9 a 12.

A jornada de propaganda atlética destina-se a toda a sorte de praticantes, venham eles de clubes ou colégios, liceus ou escolas, em representação de bairros ou ruas. Há medalhas. Há taças. Mas (e, sobretudo) estará presente o espírito desportivo que contribui para uma confraternização sempre desejada entre os jovens.

Factos

A Federação de Atletismo já indicou a presença em 1978 das seguintes provas: Carl's Lopes em Houllis, França (a 28 do corrente); Anacleto Pinto e Tavares da Silva, na «Volta à Cidade do Funchal» (dia 29) e Aniceto Simões, na «51.ª Corrida Internacional de S. Silvestre», em S. Paulo, Brasil (dia 31).

A Associação de Voleibol de Lisboa vai organizar um curso de treinadores estagiários no período compreendido entre 3 e 11 de Janeiro próximo.

A Federação Portuguesa de Basquetebol realizará o «Torneio de Natal», para iniciados e juvenis, especialmente dedicado aos clubes da Associação de Lisboa.

Nos dias 27 e 28 de Dezembro, a Associação de Ténis de Mesa do Porto leva a efeito o 1.º Grande Torneio Aberto de Natal - singulares. Cenário: o Ginásio do Liceu Garcia da Horta sendo gratuitas as inscrições.

Encerram no próximo dia 5 de Janeiro as inscrições para o «Torneio de 3.ª», promovido pela Federação Portuguesa de Badminton, para o «Torneio de 2.ª», as inscrições encerram a 12 do mesmo mês.

Nos dias 3 e 4 de Janeiro, o F.C. do Porto leva a efeito, no seu pavilhão gimnodesportivo, o I Critério-Norte de patinagem artística. As inscrições ter-

minam amanhã e podem participar jovens, dos 11 aos 18 anos. Foram especialmente convidados 13 clubes que se dedicam a esta actividade.

Em 18 de Janeiro, terá lugar o «I Grande Torneio Aberto de Ténis de Mesa, do Sport Lisboa e Águias», no Clube Tléctico de Campo de Ourique. As inscrições encerram no próximo dia 7 de Janeiro.

Hoje, às 22 horas, na sede social do Ginásio Clube Português, sessão solene de encerramento das comemorações do centenário do clube.

A Associação de Voleibol do Porto promove, nos dias 29, 30 e 31 do corrente, um estágio-convite destinado a praticantes iniciados, que decorrerá no Centro de Estágio da Direcção-Geral de Desportos no Porto. Entretanto, a mesma Associação leva a efeito, nos próximos dias 20, 21 e 27, um «torneio aberto» para iniciados, que terá lugar no Pavilhão municipal da Maia e que tem o patrocínio do Castelo de Maia Ginásio Clube.

A Federação de Lutas Amadoras concorrerá, no próximo ano, a três provas internacionais: «Taça Oceano» (6 e 7 de Março), «Torneio Aniversário» (14 e 15 de Maio) e «I Torneio Internacional de Esperanças» (12 e 13 de Julho).

Até 26 do corrente estão abertas.

Moçambique

Balanço de seis meses é positivo

Seis meses decorridos desde a independência de Moçambique, aquela ex-colónia portuguesa afirma-se, em gestos firmes e certos, como uma das mais progressistas nações africanas, como mais um sólido bastião da luta anti-imperialista, pela independência e liberdade dos povos.

Uma tal política não poderia deixar de suscitar críticas e ataques, por parte de quantos, a soldo do imperialismo ou servindo os seus objectivos, alinham, directa ou indirectamente, nas fileiras da reacção nacional e internacional, contra a revolução e o progresso. Entre nós, sobretudo, atitudes deste tipo têm-se tornado correntes, por parte de certos órgãos de informação bem definidos ou de grupos declaradamente contra-revolucionários.

Independentemente dos seus críticos, resistindo a todas as pressões e boicotes, o povo moçambicano, guiado pela Frelimo, continua, contudo, a construir decididamente o seu futuro, em passos seguros pela via do socialismo.

Assim o provam os factos.

E. R.

SEIS MESES DEPOIS

Desde a independência que o povo e o Governo de Moçambique progrediram, decisivamente, a caminho do socialismo, baseados na política interna e externa da Frelimo.

Ao anunciar que iam ser tomadas de imediato medidas a caminho do socialismo, o presidente Samora Machel disse, na maior reunião até hoje efectuada em Moçambique: «Os nossos camaradas sacrificaram-se, o povo foi bombardeado com 'napalm' para tornar possível a libertação da terra — que agora continua a ser controlada por um punhado de pessoas no nosso país... Onde está a liberdade? Não fizemos a guerra no nosso país... Onde exploradores continuam a explorar o nosso país».

O presidente declarou que a terra passaria a pertencer ao povo e seria controlada pelo Estado. Todas as escolas privadas e religiosas foram nacionalizadas. Os estabelecimentos de ensino primário, liceal e universitário, estão a ser reorganizados para substituir o sistema de educação colonial por um de tipo moçambicano. Durante as férias de Verão, mil e seiscentos estudantes e professores da Universidade de Lourenço Marques foram enviados para o interior para trabalharem no campo e em fábricas, numa tentativa de pôr termo às velhas ideias elitistas do sistema colonial.

A medicina privada foi proi-

bida e as clínicas privadas e hospitais missionários nacionalizados. Actualmente, existem menos de cem médicos em Moçambique para uma população de nove milhões.

O sector de saúde foi orientado, dando prioridade às zonas mais desfavorecidas do interior, estando-se a trabalhar na preparação de novos quadros.

Os escritórios dos advogados foram encerrados, iniciando-se, em seguida, a reorganização judicial de todo o sistema.

A primeira sessão do Conselho de Ministros decidiu que se deveria adoptar uma política firme de austeridade e desenvolvimento, em especial relevância para os sectores da Saúde, Educação e Agricultura. As forças de Defesa Nacional — exército regular orientado para o campo militar e de produção — e as forças policiais, desempenham as suas funções sem salários, até que o país esteja reconstruído e possua uma economia sólida.

A LUTA CONTINUA

O presidente Samora Machel passou a sua primeira semana como dirigente da nação visitando a polícia, os quartéis, explicando a todas as forças quais os principais objectivos da sua missão: deveriam trabalhar, numa primeira fase, sem salários, não existirão postos nas forças militares e militarizadas, e que, se fosse neces-

sário, regressar-se-ia à luta armada para iniciar uma nova revolução contra os nacionalistas reacçãoários.

A política anti-racial da Frelimo foi, uma vez mais, sublinhada pelo presidente Samora durante o maior comício efectuada na capital. O presidente Samora disse: «Qualquer que seja a força que pretende criar divisões no seio do povo, (...) far-nos-á pegar em armas para os combater (...). Não importam que sejam brancos ou negros (...). Não combatemos a cor. Combatemos sim, ideias».

O novo Governo da República Popular de Moçambique, após a sua tomada de posse, teve, de imediato, vários conflitos religiosos com algumas seitas estrangeiras.

O presidente Machel também atacou as Testemunhas de Jeová por se oporem ao estabelecimento de aldeias comunais. Por outro lado, vários outros religiosos, em especial aqueles que haviam combatido o regime colonial português, demonstraram já o seu apoio à Frelimo e à linha socialista que se está a imprimir no território.

De entre as outras medidas tomadas, salienta-se a reconversão da Informação (a qual passará a estar destinada a divulgar a linha da Frelimo, a servir a unidade nacional e a divulgar a cultura moçambicana), a reorganização do sistema de emprego, pondo termo aos favoritismos existentes anteriormente, e o controlo dos filmes e publicações estrangeiras bem como da entrada e saída de pessoas do país.

Foram introduzidas novas leis na indústria, de molde a combater a especulação e a sabotagem económica. Um grande número de firmas, que foram abandonadas pelos seus donos, encontram-se agora a funcionar em cooperativas.

Foram estabelecidos, em várias localidades do país, estabelecimentos denominados «Lojas do Povo» para venda ao público de todos os produtos de primeira necessidade a preços abaixo do normal.

ALDEIAS COMUNAIS

Durante a Conferência Nacional de Agricultura, realizada em Setembro, dirigentes do ministério da Agricultura reuni-

ram-se com representantes daquele sector vindos das várias províncias, de modo a serem estudadas, em conjunto, as melhores maneiras de pôr em prática as directivas emanadas pela Frelimo. O tema principal da conferência foi as aldeias comunais e o importante papel que os camponeses têm na revolução socialista em curso em Moçambique.

Por sua vez, o ministro das Obras Públicas e Habitação expôs as linhas de orientação do Governo para a execução das «Aldeias Comunais»: «Uma 'Aldeia Comunal' não pode ser apenas um aglomerado de casas ou um ajuntamento de terrenos. Acima de tudo, uma aldeia comunal significa produção colectiva. A criação das aldeias é a única maneira correcta de criar uma nova sociedade onde sejam banidas todas as formas de exploração. Para ser economicamente viável, cada aldeia deve possuir, pelo menos, cinco distritos com duzentas e cinquenta famílias num total de mil e quinhentas a duas mil e quinhentas pessoas».

Cada aldeia comunal terá escolas, enfermarias, clínicas ou hospitais, centros culturais, desportivos e políticos, fábricas e depósitos de produtos de primeira necessidade, um centro administrativo incluindo um centro distribuidor, polícia, rádio, jornais.

A aldeia deverá produzir o suficiente para auto-abastecimento, e, dos lucros obtidos, conseguir-se capital suficiente para construir estradas na localidade e outras ligando as diferentes «Aldeias Comunais».

A 25 de Setembro, data da comemoração do décimo aniversário da luta armada, foram abertas «Machambas» colectivas em todo o país, à semelhança do que acontecia no tempo da luta armada, onde as forças armadas trabalhavam em colaboração com o povo. O presidente Samora e outros elementos do Governo participaram, ao lado da população, na abertura de uma «Machamba» colectiva no Umbeluzi — a vinte quilómetros da capital — onde se irá erguer uma «Aldeia Comunal».

Também para assinalar aquela data, em Quelimane, a população dos subúrbios iniciou a



Os Serviços de Saúde são um dos pontos sensíveis da República de Moçambique. Há poucos médicos para um território vastíssimo, e o êxodo acentuou-se depois das medidas de nacionalização sectorial tomadas pelo Governo logo a seguir à independência.

construção de sete mil residências, projecto a concretizar ainda durante este decénio.

Durante uma Assembleia Popular naquela cidade, foi tomada aquela decisão, que mereceu, por parte do Governo, o apoio imediato em material.

APOIO INTERNACIONAL

A reconstrução de Moçambique também está a ser apoiada por países estrangeiros, através de empréstimos, e auxílios em pessoal técnico, em especial dos países socialistas.

Foram também assinados acordos com a UNDP, UNICEF, e OMS para projectos que incluem campanhas sanitárias contra o sarampo, tuberculose, e varíola. A FAO está a fornecer assistência aos 350 mil refugiados moçambicanos que regressaram recentemente ao país, enquanto o alto-comissário para os refugiados está a apoiar a repatriação de moçambicanos refugiados na Tanzânia e Zâmbia.

O novo Governo anunciou também a sua política internacional, demonstrando-se solidário com os povos oprimidos e favorável ao desenvolvimento de relações militantes com todos os países e forças progressistas, mantendo, no entanto, os princípios da independência, soberania nacional, igualdade e não interferência nos assuntos internos dos outros países. Moçambique foi admitido, imediatamente após a independência, nas Nações Unidas, na Organização da Unidade Africana e no Grupo dos Países Não-Alinhados.

PAÍSES IRMÃOS

O agradecimento de Moçambique à Tanzânia, um dos mais directos aliados durante a luta armada, foi reforçado pela visita feita pelo presidente Nyerere a Moçambique, a primeira efectuada por um presidente estrangeiro.

Durante a sua estadia, foram assinados vários acordos, reforçando os laços ideológicos e as relações entre os dois países, no campo diplomático e económico.

Foi estabelecida uma comissão permanente com o objectivo de tornar as duas economias complementares. A referida comissão investigará e preparará acordos bilaterais em vários campos e formulará uma política de mercados comuns para exportação, defendendo assim os seus interesses no mercado mundial.

Moçambique e a Tanzânia produzem dois terços do total da produção de caju do mundo, mas a maioria da preparação daquela castanha é feita no exterior, estando-se, neste momento, a pensar em estabelecer uma fábrica conjunta. A mesma comissão será também consultada no caso de investimentos estrangeiros em ambos os países e investigará a oportunidade para uma acção conjunta nesses domínios.

Os novos elos diplomáticos e consulares entre Moçambique e a Tanzânia serão ainda superiores aos existentes entre os países pertencentes à Comunidade da África Oriental. Cada um dos países terá autoridade para representar o outro e as missões diplomáticas poderão emitir visas e passaportes para o outro país.

A comissão estabelecida entre Moçambique e a Tanzânia levou ainda em conta a possibilidade de outros países poderem querer também participar, com interesses mútuos.

Esta comissão parece ser o primeiro passo para o estabelecimento de um grupo económico na África Austral, o qual poderia facilmente substituir a débil comunidade da África Oriental. É certo que isso possibilitará a cooperação com a Zâmbia, Botswana e, no futuro, com o Zimbabwe e Angola.

O papel do Malawi é incerto — apesar da sua dependência de Moçambique em relação ao acesso ao mar. A relação entre Moçambique e o Malawi são tensas, face ao apoio dado pelo presidente Banda ao regime colonial português.

No domínio das comunicações, as estradas que ligam Moçambique à Tanzânia e Zâmbia estão a ser desenvolvidas e já se encontra a funcionar uma via que liga a Beira — segunda cidade moçambicana — a Lusaka — capital da Zâmbia.

SOLIDARIEDADE INTERNACIONALISTA

A semelhança de antes da independência, os dirigentes da República Popular de Moçambique continuam a demonstrar a sua total solidariedade com a SWAPO e o povo da Namíbia, na sua luta contra a ocupação estrangeira; com o MPLA, em Angola; com movimentos de libertação da África do Sul e com os direitos nacionalistas rodésios de pegarem em armas contra Smith, se este não conceber um regime de maioria negra para o povo.

Nas Nações Unidas, o ministro dos Negócios Estrangeiros de Moçambique, Joaquim Cansano, disse que a repressão da África do Sul atingiu níveis muito elevados através de práticas nazis e coloniais. O acordo com Chissano, muito países ocidentais não poder furtar-se à responsabilidade neste caso. Chissano afirmou ainda que as forças rodésias, na sua campanha repressiva, não hesitaram em violar a fronteira moçambicana, originando confrontações. A Rodésia decretou o recolher obrigatório do pôr ao nascer do sol, ao longo de toda a fronteira com Moçambique, devido à fuga de habitantes daquele país para território da República Popular de Moçambique. (ANOP)



A Frelimo tem longa prática de ensino em circunstâncias precárias, mas o seu objectivo é naturalmente outro, mais ambicioso e de acordo com as perspectivas do país.

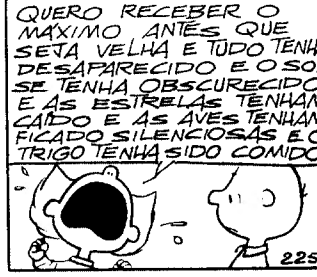
Geral

O INQUÉRITO AO 25 DE NOVEMBRO

Relativamente aos acontecimentos do 25 de Novembro, uma resolução do Conselho da Revolução, inserta na folha oficial de hoje, atribui ao Serviço de Polícia Judiciária Militar a competência para instruir «os processos crimes relativos aos implicados no golpe militar» e

promover a tramitação subsequente.

Nomeia igualmente uma comissão de inquérito, presidida pelo brigadeiro piloto-aviador Luís António da Silva Araújo «para averiguar as causas e o desenvolvimento do mesmo golpe militar e propor as medidas que julgar aconselháveis».



DEFENDENDO-SE DE ACUSAÇÕES

Carta de Otelo aos directores de quatro jornais

Otelo Saraiva de Carvalho dirigiu uma carta aos directores de «A Luta», «Jornal Novo», «Tempo» e «Expresso» na qual refere, nomeadamente que tais jornais, «para destruir a minha imagem junto do grande público, não utilizaram a verdade. Deturparam frases ou atitudes que eu tomei, especularam a respeito de outras e de tudo isso nasceu um Otelo de Carvalho virado do avesso».

A carta é motivada, aparentemente, pelo artigo inserto no semanário «Tempo» e intitulado «Watergates na política portuguesa», onde se considera Otelo como tendo «aversão à democracia» e «designios de

ditador». O comandante do extinto Copcon, pretendendo repôr a verdade dos factos considera tal artigo como «exemplo do tipo de jornalismo que visa apenas a destruição de uma figura da Revolução» e contesta a generalidade das afirmações aí feitas, nomeadamente a de ter sido ele próprio a elaborar as listas dos presos no 28 de Setembro e no 11 de Março, pois — segundo afirma — «tais indicações provieram sempre de camaradas meus ou organismos nos quais eu depositava confiança suficiente para nelas acreditar».

A propósito da exploração

feita ainda no citado artigo acerca da sua afirmação referente aos contra-revolucionários para o Campo Pequeno, Otelo sublinhou que tal frase lhe ocorreu pois «lembrava-me (e lembro-me) apenas do que aconteceu na bem recente revolução socialista chilena, tão rapidamente abortada por um vitorioso golpe de direita que permitiu aos contra-revolucionários de Pinochet ceifar 30 000 vidas no Estádio de Santiago do Chile».

«A minha frase», concluiu Otelo — «era um alerta e o receio do que estaria a acontecer em Portugal. E oxalá que eu me tenha enganado redondamente...»

RAUL REGO AO "AURORE"

"Não devemos encorajar a divisão da esquerda"

Paris, 17 — (F.P.) — Numa entrevista publicada esta manhã pelo jornal francês «L'Aurore» (direita radical), o antigo director do jornal «République», Raul Rego, acha que «a coligação que se impõe em Portugal neste momento deve abranger os comunistas».

Para Raul Rego «o grande responsável pelo golpe de Estado de 25 de Novembro é o P. C., mas que não podemos encorajar sem cessar as divisões da esquerda». Por outro lado acha que a coligação go-

vernamental deve reagrupar o Partido Socialista, os sociais-democratas do P. P. D. e o Partido Comunista «uma coligação P. S.-P. C. não seria realista pois o P. P. D. é uma força política real», acrescenta Raul Rego.

O ex-director do «République» acha que o antigo ministro Sanches Osório, considerado por alguns portugueses como representante da Democracia Cristã, poderia entrar em Portugal assim como o ex-general Spínola se estiverem dispo-

tos a aceitar o jogo democrático e não utilizarem a força». Mas também é possível, segundo Raul Rego, que sejam presos devido aos acontecimentos do 11 de Março.

Finalizando, Raul Rego considera que a «crise de autoridade» que aumentava em Portugal «foi em parte resolvida com o 25 de Novembro» e que «o segundo problema fundamental» a resolver é «a gravíssima crise económica» que Portugal atravessa.

PPD's formam CERESD

Um grupo de militantes do Partido Popular Democrático vai formar uma associação: o Centro de Reflexão e Estudos Social-Democrático, sigla Ceresd. No lançamento promotor da iniciativa figuram nomes como Marcelo Rebelo de Sousa, José Alfaia, Ointo Pereira, Joaquim Lourenço, Fátima Correia e Rui Almeida Fernandes. Reconhecem-se aqueles militantes do P. P. D. que, na crise recente produzida pelo Congresso de Aveiro, sem alinharem com os dissidentes, apresentaram contudo condições para continuarem dentro do partido. A iniciativa associam-se ainda os dois contestados dirigentes da J. S. D. Juventude Social-Democrática Guilherme de Oliveira Martins e António Rebelo de Sousa contestados por, na altura, se

terem colocado ao lado do secretário-geral do partido, Francisco Sá Carneiro.

A formação da associação presente parece vir afastar quaisquer hipóteses de os chamados «condicionais» se desolidarizarem da direcção do P. P. D. personalizada em Sá Carneiro. Com efeito, ainda ontem, e segundo uma informação naturalmente fidedigna que o «Expresso» hoje expende, Sá Carneiro e os «condicionais» emitiram um comunicado conjunto onde reconhecem, citamos, «a satisfação das condições mínimas apresentadas por estes para a sua permanência no partido, designadamente o direito de tendência, a revisão dos estatutos, assegurada a efectiva democraticidade interna e a recomposição do Secretariado».

Ainda segundo a mesma fonte, houve ontem em S. Bento uma reunião entre os chamados «condicionais» e alguns dos recentes dissidentes. Estes terão ficado de estudar as conclusões para qualquer atitude a assumir oportunamente. Parece não totalmente posta de parte a hipótese de pelo menos alguns dos dissidentes virem a ligar-se ao recém-formado Ceresd.

Associação dos Refugiados do Ultramar

A Associação dos Portugueses Refugiados do Ultramar, que acaba de ser criada e se anuncia «apartidária e com o VI Governo», promove hoje, às 18 horas, no Pavilhão dos Desportos, uma sessão de esclarecimento público, em que serão apresentadas as razões do seu aparecimento e os objectivos a que se propõe prosseguir. Constituída por nacionais retornados das ex-colónias, a nova associação tem a sua sede na Rua das Portas de Santo Antão, 117 (Telefone 371721).

TÉCNICO DE CONTAS

Inscrito no DGCI aceita escritas em regime de part-time ou full-time em empresa de boa estabilidade.
Resposta ao Telef. 822554.

tempo

Situação do tempo
09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava geralmente muito nublado e o vento era fraco

TEMPERATURAS EXTREMAS

TAVIRA: Máxima 13,5°
PENHAS DA SAÚDE: Mínima 04,2°

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar 13,8°
Atmosfera 6°

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H

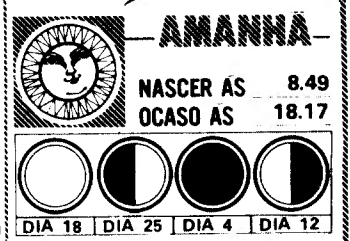
PORTO 5°
P. DOURADAS 7°
COIMBRA 5°
PORTALEGRE 8°
LISBOA 9°
FARO 14°
FUNCHAL 14°

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
3.17 3,7 m	8.54 1,1 m
15.38 3,6 m	21.06 1,0 m
Dia 18	
3.56 3,8 m	9.32 0,9 m
16.16 3,7 m	21.44 0,9 m
Dia 19	
4.32 3,9 m	10.10 0,8 m
16.55 3,7 m	22.21 0,8 m

PREVISÃO GERAL ATE AS 24 H. DE AMANHÃ

Céu temporariamente muito nublado com diminuição gradual de nebulosidade; vento geralmente fraco; possibilidades de aguaceiros nas regiões do Sul; condições favoráveis à formação de geada nas terras abrigadas do interior



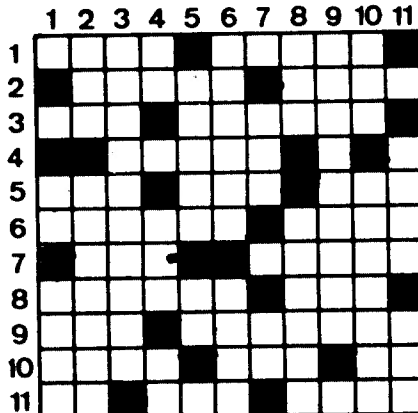
palavras cruzadas

COM PROVERBIO

PROBLEMA N.º 11248

HORIZONTAIS

- Pronome demonstrativo. Universo
- Planta também chamada erva-do-lagarto. Elemento que entra em algumas palavras com o significado de ar.
- Pronome pessoal. Rezasse
- Cidade de Itália
- Cantão da Suíça. Passada. Oia
- Exemplo. Icar
- Macaco pequeno do Brasil. Serra de Portugal
- Azinhaga. Caminhar para cá
- Artigo. Maridos.
- Calotes (pop). Ecoa. Pronome pessoal
- Carta de jogar. Espaço de doze meses. Nome de flor.



VERTICAIS

- Tempo do verbo ser. Artigo indefinido. Apanha
- Chiste. Tocaras de leve
- Saltitante
- Pronome pessoal. Ena! Apelido
- Toca. Preposição
- Conjuge (do sexo masculino). Queimo
- Três vogais iguais. Rio de Itália
- Em as. Envenenar com ervas
- Desunis
- Reze. Gatunos.
- Pessoa cruel. Transpira

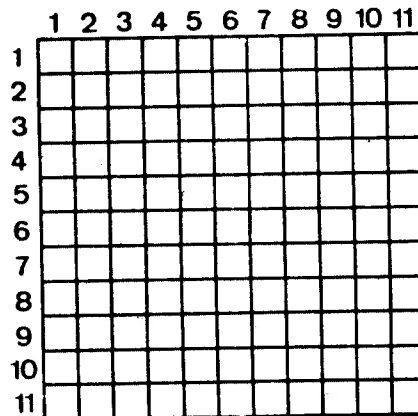
Resolveu completamente este problema? Procure agora em segundo passelempo o PROVERBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 7408

HORIZONTAIS

- Flexíveis
- Preposição latina que designa movimento. Consentiriam
- Palavra gaélica que significa filho e precede um grande número de nomes irlandeses e escoceses. Intimo
- Rezas. Planer
- Nome de planeta. Oculta
- Países Baixos. Prefixo de negação
- Botequim. Pequeno poema medieval narrativo ou lírico
- Artigo definido. Um dos dias da semana
- Cabelos brancos. Nome de flores
- Farrapos. Macaco americano
- Ouro (s.q.) Restos mortais. Campeão.



VERTICAIS

- Uma das Espóradas. Não mais (Interj).
- Oferecer. Tens. Estrépito de desmoronamento
- Temperatura elevada. Centiare
- Nota musical. Um dos pontos cardeais. Primeiro estômago das aves
- Antiga agência telegráfica de imprensa. Arvore com cuja casca se aromatiza o vinho. Isolados
- Suco. Em as. Abreviatura de Santíssimo
- Irmão do pai: Transferir para outro dia
- Caminhar. Fileira. Bondosas
- Cinto. Sucesso
- Em partes iguais. Uma das novas Hébridas na Melanésia. Grande porco
- Samário (s.q.). Velhos (fig).

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11247

HORIZONTAIS

- CLARO. Amara.
- Reger. Mia.
- Amas. Pairar.
- Ves. Cri. Obi.
- Asta! Am.
- Apos. COMO.
- Ocosos.
- Arar. Raras.
- Go. Tai. As.
- Ua. Alamo. Ca.
- Asara. Ossos.

VERTICAIS

- Cravar. ÁGUA.
- Lemes. Broas.
- Agasta.
- Res. Aportar.
- Or. Oc. Ala.
- Presaria.
- Amal. Sa. Mo.
- Mil. Acordos.
- Aaro. Osa.
- Abam. Saco.
- Arrimou. Sãs.

Provérbio: CLARO COMO ÁGUA.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7407

HORIZONTAIS

- Bola. Valado.
- Arai. Irás.
- Ramosa. Ce.
- Ria. MCM.
- Assa. Aaro.
- Vinagre.
- Bato. Fracas.
- Oia. Miado.
- Gr. Planos.
- Aas. Ir. Ba.
- Sorriam. For.

VERTICAIS

- Barra. Bogas.
- Orais. Airós.
- Lamas. Ta. Sr.
- Aio. Avô.
- Só. Mill.
- Via. Enfiara.
- Ar. Aran.
- La. Cagados.
- As. Marcos.
- Ora. Bo.
- Opero. Solar.

farmácias de serviço

LISBOA

TURNO I-2
ATÉ ÀS 22 HORAS

AJUDA
Lopes Ribeiro, R. Cruzeiro, 117 (T.633288)

AREIRO
País, R. Abade Faria, 22-A (T.723965)

ALTO DE S. JOÃO
Oriente, R. Lopes, 120 (T.843381)

BAIRRO DA ENCARNÇÃO
Zira, P. Casas Novas, lote 66 (B. da Encarnção) (T.310172)

BENFICA
Marques, E. de Benfca, 648 (T.700096)

CAMINHOS DE FERRO
Zema, R. General Justiniano Padrel, 21 (à C. dos Barbadiños) (T.832580)

CAMÕES
Barreto, R. do Loreto, 24-30 (T.327284)

CAMPO DE OURIQUE
Urbano de Freitas, R. Silva Canvalho, 1-9 (T.662838)

CAMPO PEQUENO
Galeno, Av. Óscar Monteiro Torres, 28-A (T.774920)

CASTELO
Silva, C. de Santo André, 16 (T.862074)

ESTEFANIA
Pancada, R. Rebelo da Silva, 9 (à R. Pascoal de Melo) (T.43340)

LUMIAR
Alameda, Alm. das Linhas de Torres, 201-B (T.790042)

PICOAS
Sagres, Av. Luis Bivar, 69-71 (T.47213)

TURNO I-1
TODA A NOITE

AL: AFONSO HENRIQUES
Eusil, R. Barão de Sabrosa, 104 (T.841912)

ALCANTARA
Findor, R. D. Maria Pia, 514 (T.687949)

ALVALADE
Libia, Av. da Igreja, 4-B-C (T.711681)

AREIRO
Chindo, R. Agostinho Lourenço, 6-B (T.710331)

AVENIDAS NOVAS
Cosmos, Av. João Crisóstomo, 44-C (T.40592)

BAIRRO GRILLO
Madre de Deus, R. Margem, 15-B (ao B. Grillo) (T.382470)

BAIXA
Unifa, R. da Vitória, 21 (T.323793)

CAMPOLIDE
Sakuter, R. B. 75-A-B (B. da Liberdade) (T.683694)

INTENDENTE
Intendente, L. Intendente Pina Menique, 50-51 (T.47838)

MARQUES DE POMBAL
Gomes, R. Rodrigo da Fonseca, 101-A (T.682333)

PALHAVA
Aguilar, Av. Columbano Bor-

dalo, Pinheiro, 98-A (T.78343-764629)

PAMPULHA
Lealade, R. Olival, 226 (T.663441)

RESTELO
Higiluz, R. Pedrouços, 50-52 (T.610280)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Miraflores, R. António Granjo, 2 (T.213161)

PAÇO DE ARCOS
Trindade Brás, R. Costa Pinto, 184 (T.2432034). Até às 22 horas

OEIRAS
Godinho, R. Cândido dos Reis, 98 (T.2430090). Toda a noite

CARCAYELOS
Central, Toda a noite

PARADE
Brandão, Av. da República, 77-C (T.2471054). Até às 24 horas

MURTAL
Primavera, R. das Parreiras, 2 (T.2472278). Toda a noite

MONTE ESTORIL
Suíça, Cruzeiro (T.260087). Até às 22 horas

CASCAIS
Cascais, R. Conde de Monte Real, B. das Caixas (T.282407). Até às 22 horas: Misericórdia, R. Regimento 19, 41 (T.280141). Toda a noite

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Melo, P. D. João I, 9-B (T.932756); Central, Av. Cardoso Lopes, 25 (T.932210); Igreja, P. da Igreja, 22-A (T.937740); Jardim, Av. Conde de Oeiras, 120 (T.938424)

DAMAIA
D. João V, Av. Gurgel do Amaral, 2-A (T.970461)

VENDA NOVA
Nova, R. Elias Garcia, 10 (T.972530)

QUELUZ
André, Av. Elias Garcia, 151 (T.950043); Queluz, Av. Miguel Bombarda, 123-A (T.951841)

CACÉM
Garcia, Av. dos Missionários, 2 (T.2942181)

MEM MARTINS
Químia, E. de Mem Martins, 285 (T.2910012)

S. PEDRO DE SINTRA
Valentim (T.980456)

SINTRA
Marrazes, Estefânia (T.2930058)

COLARES
Abreja (T.299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Gameiro, L. António dos Santos Jorge, 15 (T.234100)

ALHOS VEDROS
Gusmão, R. Cândido dos Reis, 30 (T.204020)

ALMADA
Magalhães, R. Capitão Leitão, 21-A (T.2750271)

BAIXA DA BANHEIRA
Aliança, E. Nacional, 178-B (T.2040302)

BARREIRO
Central, Av. Alfredo da Silva, 48 (T.2073207)

COVA DA PIEDADE
Louro

MOITA
União Moitense, Av. Dr. Teófilo Braga (T.239029)

MONTUJO
Giraldes, R. Almirante Reis, 45 (T.2310008)

SESIMBRA
Leão, Av. da Liberdade, 13 (T.2233471)

SETÚBAL
Bocageana, R. do Romeu (T.234425); Bairros, B. Santos Nicolau (T.23330)

SEIXAL
Soromenho, R. Paiva Coelho, 38 (T.221856)

PORTO

TURNO 5
ATE ÀS 22 HORAS

Foz, Rua Senhora da Luz, 380
Foz, Alírio de Barros, Rua de Costa Cabral, 240; Central, Rua de Santo António, 203; Gomes Carneiro, Rua de Cedofeita, 348; Magalhães, Rua de Serralves, 566; Nova de Monsanto, Rua de Monsanto, 148; Correia, Praça Mouzinho de Albuquerque, 50; Corujeira, Rua de S. Roque da Lameira, 1473; Couto, Largo de S. Domingos, 106; Lapa, Rua Antero de Quental, 211; Luso-Francisco, Rua S. da Bandeira, 140.

A PARTIR DAS 22 HORAS

Foz, Rua Senhora da Luz, 380
Foz, Couto, Largo de S. Domingos, 106; Alírio de Barros, Rua de Costa Cabral, 240; Nova de Monsanto, Rua de Monsanto, 148.

COIMBRA

Nazaré, R. Ferreira Borges, 135 (T.22605); Santa Isabel, Av. S. da Bandeira, 28 (T.24916); Solum, R. Carolina Michaelis, 20 (T.22120)

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

ADÓQUE
20.30 e 22.30 (18 anos)
«A CIA dos Cardeais»

CAPITÓLIO
21.15 (18 anos)
«Mostra-Me a Tua Piscina»

CIRCO MARIANO
21.45
No Largo Martin Moniz

CIRCO MEXICANO
21.30 (6 anos)
Ao pé da Feira Popular

LAURA ALVES
20.30 e 22.45
«A Mão no Ar e o Pé Atrás!»

VASCO SANTANA
21.30 (13 anos)
«Tapas e Rendas»

MONUMENTAL
20.30, 22.45 (18 anos)
«Lisboa acordou»

VARIEDADES
21.15 (13 anos)
«Adeus Valentina»

MARIA VITÓRIA
20.30 e 22.45 (18 anos)
«Força, Força, Camarada Zé»

LISBOA/Cinemas

PARIS
21.00 (13 anos)
«Paulo e Michel»

OLÍMPIA
21.15 (18 anos)
«Amor Livre»

JARDIM
21.00 (18 anos)
«Os Galãs Atacam»

LINHA DE CASCAIS

ESTORIL
Casino
17.00 e 21.15 (18 anos)
«O Comando Anti-Droga»

CASCAIS

S. José
21.15 (18 anos)
«Duro no Dever... Galante no Amor»

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Recreios Desportivos
21.30 (14 anos)
«Código: Juggernaut»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 (13 anos)
«Frankenstein Junior»

LARANJEIRO
Instrução e Recreio
21.30 (18 anos)
«O Belo Monstro»

PORTO/Teatros

SÁ DA BANDEIRA
21.30 (13 anos)
«O Pascoal»

PORTO/Cinemas

PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«Os Caminhos do Prazer»

S. JOÃO
21.15 (18 anos)
«Pecados em Família»

TRINDADE
21.15 (18 anos)
«Júlia e os Homens»

COLISEU
21.00 (18 anos)
«Isabela, duquesa do Diabo»

ESTÚDIO

21.15 (18 anos)
«Anna Aquele Particular Prazer»

ESTÚDIO FOGO
21.15 (6 anos)
«A Culpa foi do Macaco»

RIVOLI
21.15 (18 anos)
«Wang-Yu-O o invencível»

CARLOS ALBERTO
21.15 (18 anos)
«Os Contos de Canterbury»

OLÍMPIA
21.15 (18 anos)
«Profissão Aventureiros»

VALE FORMOSO
21.15 (13 anos)
«Ana»

ÁGUA DE OURO
21.30 (13 anos)
«Voluntários à Força»

JÚLIO DINIS
21.15 (18 anos)
«A Perversa»

BATALHA
21.15 (13 anos)
«Casamento de Padre»

COIMBRA

TIVOLI
21.15 (13 anos)
«Metello»

GIL VICENTE
21.15 (18 anos)
«Aconteceu no Oeste»

S. TEOTÓNIO
21.15 (18 anos)
«Os Inocentes e Contraditório»

AVENIDA
21.15 (13 anos)
«Já Experimentou Numa Ma- la?»

cinemas

CASTIL

T. 530194 15.30, 18.30, 21.15
Interdito a menores de 18 anos

UM FILME DOCE

De Susan Makaveju
Em 3.ª semana

IMPÉRIO

T. 555134 15.15 e 21.15
Interdito a menores de 18 anos

CASAMENTO DO PADRE

Hoje, sessão clássica
às 18.30 h.
CHAPLIN
O GRANDE DITADOR
Versão integral (10 anos)

NIMAS

T. 574362 As 21.15

Para todos
Os irmãos Max

UMA NOITE EM CASABLANCA

Riso dos bons velhos tempos

ROYAL

T. 865037 15.30, 21.15

Não acons. a menores de 18 anos

O PIRATA

um filme de grande categoria

POLITEAMA

T. 326305 14.15, 16.30, 19.00, 21.30

Interdito a menores de 18 anos

AS CONFIDÊNCIAS DE UM LEITO MUITO ACOLHEDOR

Contém cenas eventualmente chocantes — 8.ª Semana

VOX

T. 720808 14.15, 16.30, 19, 21.30

Interdito a menores de 18 anos

AS CONFIDÊNCIAS DE UM LEITO ACOLHEDOR

Contém cenas eventualmente chocantes — 9.ª semana

ROMA

T. 727778 15.30, 18.30 e 21.15

OS MALUCOS VÃO À GUERRA

Para todos M/6 anos

SATÉLITE

T. 562632 14.30, 16.45, 19.00, 21.30

Não acons. a menores de 13 anos

OS INSEPARÁVEIS

MUNDIAL

T. 538743 15.15, 18.30 e 21.30

Interdito a menores de 18 anos

A VIÚVA INCONSOLÁVEL

Com Edwige Fenech

CARLOS MANUEL

Tel. 2930394 21.15

Não acons. a menores de 13 anos

«TÃO SÉRIO COMO O PRAZER»

BARES • BOITES

RESTAURANTES
TÍPICOS

DANCINGS

NINA — Dancing com atrações. Rua Paiva de Andrade, 7-13 Telef. 364859/368197, Joanne Duplex Stripteaseuse rodessiana

CASINO ESTORIL — Jogo autorizado. Variedades internacionais. T. 261461/164526/264596/264621/264946

CALEIDOSCÓPIO

T. 795093 14.00, 16.30, 19.00, 21.15

Para todos M/6 anos

Walt Disney productions

UMA ILHA NO TECTO DO MUNDO

A aventura para além da imaginação

EDEN

T. 320769 14.00, 16.30, 19.00, 21.15

Interdito a menores de 18 anos

A FÚRIA DO DRAGÃO

Um filme de Bruce Lee

ODEON

T. 326283 15.15, 18.15, 21.15

Interdito a menores de 18 anos
Em 3.ª semana de sensação (colorido)

A comédia de sexo e de pecado à solta

COMO CAÇAR UM MARIDO

Contém cenas eventualmente chocantes
Um festival malandricos «secre-tas»

APOLO 70

T. 763319 15.15, 18.15, 21.15

Não acons. a menores de 18 anos

ACONTECEU NO OESTE

Com Claudia Cardinale, Henry Fon-da e Charles Bronson

CASINO ESTORIL

T. 26 4621 17.00 e 21.15

Grupo D Maiores 18 anos

O COMANDO ANTI-DROGA

S. JORGE

T. 54153/4 15.15, 18.15, e 21.15

Não acons. a menores de 18 anos

Burt Lancaster é
O HOMEM DA LEI

Um «western» sensacional
2.ª semana

RESTELO

T. 610375 21.00

Grupo C Maiores 14 anos

ATÉ OS ANJOS COMEM FEIJÕES

AVIS

T. 47163 15.30, 18.30, 21.15

Interdito a menores de 18 anos

7 MORTES NOS OLHOS DO GATO

CINEARTE

T. 660446 21.15

Não acons. a menores de 18 anos

O ÚLTIMO VERÃO

ESTÚDIO

T. 555135 15.30, 18.30 e 21.15

Interdito a menores de 18 anos

BRINCANDO COM O FOGO

Sophia Kristel e Jean Louis Trintig-nant

ESTÚDIO 444

T. 779095 15.30, 18.30, 21.15

Interdito a menores 18 anos

FUGA NA NOITE DE NATAL

um filme de Michel Mitrani

EUROPA

T. 661016 21.15

Não acons. a menores de 13 anos

A SEMENTE DE TAMARINDO

UNIVERSAL

T. 774402 As 15.00, 19.00, 21.00

Não acons. a menores de 13 anos

um filme de Herbert Diberman

SAL DA TERRA

As 17.00 e 23.00
PARA TODOS
LINHA GERAL

CONDES

T. 322523 14.15, 16.30, 18.45, 21.45

Para todos

Em frente... RIR

SIM, SIM, MEU CORONEL

C/Jacques Dufilho e Aldo Maccione

BERNA

T. 776098 14.00, 16.30, 19.00 e 21.15

Não acons. a menores de 13 anos

UM DIA DE SOL



RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO-GERAL
RUA CASTILHO, 185, 1.º, 2.º
TELEF. 654531/2/3/4
REDAÇÃO SERVIÇOS TÉCNICOS
E PUBLICIDADE
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEF. 321154/5, 320271/2/3
RUA DA ROSA, 75
END. TEL. DIBDA TELEF. 12363
LISBOA-PORTUGAL

O "DL" EM RIO MAIOR

O «Diário de Lisboa», juntamente com o seu colega da tarde «Diário Popular», voltou ontem, mais uma vez, a ser contestado em Rio Maior.

Na origem do sucedido, que levou à formação de novas ameaças contra o nosso jornal, encontra-se a cobertura dada ao «2.º Plenário Nacional de Agricultores», ali realizado no passado domingo.

Pela nossa parte, nada temos a acrescentar quanto

ao teor da referida reportagem: trata-se de factos ocorridos no decurso do plenário, narrados segundo a leitura que dos mesmos fez o repórter, na sua qualidade de observador. Sem insinuações nem especulações.

Quanto às ameaças, porém, e porque não são novas, há que repetir que, como é inevitável, em nada contribuirão para a alteração de posições. Nunca a violência conduziu ao diálogo, se é, por acaso, ao diálogo que se pretende chegar.

DE BRUXELAS A BONA

Soares prossegue digressão europeia

BRUXELAS, 16 — (F. P.) — Mário Soares pensa que os últimos acontecimentos registados em Portugal não podem, de forma alguma, ser interpretados como uma «viragem à direita». De passagem por Bruxelas, onde se encontrou com diversos políticos belgas, o secretário-geral do P. S. disse à agência France-Presse que aqueles acontecimentos tinham permitido, pelo contrário, uma «reafirmação da esquerda». Da esquerda — especificou — «que respeita o sufrágio universal e a vontade do povo português».

Na opinião de Soares, a situação encontra-se clarificada. — «Neste momento — acrescentou — está posta de parte a hipótese de um golpe comunista e não há razão para temer um «golpe de direita». Finalmente, manifestou a esperança de que as comunidades europeias apoiem a recuperação da economia portuguesa.

ração da economia portuguesa.

O «leader» do P. S., que realiza uma digressão informativa por várias capitais da Europa Ocidental, recebera, antes, o prémio de 1975 da Fundação Socialista Belga, «Joseph Le Maire», que tem por objectivo «encorajar as iniciativas que visem favorecer o progresso social em todos os domínios». Albert Schweitzer e Paul-Henri Spaak foram contemplados com este prémio.

EM BONA

O secretário-geral do Partido Socialista avistou-se hoje em Bona com Willy Brandt, presidente do S. P. D., devendo igualmente ser recebido pelo chanceler Helmut Schmidt. Estão igualmente previstas conversações com o ministro dos Negócios Estrangeiros Hans-Dietrich Genscher e com o ministro da Defesa, Georg Leber.

Cunhal no Congresso do P.C. Cubano

HAVANA, 17 (ANOP/DL) — O I Congresso do Partido Comunista Cubano, descrito em Havana como o acontecimento mais importante desde a revolução que levou o dr. Fidel Castro ao Poder, há quase 17 anos, foi hoje inaugurado, após muito tempo de preparativos.

O Congresso votará uma minuta da primeira Constituição Socialista de Cuba e aprovará o seu primeiro plano quinquenal de desenvolvimento, não sendo, porém, provável que introduza alterações importantes no género pragmático de comunismo que vigora no país.

Fidel Castro, primeiro-ministro e secretário-geral do P. C., proferirá o principal discurso político, avaliando o progresso da evolução cubana e traçando os seus planos para o futuro político e estabilidade económica do país.

Espera-se que o Congresso inicie sessões secretas, após a cerimónia inaugural, mas representantes dos órgãos de comunicação social poderão ouvir o discurso do dr. Fidel Castro, que será transmitido em directo pela televisão.

Para as Comissões de Defe-

sa da Revolução, as quais pertencem 80 por cento dos adultos cubanos, o começo do Congresso assinalará o fim de alguns demorados e difíceis preparativos.

Os seus elementos trabalham voluntariamente aos domingos, sem qualquer paga, para melhorar o aspecto da ilha-país em que vivem, pintando fachadas de edifícios, plantando flores e fazendo ornamentações em papel para decorar as ruas.

A eleição da Comissão Central do Partido e da Comissão Política deverá efectuar-se já perto do fim do Congresso, na próxima segunda-feira.

DELEGAÇÃO DO P. C. P.

Participam no Congresso do Partido Comunista Cubano cerca de oitenta delegações de partidos comunistas de todo o mundo. Uma das delegações participantes é a do P. C. P.

Chefiada pelo secretário-geral, Álvaro Cunhal, a delegação do P. C. P. integra ainda dois elementos do Comité Central, um efectivo e um suplente, respectivamente, Ângelo Veloso e José Pedro Soares.

Negociações M.F.A.-Partidos começam ao fim da tarde

Ao fim da tarde (19.30) começaram as negociações entre o Conselho da Revolução e os partidos políticos para a revisão do Pacto com o M.F.A. assinado antes das eleições de 25 de Abril deste ano. O major Melo Antunes será o redactor do anteprojeto da revisão, o qual deverá já estender a sua influência aos acertos para remodelação do VI Governo.

Assunto delicado (fundamental): o «como» e «quando» da eleição do Presidente da República. Outros ainda: os poderes do Conselho da Revolução, a Assembleia do M.F.A. no futuro ou o seu futuro.

Quanto à Constituição do Conselho Superior da Revolução, as surpresas virão, porventura, da Marinha, com a nomeação de um oficial relativamente desconhecido do grande público, Costa Correia, a ratificação de Martins Guerreiro, elemento não afecto à linha

dos «nove» nem aos militares considerados «operacionais» e também com o regresso de Vitor Crespo, ministro da Cooperação.

Pelo Exército foram nomeados o major Vítor Alves, também um regressado ao C.R., actual ministro da Educação e Investigação Científica e elemento da primitiva Comissão Coordenadora, e o brigadeiro Pires Veloso, um «operacional», oficial controverso que foi substituir no Comando da Região Militar do Norte o agora major (ex-brigadeiro graduado) Corvacho. Da sua nomeação diria o próprio à Imprensa:

«Só se for considerado indispensável».

Sobre a sua nomeação teria dito um elemento do M.F.A.:

«É uma forma de Pires Veloso estar mais tempo em Lisboa».

Se, por um lado, observadores políticos reconhecem uma certa ascensão da linha afecta

aos «nove», por outro ficam surpreendidos pelo aparecimento (ou continuação) de Martins Guerreiro, que tem sido definido como um oficial afecto a outra linha, a «gonçalvista».

Finalmente, para além do significativo regresso de Hugo Santos, major ligado ao «Movimento dos Capitães» e que desempenhava funções na Embaixada de Portugal na Roménia, prevendo-se que venha a ser colocado no Estado-Maior do Exército, registre-se que para a revisão do Pacto M.F.A.-Partidos foi nomeada uma comissão composta pelo general Ramalho Eanes, chefe do Estado-Maior do Exército; brigadeiro Vasco Lourenço, comandante da Região Militar de Lisboa; major Melo Antunes, ministro dos Negócios Estrangeiros, comandante Martins Guerreiro, da Marinha, e o major Canto e Castro, da Força Aérea.

Mulheres dos «pides» protestam

Continuação da pág. 1

Pelo teor da exposição, concluiu-se que os «pides» de Custódios ou eram ex-militares ou trabalhadores normais que, por isso, não podem constituir nenhum perigo para a sociedade. Alguns deles, de resto, estavam «como trabalhadores integrados em empresas e em perfeita comunhão e aceitação com os demais trabalhadores», segundo invoca o recurso apresentado.

Em Lisboa os argumentos das famílias dos ex-«pides» são menos inconsistentes. O argumento humanista predominou na exposição. O grupo de mulheres que o «D. L.» contactou em Belém mostrou-se a princípio desinibido e sinceramente aberto à comunicação.

Só que a certa altura duas das manifestantes, numa viragem brusca muito à maneira das encenações dos interrogatórios exigiu o rascunho dos apontamentos do repórter e avançou para o fotógrafo...

«Andamos nesta luta há vinte meses!» gritavam. «Estamos fartas de informações deturpadas! Os retornados e os desempregados têm direito à assistência e nós nem sequer podemos utilizar o cartão da AD-SE!».

Para lá da agressividade as reclamações das manifestantes correspondiam ao essencial da exposição que acabava de entregar à Presidência de Ministros.

CARAS MARCADAS

Os «pides» foram recrutados em todas as camadas sociais. Desde alta-burguesia, donde vieram Sachetti, Barbieri Cardoso ou José Manuel Passo, à cidade marginal que produziu Tienza (participante no assassinato do general Delgado) ou um Chico Alves, especialista da noite e dos bas-fonds. Sairam da infância da fome, como o célebre sub-inspector Gouveia ou da caserna dos campos de concentração, como o sinistro Seixas que começou a carreira como guarda do Tarrafal. Outros, filhos do campo que, por falta de meios, recorreram à instrução grátis dos seminários católicos. O agente Domingues, assassino do militante comunista Dias Coelho, é um

caso de entre a impressionante legião de «pides» que iniciou a sua emancipação cultural no seminário.

O argumento da pobreza, tão invocado pelos homens da corporação negra como atenuante compreensível foi repetido pelas manifestantes de S. Bento, que, ao mesmo tempo insistiram no tema do «desinteresse pela política».

O VIDRO

As mulheres concentradas em Belém manifestaram certo desagrado pela maneira como o general Costa Gomes recebeu as suas delegadas. Insistindo no facto de os maridos «estarem há vinte meses presos sem culpa formada», o senhor Presidente da República ter-lhes-ia respondido com a evocação de casos como o do dr. Álvaro Cunhal e o de Octávio Pato. Anos e anos encarcerados sem qualquer nota de culpa. De qualquer modo, sublinham o interesse manifestado, quer pelo general Costa Gomes, quer pelo funcionário do Gabinete do Primeiro-Ministro que as atendeu.

Parece não oferecer dúvidas a ninguém que as dificuldades de investigação e os métodos não repressivos exigidos por toda a autêntica democracia nos interrogatórios a qualquer cidadão, «pides» incluídos, atrasaram os processos. Em várias ocasiões a opinião pública justificadamente se levantou contra excessivas tolerâncias e «liberdades» de que foram beneficiários alguns dos mais conhecidos «pides». Lições de «karaté» na Penitenciária, visitas extraordinárias, exigências várias, insubordinações latentes, tudo isso indignou o País, que não esqueceu ainda os crimes praticados ou colaborados, ainda que passivamente por esses profissionais da «ordem» fascista.

Algumas das mulheres seguiram depois para a Comissão de Extinção, solicitando do capitão Sousa e Castro facilidades especiais no contacto com os presos durante a quarda natalícia. Entre essas: a eliminação do vidro que separa, nos parlamentos, o preso do visi-

tante.

A pretensão terá decerto o despacho correcto por parte do director da Comissão de Extinção. Recorde-se no entanto que o mesmo vidro (precaução compreensível em períodos normais da detenção) não ofereceu até ao 25 de Abril qualquer reparo por parte dos «pides». E, mais, que, quando os fuzileiros navais sob a direcção do comandante Abrantes Serra ocuparam em Caxias foram encontrar oculto na moldura do vidro uma minúscula e sofisticada detecção electrónica para captar as conversas dos presos com os visitantes. Um microfone invisível de meio centímetro e de alta fidelidade, transmitia todos os pormenores do diálogo ao gravador que o próprio director da cadeia tinha instalado no seu gabinete do reduto Norte!

A aparelhagem foi destruída — hoje o vidro é outro. só vidro.

Este e outros pontos do caderno reivindicativo dos familiares dos «pides» são fundamentados no período de excepção e de tolerância que sugere a quadra do Natal. Muitas das mulheres que agora se querem fazer ouvir só há meses conhecem com verdade a vergonha do passado dos maridos. Algumas — sente-se-lhes nas palavras — continuam sem compreender a responsabilidade colectiva que impende sobre os homens que lhe garantiam o lar e os filhos. Têm por vezes o rosto marcado pela vida dura do campo ou a postura pequeno-burguesa da mulher dos bairros modestos da cidade.

No entanto ao pressentirem a objectiva do fotógrafo todas elas instintivamente viram as costas. Ao contrário das mulheres dos prisioneiros do fascismo, que enfrentavam orgulhosamente os insultos dos guardas, estas evitam, recusam o confronto, o registo. São pessoas traumatizadas, com filhos e problemas que é urgente resolverem-se. Mas são mulheres de costas para o presente que vê nelas um passado de que, muitas vezes não participaram.



OS AMIGOS DOS AMIGOS

A propósito da ajuda soviética a Angola, Ginette Cot refere num artigo publicado num dos últimos números da revista «Afrique-Asie» a seguinte afirmação de Mgouabi, presidente da República Popular do Congo (Brazzaville): «O Partido Congolês do Trabalho nunca alinhou por nenhum país socialista do Mundo; sempre defendeu uma política revolucionária, mas congolês. Entretanto, quando um país socialista como a União Soviética ajuda o M.P.L.A., então nós dizemos: os amigos dos nossos amigos nossos amigos são».

Na mesma revista, Jack Bourdier recorda o recente desabafo de Mobutu: «Se o M.P.L.A. ganha a partida em Angola só me resta fazer as malas».

TIMOR AO LONGE

O embaixador de Portugal junto à ONU, José Manuel Galvão Teles, recebeu instruções de Lisboa para que aproveite a presença em Nova Iorque de uma delegação da UDT e recomece as negociações para a libertação dos 23 militares portugueses que estão presos em Timor.

Anteriormente já haviam sido mantidos contactos a esse respeito. Entretanto, esses mesmos contactos foram, gradativamente, caindo para segundo plano.

A declaração de independência por parte da FRETILIN e a posterior invasão por parte da Indonésia fizeram com que o caso continuasse pendente. As instruções de Lisboa advertem que o contacto com a delegação da UDT seja «cauteloso».

Prisioneiros libertados em Timor

Segundo anuncia a agência reuter citando declarações do ministro dos Negócios Estrangeiros da Indonésia, Adam Malik, os 23 prisioneiros portugueses, na sua maioria militares, que se encontravam em poder das forças do M. A. C./U. D. T., foram já libertados.

Num encontro realizado ontem à noite com jornalistas estrangeiros, em Jacarta, Adam Malik, respondendo a uma pergunta sobre a sorte dos prisioneiros portugueses, afirmou categoricamente: «Já estão livres».

Recorda-se que a libertação dos 23 portugueses, detidos pelo M. A. C./U. D. T., foi solicitada por Lisboa em Outubro último, tendo nesse sentido sido também pedidos os bons ofícios da Indonésia.

Hoje na TV: a situação dos municípios

O ministro da Administração Interna faz esta noite uma comunicação ao País, através da televisão, sobre «a situação financeira das Câmaras Municipais e as medidas de carácter financeiro susceptíveis de contribuir para a sua recuperação a curto prazo».

Em ALBUFEIRA, o DIÁRIO DE LISBOA encontra-se à venda no Largo Eng.º Duarte Pacheco (António Santos Labisa)